



CEDI - P. I. B.
DATA 16/05/87
COD. XVD 82

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
Rua do Lago, 717 - C.P. 8.105 - CEP 05508 - Cidade Universitária - São Paulo (SP)

Estudo do Laudo Antropológico assinado pelo Senhor JURANDIR BRITO DA SILVA, nos autos da Ação de Desapropriação indireta nº 10.535/83.

Profª. Drª. Maria Aracy de Padua
Lopes da Silva.

Deptº de Antropologia - Faculdade
de Filosofia, Letras e C. Humanas -
Universidade de São Paulo.

1987

I. CONSTATAÇÕES PRELIMINARES

O documento em questão apresenta graves problemas de concepção e elaboração que depõem contra sua seriedade e contra a confiabilidade de suas conclusões. Tal afirmação assenta-se sobre constatações feitas a partir da análise do laudo segundo os seguintes critérios:

- a) linguagem empregada;
- b) domínio de conceitos antropológicos utilizados no texto;
- c) precisão dos dados a partir dos quais a argumentação é construída;
- d) seleção e uso das fontes.

A) LINGUAGEM EMPREGADA:

Desta perspectiva, o laudo em exame mostra-se eivado de vícios de interpretação. Há, em várias passagens (transcritas a seguir), pré-julgamentos que induzem a uma conclusão que se antecipa ao exame dos fatos. Estes não são descritos com a imparcialidade que um documento desta natureza requer; antes, são interpretados no momento mesmo de sua apresentação. Senão, vejamos:

a.1) A fls 2070 do processo (pg. 01 do laudo), no "Histórico dos Autos", sem localização no tempo, lê-se:

"Fazenda Xavantina S/A, Fazenda Estrela D'Oeste S/A e Fazenda Capim Branco S/A, com sede em Barra do Graças, Estado do Mato Grosso, eram proprietárias de uma área de terras rurais..." (grifo nosso).

E ainda, a fls. 2071, lê-se:

"Em 15/12/1980, as proprietárias acima qualificadas..." (grifo nosso).

Se eram ou não proprietárias legítimas é o que está em questão, justamente, neste processo.

a.2) A fls. 2071 (pg. 02 do laudo), lê-se:

"Em 21 de dezembro de 1979, o Governo Federal, através do Decreto nº84.337, transformou parte dessa área, ou seja, o montante de 89.419,00 ha(...), em propriedade da União, caracterizando-a como reserva Parabubure, sob a administração da Fundação Nacional do Índio - FUNAI". (grifos nossos)

Há, aqui, um caso exemplar de indução do leitor a conclusões pré-estabelecidas, através da interpretação dos fatos implícita no modo de apresentação dos mesmos.

O decreto federal criou a Reserva a partir de estudos que levaram ao reconhecimento da área como território Xavante. A idéia implícita neste trecho do laudo é que a história do litígio entre índios e brancos, neste caso, tem como momento inicial e indiscutível, a situação em que as terras eram propriedade das três fazendas. Num segundo momento,

há a interferência arbitrária e usurpadora do governo federal, que age em benefício próprio, "transformando" as Fazendas em propriedade da União pelo artifício (é o que se deduz) de sua "caracterização" como Reserva Indígena.

a.3) A fls. 2073 (pg. 04 do laudo), lê-se, no item sobre a "localização":

"Os imóveis constitutivos das três fazendas expropriadas situam-se junto às cabeceiras do Rio Couto Magalhães..."(grifo nosso).

Trata-se de mais uma comprovação dos desvios na elaboração do laudo que vimos apontando.

a.4) E assim, também, às mesmas fls., nos itens "Vias de Acesso" e "Hidrografia", quando diz:

"O acesso às fazendas se faz, partindo-se da cidade..." e "o Sistema hidrográfico das fazendas é bom, sendo formado..."(grifo nosso), ignora o fato de a área em questão não se tratar, desde o decreto federal de dezembro de 1979, de "Fazendas" e sim de "Reserva Indígena". Ao fazê-lo, aliás, desconsidera até mesmo o fato de estarem as terras, exatamente, em questão.

a.5) Fls. 2095 (pg. 26 do laudo) :

"... até o final de 1978, não houve, em verdade, qualquer ação belicosa de parte dos índios Xavante da Reserva de Couto Magalhães, reivindicando as terras que eles alegavam "ser de seus avós" e que pertenciam às autoras".

O pré-julgamento é aqui evidente e dispensa maiores comentários. A gravidade deste procedimento é patente : invalida a perícia pois seu autor assume, por princípio, o papel de parte.

B) DOMÍNIO DE CONCEITOS ANTROPOLÓGICOS BÁSICOS UTILIZADOS NO TEXTO.

Embora não se possa requerer de um profissional de outra área um domínio plenamente satisfatório e atualizado da teoria antropológica, é de se supor que um mínimo de conhecimento seja necessário para a análise precisa de uma situação de disputa envolvendo povos indígenas. E isto é tanto mais verdade quanto mais a argumentação se baseie em práticas sociais e culturais propriamente indígenas. O uso indiscriminado de termos científicos aos quais são atribuídos significados aleatórios e juízos de valor, por falta de conhecimento adequado e global dos quadros teóricos a que pertencem, é prática inaceitável.

Considere-se, a título de exemplo de um procedimento bastante disseminado no corpo do texto que estudamos, o uso de termos tais como "perambulação", "andança", "andejos", nos seguintes trechos:

b.1) Ao comentar um documento que julga "precioso" pelas informações que contém (fls.2074), diz o autor do laudo que aquele texto "permite individualizar os sítios de ocupação posterior, temporária, permanente ou de mera perambulação daqueles silvícolas, ao longo do tempo e do espaço geográfico". com bases nestas informações, o autor elabora um "Fluxograma (docs.anexo nº 3), destas andanças" (grifos nossos).

b.2) "É certo que uma parte dos índios, entre 1915 e 1946, perambularam pela região do Rio Batovi, nas terras que lhe fica (sic) na margem direita, e que tal perambula-

ção se estendeu até as margens do médio Rio Culuene, já que os índios Xavante, como revela sua história, são essencialmente nômades" (fls. 2081, grifos nossos).

Estão confundidos aí vários conceitos antropológicos sob os termos empregados. É sobejamente documentada e analisada - em suas razões e relevância para a constituição e sobrevivência das sociedades de caçadores e coletores - nos estudos antropológicos, a mobilidade destes povos. Bastaria citar, a título de ilustração, os trabalhos de Marshall Sahlins ("A Primeira Sociedade da Afluência", in Edgard de Assis carvalho (org.) Antropologia Econômica. SP, Livraria Ciências Humanas, 1978), Claude Levi-Strauss (Tristes Trópicos, SP, Anhembi, 1957) e Richard Leakey ("A Vida como Caçador - Coletor". A Evolução da Humanidade. SP, Melhoramentos, 1982).

Esta mobilidade - elemento estrutural deste tipo de sociedade organizada ao redor de técnicas rudimentares - assume, de uma perspectiva histórica, a forma de migrações (ocasionadas ou não por disputa do território ocupado, por outros grupos humanos, inclusive e muitas vezes, principalmente os não-índios). De uma perspectiva estrutural, assume a forma de nomadismo ou semi-nomadismo (a partir de uma aldeia-base) associado a um aproveitamento maximizado dos recursos naturais do território habitado.

A "perambulação", portanto, não é mera "andança", em uma razão de ser, ligada à própria possibilidade de sobrevivência destes grupos humanos. Além disso, tem articulações com o modo pelo qual se organizam as relações sociais e políticas das sociedades assim constituídas. Se, para os não-índios "perambular" pode querer dizer "vagar sem rumo, sem razão", com a carga pejorativa em que isto implica, para os índios de certas sociedades não há nada de fortuito de menos racional ou de "mera" perambulação gratuita nos períodos em que percorrem seu território em excursões de caça e coleta.

Dois estudos ficam aqui indicados - dentre tantos existentes - como fontes que ilustram essa questão. Da perspectiva histórica, cabe citar, de Dominique T. Gallois, Migração, Guerra e Comércio: os Waiãpi na Guiana, SP. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1987, Coleção Antropologia. Da perspectiva estrutural, A Sociedade Xavante, de David Maybury-Lewis, RJ: Francisco Alves, 1984 (especialmente capítulo II: "Ecologia", em anexo)

Deve ter ficado claro, a esta altura, que o nomadismo ou semi-nomadismo são padrões de ocupação do território dos grupos indígenas e o praticam. Fica, assim, invalidada a oposição que o texto do laudo muitas vezes propõe entre "perambulação" e "ocupação".

4) Lê-se, a fls. 2095, o seguinte:

"O que havia de fato (até o final de 1978) era o comportamento natural do índio Xavante, que por manter sua cultura e seus hábitos de nomadismo..."

Embora, aqui, haja emprego correto do termo "nomadismo", a passagem expressa concepções inaceitáveis pela Antropologia Contemporânea. A ideia do "homem natural" ou do "homem em estado de Natureza", central na reflexão iluminista, foi rejeitada pela Antropologia a partir do

momento mesmo de sua constituição como disciplina autônoma em relação à Filosofia, ou seja, em meados do século passado.

Além disso, o texto do laudo - neste pequeno trecho - é contraditório: atribui aos Xavante um "comportamento natural" e, a seguir, explica seus "hábitos de nomadismo" pela "manutenção de sua cultura". São clássicos e bastante numerosos, no campo das Ciências Sociais, os estudos sobre a questão das relações entre Natureza e Cultura. Há enfoques e argumentações variadas. Há teorias voltadas para a compreensão do como ter-se-ia dado o processo da passagem do estado de Natureza para o de Cultura (F. Engels e C. Geertz seriam apenas dois dos autores que adotaram tal perspectiva); há toda a obra de Levi-Strauss a refletir entre estas duas categorias com que opera o pensamento humano (ver, por exemplo: "Natureza e Cultura". As Estruturas Elementares do Parentesco. Petrópolis, Vozes, 1976). Todas as teorias, porém, trabalham com a contraposição entre Natureza e Cultura, quer as considerem estados históricos ou categorias estruturais do pensamento humano.

Uma breve iniciação à Antropologia - disciplina que tem por objeto específico (embora não único) o estudo das sociedades indígenas - já capacita o interessado a não cometer os enganos que constatamos no laudo.

C) A PRECISÃO DOS DADOS A PARTIR DOS QUAIS A ARGUMENTAÇÃO É CONSTRUÍDA.

A imprecisão no fornecimento de informações é tanto característica do próprio laudo quanto do documento básico escolhido pelo autor como fonte para a reconstituição da história dos Xavante (anexo I do laudo). Reflete-se tanto:

c.1) na inexatidão da apresentação das fontes primárias supostamente consultadas.

"Antigos autores consultados iniciam a História Xavante..." (fls. 2075).
Caberia perguntar que autores, de que documentos, etc.;

c.2) na contradição intrínseca a certas afirmações e na apresentação incorreta de dados consagrados por fontes primárias e interpretações idôneas mais recentes:

"Este período é marcado por uma série de choques conflitantes entre índios e diversas expedições de brancos armados e de tentativas mais pacíficas de agrupá-los em aldeamentos (sic) confiados à guarda de grupos militares" (fls. 2075, citando, sem crítica, Hélio Rocha, antigo Assessor da FUNAI, e, assim, endossando sua formulação. Grifos nossos).

Em primeiro lugar, é notável o paradoxo: aldeamentos que "agrupam" povos indígenas diversos, deslocando-os de suas terras, sob guarda militar são "pacíficos".

Em segundo lugar, este trecho refere-se a aldeamentos oficiais implantados efetivamente pelos governos das províncias seguindo orientação da política pombalina. Este fato é registrado com relativa prodigalidade em fontes de época e em estudos posteriores. Basta citar "A Experiência Xavante com o Mundo dos Brancos", de Oswaldo Ravagnani, tese de doutoramento apresentada à Escola de Sociologia e Política de São Paulo, em 1977. Neste trabalho são transcritas e comentadas as passagens mais informativas das fontes primárias. Não se tratam, pois, de "tentativas", como diz o texto endossado pelo autor do laudo, mas de implantação efe-

tiva daqueles aldeamentos. Uma discussão da política de Pombal e da legislação correspondente pode ser encontrada em Manuela Carneiro da Cunha 1987, O Direito dos Índios. SP, Editora Brasiliense .

c.3) na não discriminação entre citações e inferências; na introdução de dados como se fossem decorrências lógicas das informações. É o caso do trecho -composto por quatro itens- que ocupa a parte superior das fls. 2079.

c.4) na interpretação falseada dos dados, na apresentação de inferências e hipóteses -elaboradas sem sustentação- como verdades incontestáveis: é o caso da cronologia, apresentada a entre fls 2079 e 2083, impressionante pela exatidão com que acompanha, quase que ano a ano, a movimentação dos Xavante desde 1900. Feito absolutamente fantástico, até hoje não realizado pelos estudiosos de História e Antropologia, por mais fontes primárias e secundárias que tivessem consultado. O autor do laudo o faz, com base em um único texto. Tal cronologia é um dos eixos em que se apoia a argumentação do laudo e será comentada a seguir, no capítulo II deste estudo (Do Mérito).

c.5) na consideração parcial dos dados contidos nos próprios textos com que trabalha. Assim, a fls. 2083, lê-se:

"Com efeito, ao tomarem conhecimento das fotografias aéreas e da planta da região (...) os Xavantes vibraram de alegria com a oportunidade de poderem identificar todos os acidentes geográficos, as aldeias antigas lá existentes, as matas, etc."

Trata-se de documento elaborado pela FUNAI e criticado, no laudo com base na dificuldade que os índios teriam na identificação mencionada acima, por não estarem "afeitos a difícilíssima tarefa de fazer foto- interpretação sobre fotografias aéreas" (fls 2083). Mesmo que essa conclusão seja verdadeira, não está provada, no laudo, tal incapacidade dos índios. Mas isto não é o mais importante. O fato é que o laudo ignora a "planta da região", mencionada pelo texto que critica. Apresentará, a planta, um grau de dificuldade tal que impossibilite a localização de córregos, serras, matas e campos?

D) SELEÇÃO E USO DAS FONTES.

d.1) Há, sobre a sociedade e/ou a história dos índios Xavante, uma quantidade já bastante significativa de textos publicados e de teses acadêmicas acessíveis aos interessados, nas livrarias especializadas e nas bibliotecas universitárias. Muitos deles remetem o leitor a índices de fontes primárias já identificadas e localizadas, que podem servir de orientação para estudos específicos. Todo esse material -parcialmente listado a seguir- foi sistematicamente ignorado pelo autor do laudo:

livros publicados:

- MAYBURY-Lewis, D., A Sociedade Xavante. RJ, Francisco Alves, 1984.
- GIACCARIA, B. & HEIDE, A., Xavante (Auwẽ Uptabi). Povo Autêntico. SP, Editorial Dom Bosco, 1972.
- GUARIGLIA, G., Gli Xavante in Fase Acculturativa. Milão, Vita e Pensiero, 1973.
- LOPES DA SILVA, A., Nomes e Amigos. Da Prática Xavante a uma Reflexão sobre os Jê. SP: FFLCH/USP, Coleção Antropologia, vol. 6, 1987.

- Comissão Pró-Índio de São Paulo, A Questão da Emancipação. Cadernos da Comissão Pró-Índio/SP, ED. Global, 1979: 67-68.

teses acadêmicas:

- MÜLLER, R., A Pintura do Corpo e os Ornamentos Xavante. Arte Visual e Comunicação Social. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 1976.
- RAVAGNANI, O., A Experiência Xavante com o Mundo dos Brancos. tese de doutoramento. Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1977.
- Motta, D., As Frentes de Atração: Proposta e Realidade. Dissertação de mestrado. Deptº de Geografia e História. Universidade de Brasília 1979.

Tal desconsideração parece revelar pouco empenho em criar condições para uma avaliação que seja a mais verdadeira possível, dentro das condições dadas pelo conhecimento acumulado até o momento.

d.2) Uma destas fontes seria de consulta obrigatória em qualquer trabalho que se pretendesse sério. Trata-se de Giaccaria e Heide, 1972, relacionado acima, cuja sistematização de dados constantes da história oral dos Xavante constituiu a fonte, por excelência de dois documentos produzidos pela FUNAI, segundo as informações constantes no laudo: o texto de Hélio Rocha, considerado "precioso" (fls. 2074) pelo autor do laudo e tomado como base para sua reflexão; e o texto de Angela Maria Baptista (fls. 2087-88) considerado impróprio para a consideração "pela falta de coerência e embasamento histórico".

Há, aqui, dois comentários a fazer:

- 1º) que o texto de Giaccaria e Heide (1972) é a fonte em que os textos acima se apoiaram é fato de fácil comprovação. Um exame da bibliografia sobre história dos Xavante revela que são aqueles autores os primeiros a mencionar nomes indígenas das aldeias históricas Xavante, como Wedetepá, Ôniudu, etc. E o fizeram a partir de pesquisa pioneira. (Em anexo, xerox das páginas do livro relativas ao assunto). Não consultá-lo é, portanto, procedimento que não condiz com a responsabilidade de um perito no desempenho de suas funções;
- 2º) que não há, no laudo, justificativas plausíveis para a aceitação, por parte de seu autor, do texto de Hélio Rocha, e da rejeição do texto de Angela Maria Baptista. As razões - "falta de coerência e embasamento histórico" (fls. 2088) - deste e de "alguns outros documentos e citações" não estão demonstradas. Do mesmo modo, ao leitor não são dadas indicações mais precisas quanto a estes "outros documentos e citações" nem dos critérios que presidiam à seleção das fontes.

O exame da argumentação (ver abaixo) faz-nos supor que tenha havido, aqui, livre interferência de juízos de valor, já que o perito não apresenta provas para a aceitação do primeiro texto (de Hélio Rocha) e nem bases para a desqualificação do segundo (de Ângela M^a. Baptista). Cabe adiantar que a diferença mais significativa entre ambos e com repercussões imediatas na avaliação dos direitos em questão nestes autos, é a seguinte: Ângela M. Baptista menciona o ataque de uma expedição punitiva à aldeia do Parabubu(re), no início da década de 50. Trata-se de área onde hoje se situa a Reserva Indígena do mesmo nome e à qual se refere a presente ação. O massacre decorrente deste confronto entre brancos não é mencionado por Hélio Rocha. Este assessor da FUNAI, refere-se, por outro lado, a choques entre os próprios índios: um "ataque de dissidentes (sic) Xavante" (fls. 2087), em decorrência do que os Xavante teriam "abandonado as aldeias Oniundu e Parabubu"(idem).

DO MÉRITO1. CONCLUSÕES:

A argumentação apresentada no laudo que conclui pelo direito das Fazendas à indenização pela área em questão, é construída por meio de manipulação das informações constantes nas fontes. Se tal procedimento já se faz presente em texto produzido pela FUNAI (anexo 01 do laudo, autor: Hélio Rocha), há que reiterar dois pontos já mencionados:

- 1º) o autor do laudo o endossa,
- 2º) o autor do laudo prefere aquele texto a outro (de Angela Baptista), mais fiel à fonte básica em que ambos os trabalhos se baseiam: Giaccaria, B. e Heide, A., 1972: 23-26.

Uma transcrição completa do trecho omitido no laudo está a pgs. 18-9 do presente estudo.

O laudo confunde as informações referentes a dois momentos distintos da história dos grupos Xavante que habitaram -antes da instalação das Fazendas- a área em questão nestes autos. Assim, fala de ataque e incêndio da aldeia de Parabubu por índios "dissidentes" (informação retirada de Giaccaria e Heide 1972 :24) e omite todas as detalhadas informações fornecidas, na página seguinte pelos mesmos autores, e referentes ao "ataque dos brancos", no período de seca de 1951 ou 52, à aldeia de Parabubu, em decorrência do que os Xavante retiraram-se temporariamente da área. O livro citado traz dados relevantes, como o nome, idade e número de pessoas mortas e feridas pelos brancos (pags. 25 e 26- cópia em anexo). O autor do laudo ignora estes dados (e, aqui, só se pode concluir que propositalmente) e afirma, insistentemente, a não existência de conflitos entre índios e brancos na região até a década de 70!

Uma reconstituição da história dos Xavante foi elaborada, para fins do presente estudo, com base na bibliografia ampliada que indicamos atrás (pág.5-6). Esta reconstituição permite que se chegue a conclusões contrárias às formuladas pelo autor do laudo que analisamos. São as seguintes as nossas conclusões:

- 1ª) a história dos povos Akwẽ (Xavante e Xerente) tem sido, nos últimos anos, marcada por experiências dolorosas com a sociedade nacional;
- 2ª) os Xavante vêm sendo sistematicamente expulsos de seus territórios desde o século XVIII, pelo menos;
- 3ª) sua entrada no Mato Grosso, vindos de Goiás, parece se dever a uma busca de isolamento, à fuga em relação às áreas já colonizadas;
- 4ª) a ocupação das terras dominadas pelos rios das Mortes, Culuene, Couto Magalhães e Batovi, pelos Xavantes, é anterior à chegada de colonos não-índios;
- 5ª) que o facciosismo típico da sociedade Xavante (cf. Maybury-Lewis, 1984, especialmente o capítulo V) e os fatos descritos por Giaccaria e Heide (1972) e outros ensinam que havia vários grupos Xavante habitando a área a que se refere o presente processo (zona 3, "Lagoa", no mapa elaborado por Giaccaria e Heide, 1972:35, em anexo),
- 6ª) que, dado o padrão semi-nômade de exploração do meio ambiente, característico da sociedade Xavante tradicional (ver maybury-Lewis 1984: Capítulo II), não é adequado nem correto considerar-se "área de ocupação"

de um grupo Xavante apenas o local onde está construída a sua aldeia e medirem-se seus deslocamentos por distâncias de poucos Kilômetros, como faz o autor do laudo (a fls.2079, fala em 15 kms de distância entre a aldeia de "Oniusu" e as "terras das Autoras".

7ª) que os fatos históricos apontados pela bibliografia comprovam ter sido a área pretendida pelas Fazendas neste processo, território Xavante tradicional (anterior ao contato);

8ª) que há impossibilidade total de precisão absoluta em termos cronológicos da movimentação de cada sub-grupo Xavante, ano a ano, dentro deste seu território na ausência de registros escritos contemporâneos aos fatos. (como pretende o autor do laudo).

2. FUNDAMENTOS DAS CONCLUSÕES APRESENTADAS ACIMA: HISTÓRIA XAVANTE.

Começamos pelos aldeamentos oficiais pombalinos, já referidos, tidos como "tentativas mais específicas" de contacto com os povos indígenas, na opinião do laudo.

Em Ravagnani (1977:39), aprendemos que, entre 1740 e 1750, os aldeamentos eram, em realidade, prisões indígenas, para onde eram conduzidos os sobreviventes dos ataques dos bandeirantes. Sua administração obedecia a um regimento extremamente rígido, posto em prática pela presença de uma escolta militar e um padre jesuíta.

Em 1757 foi aprovado pelo rei de Portugal o novo regulamento, redigido pelo Marquês de Pombal, que deveria ser cumprido em todo o país. Tratava-se do Diretório dos Índios, que "...elevava os aldeamentos à categoria de vilas ou lugares conforme o tamanho que tivessem. O governo dessas vilas e lugares seria exercido pelos próprios indígenas. Estimulávamos casamento entre índios e brancos. Aconselhavam a intensificação do uso da língua portuguesa" (Melatti, J., 1977:43). As vilas seriam governadas pelos próprios índios; cada aldeia teria duas escolas, casa da câmara e cadeia. Agrupavam-se nesses aldeamentos "...um número excessivo de índios, tirando-lhes a maior quantidade possível de terra, para que os colonos pudessem misturar-se com eles sem serem perturbados. A tarefa de aproximar os índios, pacificá-los era confiada às guarnições militares que, para atingir o escopo, usavam a técnica de criar capitães dentro da mesma tribo, com concessão de privilégios particulares, para obter a colaboração deles e, por seu intermédio, dominar a aldeia" (Giaccaria, B. e Heide, A., 1972:14)

A política dos aldeamentos atingiu, a partir de 1774 (Ravagnani, O., 1977:36 e segs.), milhares de índios: Javaé, Karajá, Acroá, Xacriabá, Kayapó e, finalmente, os Xavante. Nesse período, as primeiras notícias que aparecem dos Xavante nos são dadas por Alencastre. Datam de 1775, quando foi fundado o aldeamento denominado São José de Moçamedes, onde viviam os Acroá, Javaé, Carijó e, em menor número, os Xavante. Este al-

aldeamento localizava-se nas proximidade de Vila Boa, sede da Província. (Souza, L., 1953: 6-8). O aldeamento que concentrou um número extremamente significativo foi, sem dúvida, o de Pedro III, localizado no local conhecido como Carretão, edificado em 1784, durante a gestão de D. Tristão da Cunha Menezes à frente do Governo de Goiás. Segundo Ravagnani (1977:66-75) a busca de contatos pacíficos com os índios visava, como já dissemos, à liberação das terras para a lavoura e a pecuária e, acima de tudo, à liberação dos rios Tocantins e Araguaia à navegação. A esperança da economia regional assentava-se na possibilidade de comércio entre o norte (Pará e Maranhão) e o sul do país através dos rios. A sedentarização dos índios faria dos aldeamentos pousadas bem supridas para os navegantes que faziam o comércio e froneceriam mão-de-obra (remeiros e batedores) aos viajantes. "Os Xavante entram para o convívio pacífico com o mundo dos brancos no momento em que estes estão com sua economia em pleno declínio, o que explica sua curta permanência nos aldeamentos" (Ravagnani, O., 1977:72).

Além do Carretão (onde seu número atingiu por volta de 3.500, segundo os autores mais bem fundamentados) e de São José de Mossâmedes, já mencionados, os Xavante eram encontrados também, segundo o mesmo autor, nos aldeamentos de Salinas ou Boa Vista -construído em 1788 para dividir os dois mil Xavante que entravam em contato. Os Xavante não aceitaram dividir-se e ficaram no Carretão; Estiva -cujo diretor era Frei Segismundo de Taggia e onde moraram também os Karajá e Canoeiro; Tereza Cristina ou Piabanha- a aproximadamente 30 léguas de Porto Nacional, criada em 1851 abrigava, segundo NIMUENDAJÚ, apenas Xerente (1942:6) embora outros autores mencionem a presença dos Xavante ali; São José do Araguaia que segundo Ravagnani, fora fundada em 1863 pelo Governador Couto de Magalhães para reduzir os Xavante e os Karajá. Frei S. de Taggia encarregou-se da administração. Para esta aldeia vieram os Xavante e Karajá da aldeia de São Joaquim do Jamimbu, fundada em 1845, também sob a direção do mesmo Frei (Ravagnani, 1977:78).

Nessa sequência há, no entanto, dois momentos que é preciso distinguir: uma época de apogeu (1770-1790) e uma época de decadência (de 1790 até o final do século XIX). Segundo o autor em que nos baseamos aqui, o primeiro momento "se caracterizou pela redução de tribos numericamente grandes e estereotipadas como altamente "ferozes", por suntuosos aldeamentos, tanto em extensão de área construída quanto pelo tipo de construção....Mas a expansão e a manutenção desses aldeamentos implicavam em grandes gastos para os cofres reais". Os aldeamentos construídos no segundo momento "se caracterizavam pela construções simples, localização em pontos estratégicos para a navegação do Tocantins e Araguaia ou como pontos avançados no sertão para garantir a tranquilidade dos povoados,"(1977:79). Nessa época os aldeamentos transformaram-se em centros de colonização, muitos não-índios passando a residir ali e expulsando gradativamente os índios (Moreira Neto, C. 1971 e Ribeiro, D., 1977:65).

Nem todos os Xavante aldearam-se, porém. Alguns grupos mantiveram-se arredios e a eles os remanescentes dos aldeamentos (especialmente os do Carretão) foram juntar-se a partir de 1830-1840, fugindo assim dos maus tratos e trabalhos forçados, epidemias e o completo abandono por parte das autoridades. Em 1842, os Xavante atacavam o norte da

da Província e os ataques continuaram até o final do século XIX. (Ravagnani, 1977:).

Reinício dos conflitos armados. Cisões internas e a travessia do Araguaia:

Uma compreensão maior das razões dessa mudança de atitude por parte dos Xavante depende de um exame mais global da situação econômica e demográfica de Goiás a partir de meados do século XVIII. É Ravagnani quem nos dá, mais uma vez, essa visão (1977:88 e segs.): havia nesta época, uma certa especialização regional das atividades econômicas. As margens do Araguaia havia uma maior concentração da agricultura, enquanto que a pecuária desenvolvia-se principalmente às margens do Tocantins. A criação de gado favoreceu a dispersão da população em vasta área dos territórios até então ocupados pelos povos indígenas. Tudo propiciava a eclosão de choques entre índios e brancos: de um lado, os índios exalceados, refugiados novamente em territórios não controlados pelos brancos, marcados por experiências amargas de convivência, orientavam suas atitudes pelo sentimento de descrença e ódio aos brancos; de outro, os brancos entregues a atividades de comércio e agro-pecuária que reuniam poucas famílias a enormes distâncias umas das outras. Interrompidas as migrações com o declínio da produção aurífera, a população de Goiás diminuiu drasticamente e tornou-se, graças as novas atividades econômicas a que se entregou, rarefeita. Os arraiais tinham, ao final do século XVIII, uma população insignificante, alvo fácil de ataques. "Em apoio aos colonizadores dessa nova frente de expansão agro-pecuária o Príncipe regente, em carta Régia de 5 de setembro de 1811, autorizou a guerra contra as tribos Karajá, Apinayé, Xavante e Canoeiros" (Ravagnani, 1977:90). Incentivava-se a organização de bandeiras para "fazer guerra ofensiva". Eram organizadas com participação e suporte econômico de particulares em troca de favores do governo: concessão de terras e posse de servos indígenas durante quinze ou mais anos.

Coerentemente com essa política de agressão aos povos indígenas foi fundado, em 1812, o presídio de Santa Maria do Araguaia cujo objetivo era colocar em isolamento índios Xavante e Xerente. Esse mesmo presídio foi, no entanto, atacado por uma coligação de Xavante, Xerente e karajá, no ano seguinte, destruindo-o completamente. (Ravagnani, O., 1977:91)

Os Xavante recuaram, então, para o norte mas foram barrados pelos Krahó. O mapa Etno-histórico de Nímuendajú indica sua presença junto a grupos Timbira (Krahó e Kanakateyé), à margem direita do Tocantins, entre os rios farinha e Manuek Alves Grande, em 1814. É justamente esse o ano de expulsão, segundo Ravagnani (1977:91, baseado em Sampaio, T., 1912), dos Xavante para o sul do rio Manuel Alves Grande, por grupos Timbira.

A história dos Xavante é marcada por dois momentos importantes de cisão: a primeira teria acontecido por volta de 1820 e explica a separação entre Xavante e Xerente, subdivisões de um único grupo inicial. No início do século XIX, "formavam dois grupos distintos mais culturalmente muito próximos" (1977:100). Habitavam um território comum, às duas margens do Tocantins, no Centro e Norte da Província de Goiás. As razões dessa separação foram devidas à experiência de contato com os brancos e à divergência quanto a possibilidade de contato intenso com os coloniza-

cores. Esta primeira cisão teria tido lugar às margens do Tocantins, após a fuga do Carretão, outros autores situam essa cisão em datas mais recentes, havendo certa controvérsia quanto a esse ponto: Maybury-Lewis calcula que tenha ocorrido por volta de 1840 (1965: ;1972:2); Souza, L. em 1856(1953:1); Giaccaria e Heide, por volta de 1860-70(1972: 23).

A segunda ter-se-ia dado no sio do grupo que rejeitara o contato (conhecido, então, como Xavante, em oposição aos que eram considerados "mansos" e designados por "Xerente") e, de novo, pelas mesmas razões. Um grupo mais "ortodoxo" (Ravagnani, O., 1977:132) ter-se-ia desligado de outros que acatavam o contato e se dirigido à região do rio das Mortes, que atravessou. Este grupo ter-se-ia chocado com os Karajá. Em 1844, é noticiada a presença de Xavante na ilha do Bananal. O líder desse grupo era Butsé, de acordo com as narrativas orais dos Xavante, registradas por missionários salesianos. Segundo os Xavante, haviam fundado uma aldeia às margens do rio Araguaia, já afastando-se dos brancos. Como estes voltaram a importuná-los, os Xavantes resolveram atravessar o rio e fundar uma nova aldeia próxima ao rio Cristalino, Passado algum tempo, descobriram um acampamento de brancos que teriam vindo ao encontro deles com a finalidade de atacá-los. Aproveitando as noites chuvosas da estação, resolveram fugir e atingiram o rio das Mortes, onde uma parcela do grupo atravessou o rio e a outra, com medo dos botos, permaneceu ao longo do rio (Giaccaria, B. e Heide, A., 1972:23). Um mito Xavante (Pedzai'öWatsu'u) narra a separação de um grupo em dois, no momento da travessia de um rio largo, a leste de seu habitat atual: assustados pelo boto, os Xavante teriam parado de cruzar o rio, separando-se, portanto (Lopes da Silva, 1984). Ravagnani, fundamentado em documentação da época, considera a passagem do bôto como referente a segunda cisão ou seja, a que ocorreu entre os Xavante, depois de já separados dos Xerente. Esse grupo que cruzou o rio das Mortes penetrando, assim, em território mato-grossense seria precursor dos Xavante atuais, enquanto os demais teriam sido extintos, já que não há mais, nos documentos da época, referências a eles depois de 1858 (Ravagnani, O., 1977:132). Em seu mapa Etno-histórico, Nimuendajú localiza, até 1844, os Xavante a leste do Araguaia mas em 1862, aparecem notícias da presença dos Xavante no leste do Mato Grosso.

Como pano de fundo de todos esses movimentos de cisão provocados pela divergência entre os Ákuen quanto às vantagens do contato amistoso com os brancos, vale a pena ainda mencionar uma nova alteração de orientação legal da atitude dos brancos para com os índios: o governo imperial estabelece o "Regulamento de 1845", pelo qual proíbe a violência e a repressão contra os índios. Na interpretação de Ravagnani, a nova lei vem em um momento em que a nova frente de expansão perdia o ímpeto inicial, já dominava extenso território e precisava da mão-de-obra indígena. Por outro lado, porém, a despeito da lei, as atrocidades contra as populações indígenas continuaram. (1977:96-98). A ambiguidade e as contradições do comportamento dos invasores, os grupos indígenas reagiram diferentemente o que, no caso dos Akwẽ, levou à sua fragmentação.

Os Xavante em Mato Grosso.

Na região do rio das Mortes conseguiram o isolamento que procuravam: ocupam uma "terra de ninguém" e durante os últimos trinta anos do século XIX parecem não ter sido molestados (Maybury-Lewis, 1967:2). Em território matogrossense, defendem seu território de colonizadores e intrusos: promovem constantes ataques aos pioneiros e às expedições de exploração que penetram seu território. Em 1854, por exemplo, Frei S. Taggia comanda uma expedição para "chamá-los à civilização" (Ravagnani, O., 1977:127).

É o caso também, da expedição chefiada pelo tenete-coronel Antonio Tupi Caldas, composta por onze praças e dois civis que chegam ao rio das Mortes, em 1887, para explorar a região e são atados pelos Xavante. Houve uma vítima de morte e os índios foram espantados a tiros (Ehrenreich apud SOUZA, L., 1953:17). Havia, também nesse período, conflitos entre os Xavante e povos vizinhos (Ehrenreich apud Maybury-Lewis, D., 1967:2). "O novo habitat Xavante em terras matogrossenses apresentava como limite sul o rio das Mortes que o separava do território Bororo, de quem eram inimigos ferrenhos; a leste o rio Araguaia apartava-os do mundo civilizado e mais a nordeste dos índios Karajá, outra tribo inimiga; ao norte limitava-se com o rio Tapirapé, habitado pelos índios homônimos, único grupo com os quais os Xavante parecem não ter tido conflitos e a oeste a serra do Roncador isolava-os dos habitantes da região dos formadores do rio Xingu" (Ravagnani, O., 1977:119). Os conflitos com Bororo e Karajá explicam-se pela intrusão dos Xavante recém-chegados, que disputam territórios até então controlados apenas pelos outros dois povos indígenas. Tratava-se, portanto de disputas índios, em território ainda não habitado por brancos. Em 1906, os constantes ataques dos Xavante aos Bororo fizeram com que estes se estabelecessem na Colônia de Meruri, junto aos Salesianos (Souza, L., 1953:18), no rio das Garças. Diz Baldus que, "de medo de todos os seus vizinhos (brancos, a oeste, leste e sul e kayamo - termo pelo qual os Bororo designam os Xavante - ao norte), os Bororo vieram, há mais de trinta anos, às missões Salesianas". (1937:113). Na verdade, não era por medo que os Bororo recuavam. Enfraquecidos pelas incursões frequentes de bandeirantes e mineiros cuiabanos que fundaram em seu território numerosos arraiais e pela utilização de seus guerreiros na guerra contra os Kayapó meridionais, sob o comando de Antonio Pires de Campos, os Bororo não tiveram como enfrentar os Xavante na defesa de seu território (Ravagnani, O., 1977:123).

Até início da década de 30, os Xavante eram tidos como extremamente "ferozes" e "sanguinários", reputação que lhes garantia, e aos povos mais afastados, alguma proteção. O medo de sua presença infundia aos colonizadores brancos impedia que penetrassem em território Xavante. Esta mesma reputação de ferocidade que serviu como proteção aos Xavante inicialmente foi usada, depois, como justificativa de expedições punitivas e massacres organizados visando a liberação de suas terras à pecuária e ao garimpo. (Ravagnani, O. 1977 e Lopes Silva, 1987: Introdução).

Na década de 30, os missionários estabelecem uma base, a que chamaram Santa Terezinha, para a atração e conversão dos Xavante ao cristianismo. Tratava-se do Padre João Batista Fuchs e do Padre Pedro Saci-

lotti. A 24 de agosto de 1932 erguem uma grande cruz de madeira às margens do rio das Mortes. Essa mesma cruz é quatro vezes destruída pelos Xavante que se recusam ao contato e quatro vezes reconstruída pelos salesianos. Algumas pistas da presença dos Xavante foram encontradas e seguidas. Os padres encontraram, a 3 de abril de 1934, um acampamento de seis casa; a 17 de outubro do mesmo ano, seguem outra trilha e encontram uma aldeia de 120 casas; vinte kms adiante, mais uma, desta vez com 147 casas (Duroure, J., 1936). Encontraram sempre as aldeias abandonadas. No centro de uma delas erigiram uma cruz. A essa insistência os Xavante reagiram com violência: os missionários foram mortos, a 19 de novembro de 1934, ao forçarem um contato às margens do rio das Mortes. Tratava-se, pois de território de controle exclusivo dos Xavante. No ano seguinte, 1935, uma expedição punitiva foi organizada, por Bento Costa, devido ao assassinato de seu neto de 12 anos, filho de um empregado da antiga Colônia Salesiana do Sagrado Coração de Tachos junto a colonia do Meruri.

Penetraram na região do rio das Mortes e chegaram a uma das aldeias, tomando os índios de surpresa, sem que pudessem defender-se, foram mortos e depois tiveram suas aldeias queimadas (Souza, L., 1953:22-25; Duroure, J. 1936:30-36). Dois anos depois deste acontecimento, em 1937 e, de novo, em 1938, duas bandeiras foram organizadas: a "Bandeira Anhaguera" e a "Bandeira Piratininga". Tanto uma quanto a outra utilizaram a mesma tática para penetrar nas aldeias Xavante: entraram dentro da aldeia, tomando os índios de surpresa e, ao serem ameaçados com bordunas e flechas, soltavam fogos de artifício ou tiros para o alto. Os Xavante corriam a esconder-se na mata e eles retiravam da aldeia os utensílios e armas que queriam e, em troca, depositavam seus presentes. A primeira tinha por finalidade a procura de minérios e a segunda, "... apossar-se do material que cobiçavam para enriquecer as coleções do museu de seu Estado" (Souza, L., 1953:26-27). Eram os bandeirantes paulistas retomando a ofensiva. Enquanto isso, os salesianos, na figura de Padre Chovelon davam prosseguimento às suas tentativas de pacificação e conversão dos Xavante, porém sem sucesso.

O final da década de 30 encontra os Xavante "Encurralados, sem possibilidades de novas migrações, cercados por criadores de gado, com o território invadido por todos os lados, seus rios navegados por poderosas lanchas motorizadas, seus campos cortados por várias expedições, as aldeias tomadas de surpresa e atacadas com armas eficientes, suas casas vasculhadas e roubadas, fazendas e povoados florescendo em suas terras". (Ravagnani, O., 1977:162-3). O cenário está pronto para a rendição.

A ofensiva dos brancos não se faz esperar: aos constantes conflitos entre os Xavante e as frentes de penetração na região. o S.P.I. resolve designar uma frente de atração, em 1941, sob o comando de Genésio Pimentel Barbosa, antigo funcionário da instituição. Esta frente rumou para São Domingos (antiga base do Padre Chovelon às margens do rio das Mortes) e, penetrando em território Xavante, foi trucidada. Escapa-

ram com vida dois Xerente e um servidor da SPI que havia ido fazer o conhecimento do local e mais três Xerente e um outro funcionário que estava na mata, a uma certa distância do acampamento. Sobre os cadáveres e no local da cozinha, que destroçaram, os Xavante deixaram um grande número de bordunas como advertência, segundo telegrama de um dos sobreviventes (transcrito por Ravagnani, O., 1977:174-5). Toda equipe estava desarmada. as armas estavam trancadas em um baú, para evitar disparos provocados pela tensão e o descontrole. em homenagem, o posto do SPI em São Domingos passou a chamar Pimentel Barbosa.

A Expedição Roncador- Xingu, posteriormente absorvida pela Fundação Brasil Central (ambas criadas por determinação do governo federal em 1943) veio minar definitivamente a capacidade de resistência dos Xavante. Os objetivos da Fundação eram a conquista do sertão mato-grossense para transformá-lo em área produtiva, integrada ao capitalismo nacional. Buscava fazê-lo através da sedentarização da população não made de colonizadores do sertão e da atração de novos habitantes. Era imprescindível, portanto, conquistar o território Xavante, o que foi feito através de uma investida que contava com amplos recursos. As aldeias eram localizadas por aviões cujos vãos rasantes apavoravam os Xavante que, em vão, procuravam atingí-los com bordunas e flechas enquanto mulheres e crianças, em desespero, tentavam fugir para o mato (vide descrição de um participante, Ayres C. Cunha, que voava em avião pilotado pelo Tenente ZANONI e o Coronel Evereste. Sobrevoaram a aldeia a apenas vinte metros de altura. Em Ravagnani, O., 1977:177 é que encontramos estas informações).

Nesta região do rio das Mortes o contato foi, afinal estabelecido em 1946 por uma turma de atração chefiada pelo sertanista Francisco Meireles, o terceiro substituto de Pimentel Barbosa (os outros dois foram Luís Acioli Lopes e Gustavo Oto). A "pacificação" deu-se após mais de um ano do estabelecimento da equipe de Meireles em São Domingos. Colocaram presentes na mata para os índios que demoraram a começar recolhê-los e retribuí-los. O contato se deu com um grupo de mais de quatrocentos homens Xavante que precedidos por seus líderes, surgiram com flechas de pontas quebradas, símbolo de suas intenções de paz (Ravagnani, 1977:179 e segs.). Todo o processo de atração havia sido orientado pessoalmente por Rondon, à testa do Conselho Nacional de Proteção aos Índios.

Este primeiro encontro pacífico, em 1946, começou bem mas acabou mal. Ao esgotarem-se os presentes, os Xavante começaram a fechar o cerco e, Meireles percebendo suas intenções, orientou seus auxiliares para que montassem rapidamente. Galoparam sob uma chuva de flechas, sem maiores consequências. Em 1947 novo contato amistoso foi mantido mas durante todo esse tempo, moradores da região ou de suas fronteiras foram atacados pelos Xavante. Em 1949 os Xavante já visitavam o Posto Pimentel Barbosa mas continuavam os ataques a São Felix e arredores. Algum tempo depois, os Xavante visitavam as casas dos moradores sertanejos, pegavam o que queriam e deixavam, em troca, arcos e flechas. Para Sylvio da Fonseca (apud Ravagnani, O., 1977:185). Os Xavante, nesta altura, já não tinham muitas alternativas: "cabia-lhes ou realizar uma política de aproximação com seus vizinhos transigindo com a civilização, ou se submeter à guerra em todos os "fronts". Só assim pode se entender a atitude

complacente assumida pelos Xavante para com Francisco Meireles e seus homens, bem diversa daquela que tiveram com Pimentel Barbosa". Em 1953, afinal, "os Xavante concordaram em mudar sua aldeia para um local tão próximo a São Domingos que se podia ir a pé" (Maybury-Lewis, D., 1967:5).

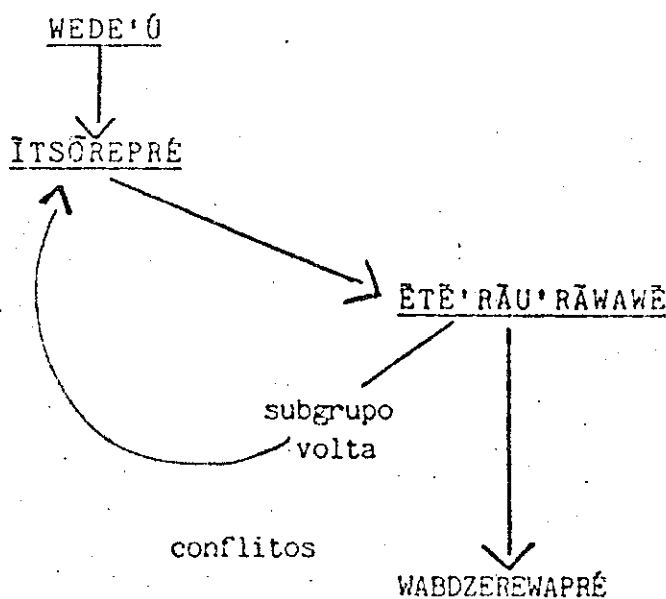
Mas nem todos os Xavante habitavam as margens do Rio das Mortes:

Geralmente a pacificação dos Xavante é narrada como fato único, acontecido de uma só vez. Na verdade, outras regiões do Mato Grosso estavam, desde a década de 30, povoadas pelos Xavante. Estes outros grupos são geralmente excluídos dos relatos "oficiais" da pacificação. Segundo depoimento de Odenir Pinto de Oliveira, testemunha ocular do 1º contato de um grupo Xavante na região do rio Piratininga, dizem os Xavante da região do rio Batovi que, quando da travessia do Araguaia, o grupo original de Xavante (na opinião de ravagnanni, um aglomerado de pequenas facções unidas momentaneamente para aumentar suas possibilidades de conquista do novo território) subdividiu-se: "um grupo permaneceu naquela região de São Domingos...um grupo seguiu direto para o rio Batovi; o terceiro grupo, que seguiu para a região do Couto Magalhães e Culuene foi posteriormente subdividido: parte foi para as missões, descendo em direção ao sul, e parte foi mais para oeste, para a região de Simões Lopes". Simões Lopes era o posto do SPI criado para assistir os Bakairi (é hoje, aliás, o P.I. Bakairi). Segundo a versão dos Xavante, diz Odenir, essa subdivisão deveu-se "a ataques de "civilizados" que saíam de Barra do Garças para ir lá matar os índios" e à "contaminação dos Xavante por meio de roupas e brindes lançados de avião em suas aldeias na região que denominam Parabubure (rios Culuene e Couto Magalhães)". Diante disso, os índios se reuniram e decidiram se subdividir para, em diversas frentes, entrar em contato pacífico com os brancos, buscando "aprender os costumes, a língua e, principalmente, conhecer os medicamentos que os brancos usavam para aquele tipo de doença para a qual eles não tinham defesa". Foram esses os grupos que chegaram a Sangradouro, Meruri e Simões Lopes, já na década de 50. A "pacificação" dos Xavante deu-se, portanto, em três momentos distintos, em três locais diferentes e através de três agências de contato diversas: 1º) em 1946-47, na região do rio das Mortes, por frente de atração do SPI especialmente constituída para esse fim, chefiada por Francisco Meireles; 2º) em 1953-56, na região do rio Paranatinga, em área sob jurisdição do Posto Simões Lopes, por funcionários daquele posto, especialmente por Pedro Vani de Oliverira (pai de Odenir Pinto de Oliveira); 3º) em 1955-56, dois outros grupos se estabelecem junto aos Salesianos, nas Colônias de Sangradouro e Meruri, onde viviam grupos Bororo.

As migrações Xavante: Mato Grosso 1870-1970

Com base dos trabalhos de Giaccaria e Neide (1972) e Maybury-Lewis (1984) é possível reconstruir o trajeto dos Xavante e as condições que provocaram o surgimento de novas aldeias e a ocupação de novos territórios, durante o último século. Trata-se de uma reconstituição inicial, não definitiva, mas que se baseia em todas as fontes conhecidas no momento.

Calcula-se que a penetração dos Xavante em território matogrossense tenha ocorrido por volta de 1870. Atravessando o Araguaia, o grupo liderado por Butse concentra-se na aldeia de Weje'ú, onde sofrem epidemias em consequência das quais todos os velhos vêm a falecer. Os Xavante deixam, então, essa aldeia e se mudam para a de Itsörepre, onde vivem cerca de trinta anos. As duas aldeias localizam-se na região do rio das Mortes. Ao fim desses trinta anos, por motivos políticos, há uma cisão e parte do grupo funda nova aldeia, Etë'rau'rāwawē, mais a noroeste, provavelmente na região do rio Sete de Setembro. Parte desse grupo logo volta ao rio das Mortes e se junta aos companheiros de Itsörepre. Entre as duas aldeias há enfrentamentos. Os moradores do Sete de Setembro deslocam-se para o sul e passam a morar na região conhecida como Lagoa, às margens do rio Couto de Magalhães. É ali que fundam a aldeia de WABDZEREWAPRÉ.



Enquanto isso, nova cisão ocorre em Itsörepre:

ITSÖREPRÉ

Aldeia de ARÜBONIFÓ

(região do rio das Mortes)

Em 06.01.41: extermínio da expedição do SPI chefiada por Pimentel Barbosa. Apowê (de São Domingos) é o chefe do grupo.

Em 1946, contato amistoso com Francisco Meireles e sua equipe, às margens do rio das Mortes.

Permanecem na região até hoje.

Sua reserva (Pimentel Barbosa) foi decretada em fins da década de 70 e seus limites foram redefinidos anos mais tarde.

Aldeia de MARĀIWATSEDE

(região do rio Suiá-Missu)

Em 12.11.1934: extermínio dos padres salesianos Fuchs e Sacilotti (Giaccaria B. e Heide, A., 1972:29).

Provavelmente no início da década de 60, suas terras são parcialmente ocupadas por brancos, embora não tivessem contato direto em 1962 (Maybury-Lewis, D. 1967:29).

Em 1966 são transferidos, em aviões da FAB, em missão da qual participaram padres salesianos, para São Marcos. Desocupavam assim a Fazenda Suiá-Missu. Nunca mais recuperaram essas terras. Um subgrupo tentou retornar mas não conseguiu dado poderio da

(cont.)

(cont.)

Fazenda. Um pequeno grupo ficou na região do rio Couto Magalhães, na região hoje compreendida pela reserva Xavante de Parabubure. (Depoimento de Odenir Pinto de Oliveira, a partir de relatos da história oral pelos Xavante).

Voltemos então no tempo e modifiquemos nosso rumo: vamos acompanhar os desdobramentos da comunidade que assentara em Wabdzerewapré, na região da Lagoa, no Rio Couto de Magalhães. Ficaram ali dois anos, depois dos quais mudaram para Wederedede, na região do rio Couto Magalhães onde foram atacados por uma epidemia que provocou, provavelmente várias mortes (Giaccaria, B. e Heide, A., 1973:23). Dessa Aldeia saiu o grupo que se situou em Rituwawê (hoje "aldeona", reconstruída na reserva Indígena de Parabubure, na região do rio Couto Magalhães). Parte desse grupo dirigiu-se depois para Wedetede, na mesma região. Mais tarde ainda, outra parte dessa comunidade foi para a aldeia de Õniudu fundada, no rio Culuene, por dissidentes de Wedetede (comunicação pessoal de Mário Juruna a Aracy Lopes da Silva - São Paulo, 5/9/81. Giaccaria e Heide apresentam o que se supõe ser um detalhamento dessa informação nas páginas 24 e 25, embora com pouca clareza. É justamente entre o trecho confuso -vide xerox em anexo- que o laudo toma como fonte inquestionável).

Quanto ao grupo assolado pela epidemia, dizem-nos os autores salesianos que vagaram algum tempo, sem aldeia fixa e acabaram por se cindir: parte do grupo volta a Wedetede (na região posteriormente ocupadas pelas fazendas Xaventina e outras), e parte distancia-se mais, em direção oeste, chegando à região do rio Culuene, onde fundam a já cita da aldeia de Õniudu (ou Õniwiture, no diminutivo).

Mais tarde, nova cisão em Õniudu, em resultado da qual um grupo dirige-se a Paraburu, enquanto outro volta ao rio das Mortes, reunindo-se aos Xavante de Itsõrepré, onde procura reforços para atacar Parabubu. Dá-se o ataque pelos Xavante da outra aldeia e incendeia-se Parabubu (Giaccaria e Heide 1972:24. Pode-se, a partir de sua leitura, presumir que parte da comunidade de Paraburu, depois do ataque, transfere-se temporariamente para uma nova aldeia, Parewãdza'radzé, localizada na região do rio Couto Magalhães, retrocedendo, portanto a leste).

Seguiremos, a partir deste ponto, apenas o percurso deste grupo diretamente relacionado à área a que se refere a ação.

O texto de Giaccaria e Heide (1972:24-26) é extremamente claro quando aponta os fatos que levaram os Xavante a se retirarem -durante toda década de 50- da aldeia de Parabubu:

"O grupo de PARABUBU ficou 4 anos aí (na zona 3 do mapa, abaixo: às margens do rio Couto de Magalhães), e, por causa de um ataque dos brancos (junho de 1951 ou 52), juntou-se aos de PARAWÃ DZA'RADZÉ. O ataque foi feito, ao romper da madrugada, por um pequeno grupo de brancos armados de piripipi, que mataram muitos Xavantes. Eis o balanço da agressão: **MORTOS:** Tsiwari, homem inválido por causa de uma mordida de cobra; Rôowadze, mulher de Tsiwari; Rôoare, mãe de Tsiwari; cinco filhos Watèbrêmi (entre 2 e 10 anos de idade); cinco filhas Baono (entre 2 e 10 anos de idade)¹; a irmã de Tsiwari, com a filha e uma criança.

(1) Cabe lembrar que o casamento Xavante era, tradicionalmente, poligínico, o que explica o grande número de filhos de mesma faixa etária.

FERIDOS: Euta'wa (Batista)- atualmente vive em sangradouro, foi ferido por um projétil; Rôõã (Geraldina)-vive em sangradouro- estava grávida no tempo da agressão, foi atingida por 5 projéteis: 3 no ventre, um na coxa e outro no braço(...) Ainda hoje se distinguem claramente, no ventre da mãe, as cicatrizes das feridas (vide foto); Tsiñotsëütõ (Pedrosa)- morreu em sangradouro-foi atingida por um projétil na perna direita; Wanõõra (Henrique) -vive em Sangradouro- teve os dentes arrancados por um projétil na boca; Tewa'tê (José) -vive em Sangradouro- foi atingido por um projétil no quadril; Omore (Sebastião)-morreu em 1988- foi atingido no ombro direito; era AY'REPUDU [menino de 12 anos, aproximadamente]; Rôõwapu (mãe de Tibúrcio)- ferida na perna direita.

Além disso, os assaltantes queimaram toda a provisão e todas as cabanas e deixaram, no centro da aldeia, uma grande quantidade de carne envenenada.

Tsiwari foi o único homem que conseguiram matar e crucificaram o seu cadáver no meio da aldeia e dispuseram todos os outros ao redor. Esse grupo, depois de um ano de permanência em Parawãdza'radzè, se transfere para a aldeia de Ètë'rãurã (zona 3) [vide mapa abaixo] junto ao rio Pehöyropa, onde se celebra a perfuração das orelhas [rito de iniciação à puberdade masculina] e dos Ètëpa (uma das 8 classes de idade da sociedade Xavante). Eles ficam quatro anos nesta aldeia (1952-56); deixam-na em abril de 56, por causa de uma epidemia contraída usando roupas que receberam dos "brancos em Xavantina" (Giaccaria e Heide, 1972: 25-26). Este grupo, a partir de então, desloca-se para o sul, acabando por alojar-se temporariamente sob a proteção das missões salesianas, área de refúgio.

Quando, por volta de 1960, alguns Xavante começaram a retornar à região, encontraram-na quase totalmente ocupada por fazendas. Durante sua ausência, as terras haviam sido declaradas devolutas pelo Governo do Estado do Mato Grosso e subsequentemente vendidas a proprietários particulares a quem foram outorgados títulos de propriedade. A presença dos Xavante na área exerceu pressão suficiente para que, na década de 60, o Governo do Estado cedesse uma área de 10.000 ha., que só passou para o controle efetivo e total dos índios em 1975, com a retirada de benfeitorias e gado pertencentes a um fazendeiro vizinho, o DR. Armando Conceição. Anos mais tarde, em 1972, o Ministério do Interior ampliou a área dos índios, fixando os limites da Reserva de Couto Magalhães, acrescentando 13.800 ha. ao lote anterior.

Com a segurança de uma reserva demarcada (ainda que em dimensões extremamente reduzidas para as necessidades de uma comunidade Xavante), foram voltando os que se haviam refugiado em outras aldeias, notadamente nas áreas das missões salesianas.

A situação nesta área caracterizou-se por extrema tensão durante cerca de 15 anos (1965-1980). A disputa pela terra toma proporções trágicas na medida em que, durante a gestão do Gal. Bandeira de Mello à testa da FUNAI (1967-72), são cedidas certidões negativas aos proprietários da Fazenda Xavantina S.A. e outras relativas a uma área

cerca de oito vezes maior do que a reserva e comprovadamente território Xavante tradicional. Segundo os Xavante, há oito sítios arqueológicos de antigas aldeias Xavante dentro da área então recuperada pelas Fazendas.

São Paulo, 4 de novembro de 1987.

Maria Aracy P. Lopes da Silva

Profª. Dra. Maria Aracy Lopes da Silva
Deptº de Antropologia/FFLCH/USP.

BIBLIOGRAFIA

CHAIM, Marivone Matos

1974 - Os Aldeamentos Indígenas na Capitânia de Goiás: sua importância na política de povoamento (1749-1811). Goiânia, Ed. Oriente.

Comissão Pró-Índio/SP

1979 - A Questão da Emancipação. Cadernos da CPI/SP nº 1 São Paulo, Global, p.67-68.

DUROURE, J.

1936 - Sur le Fleuve de la mort.

GIACCARIA, Bartolomeu e HEIDE, Adalberto

1972 - Aumê Uptabi, Xavante, Povo Autêntico. São Paulo, Ed. Dom Bosco.

GUARIGLIA, Guglielmo

1973 - Gli Xavante in Fase Acculturativa. Milão, Vita e Pensiero.

LOPES DA SILVA, Aracy

1984 - "A Expressão Mítica da Vivência Histórica: Tempo e Espaço na Construção da Identidade Xavante". Anuário Antropológico 82, pp. 200-214.

1987 - Nomes e Amigos. Da prática Xavante a uma Reflexão sobre os Jê. SP, FFLCH/USP, Coleção Antropologia, vol.6.

MAYBURY-LEWIS, David

1984 - A Sociedade Xavante. RJ, Francisco Alves (1ª edição inglesa:1967, Akwê-Shavante Society. Oxford).

MOTTA, D.

1979 - As Frentes de Atração: Proposta e Realidade. Dissertação de Mestrado. Geografia e História, Universidade de Brasília.

MOREIRA NETO, Carlos

1971 - Política Indigenista Brasileira durante o século XIX. Tese de Doutorado, Antropologia, FFCL- UNESP, Rio Claro.

MÜLLER, Regina Ap. Polo

1976 - A Política do Corpo e os Ornamentos Xavante. Arte Visual e Comunicação Social. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas.

NIMUENDAJU, Curt

1942 - The Serente. Los Angeles.

RAVAGNANI, Oswaldo

1977 - A Experiência Xavante com o mundo dos Brancos. Tese de Doutorado, Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

RIBEIRO, Darcy

1977 - Os índios e a civilização. Petrópolis, Vozes

SOUZA, Lincoln. 1953. Os Xavantes e a Civilização. Rio de Janeiro

ANEXO 1

A Coleção de Etnologia Brasileira publicará estudos considerados clássicos ou pioneiros de sociedades tribais do Brasil e da América do Sul. Seu objetivo explícito é ampliar o conhecimento de sistemas sociais tribais, colocando a disposição do especialista, estudioso e estudante de Antropologia Social e/ou de Etnologia Brasileira, trabalhos, teses e memórias que estejam originalmente escritos em línguas estrangeiras ou em locais de difícil acesso. Sua esperança é somar o conhecimento honesto e profissional que tem como motivação inicial a tese universitária ou o livro acadêmico, com a ação pública timorata, consciente e responsável.

A Coleção de Etnologia Brasileira é dirigida pelo Prof. Roberto DaMatta, do Museu Nacional, Quinta da Boa Vista.



ETNOLOGIA BRASILEIRA

David
Maybury-Lewis

A SOCIEDADE
XAVANTE



COLEÇÃO ETNOGRAFIA BRASILEIRA
Coordenação de Roberto da Matta

Aracy Lopes da Silva
SP. 1985.

*David
Maybury-Lewis*

**A SOCIEDADE
XAVANTE**

Tradução
Aracy Lopes da Silva
Universidade de São Paulo


Francisco
Alves

© 1974 by David Maybury-Lewis

Publicado originalmente com o título AKWÉ-SHAVANTE SOCIETY
por Oxford University Press, Inc.

Revisão de original: Roberto da Matta

Revisão tipográfica: Rita Ester Pereira,
Marco Antônio dos Santos Coelho e Henrique
Tarnapolsky

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

1984

Todos os direitos desta tradução reservados à:
LIVRARIA FRANCISCO ALVES EDITORA S/A
Rua Sete de Setembro, 177 - Centro
20050 - Rio de Janeiro - RJ

Pera Pia

SUMÁRIO

| | |
|---------------------------------|-----|
| ÍNDICE DAS FOTOGRAFIAS | |
| ÍNDICE DOS MAPAS | |
| ÍNDICE DAS FIGURAS | |
| ÍNDICE DOS QUADROS | |
| PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA | 1 |
| PREFÁCIO | 12 |
| AGRADECIMENTOS | 16 |
| INTRODUÇÃO | 20 |
| I. A RESPEITO DO XAVANTE | 39 |
| 1. Dados Históricos | 39 |
| 2. Aspectos Geográficos | 43 |
| 3. As Comunidades Xavante | 50 |
| <i>Xavante Ocidentais</i> | 51 |
| Região do Xingu: | 53 |
| 1. Batovi | 53 |
| 2. Simões Lopes | 53 |
| Região do Alto Rio das Mortes: | 57 |
| 3. Sangradouro | 57 |
| 4. São Marcos | 57 |
| <i>Xavante Orientais</i> | 61 |
| Região do Baixo Rio das Mortes: | 61 |
| 5. Arcões | 61 |
| 6. Capitariquara | 66 |
| 7. Santa Therezinha | 67 |
| 8. São Domingos | 69 |
| 9. Ô Tô | 72 |
| 10. Marãiwatsede | 74 |
| II. ECOLOGIA | 75 |
| 1. Habitat | 75 |
| 2. Atividades de Subsistência | 78 |
| <i>Caça</i> | 78 |
| <i>Coleta</i> | 87 |
| <i>Agricultura</i> | 93 |
| <i>Pesca</i> | 97 |
| 3. Excursões de Caça e Coleta | 98 |
| 4. A Exploração do Ambiente | 105 |

| | | | |
|---|-----|---------------------------------|-----|
| III. O GRUPO DOMÉSTICO..... | 107 | VII. RITUAL..... | 305 |
| 1. Introdução..... | 107 | 1. Oi'ò..... | 305 |
| 2. Nascimento..... | 108 | 2. Corridas de Toras..... | 310 |
| 3. Infância..... | 112 | 3. Iniciação..... | 314 |
| 4. Casamento..... | 120 | 4. Wai'A..... | 321 |
| 5. Divórcio..... | 139 | 5. O Significado do Ritual..... | 336 |
| 6. O Grupo Doméstico..... | 143 | VIII. COSMOLOGIA..... | 341 |
| IV. O SISTEMA DE CLASSES DE IDADE..... | 153 | 1. Feitiçaria..... | 341 |
| 1. A Casa dos Solteiros..... | 153 | 2. Morte..... | 345 |
| 2. Iniciação..... | 164 | 3. Cosmologia..... | 349 |
| <i>Primeira Fase</i> | 164 | IX. A SOCIEDADE XAVANTE..... | 359 |
| <i>Segunda Fase</i> | 166 | 1. Estrutura Social..... | 359 |
| <i>Terceira Fase</i> | 175 | 2. Organização Dual..... | 362 |
| Primeiro Dia: Tebe..... | 175 | 3. Análise Comparativa..... | 367 |
| Segundo Dia: Pahöri'wa..... | 176 | GENEALOGIAS..... | 377 |
| Terceiro Dia: Töibö..... | 180 | APÊNDICES..... | 378 |
| Quarto Dia: corrida cerimonial..... | 182 | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 394 |
| Quinto Dia: a nova classe de idade..... | 186 | | |
| 3. Rapazes..... | 188 | | |
| 4. Homens Maduros..... | 193 | | |
| 5. A Posição das Mulheres..... | 199 | | |
| 6. Propriedades do Sistema..... | 207 | | |
| V. O SISTEMA POLÍTICO..... | 220 | | |
| 1. Clãs e Linhagens..... | 220 | | |
| 2. As Facções de São Domingos..... | 229 | | |
| 3. A Resolução das Disputas..... | 238 | | |
| 4. A Posição do Chefe..... | 250 | | |
| 5. Relações entre Aldeias..... | 266 | | |
| VI. O SISTEMA DE PARENTESCO..... | 276 | | |
| 1. Terminologia..... | 276 | | |
| 2. Papéis..... | 287 | | |
| 3. Emprego dos Termos..... | 295 | | |
| 4. Nomes..... | 296 | | |
| 5. Propriedades do Sistema..... | 301 | | |

ÍNDICE DAS FOTOGRAFIAS:

Homens cantando na mata durante o wai'á (Frontispício)

1. Homens retornam da caça depois de capturar um porco-do-mato.
2. Mulheres ao redor de um forno de terra.
3. Mulheres carregadas no momento da partida para uma das excursões de caça e coleta que caracterizam o período de nomadismo.
4. Homens fazem uma esteira de dormir.
5. Casa em construção.
6. a) Iniciantes percorrem a aldeia em "procissão", conduzidos por um rapaz mais velho;
b) Homens dançam na mata com as máscaras wamhōrō.
7. a) Meninos na casa dos solteiros durante um dos períodos de nomadismo;
b) Rapazes recém-iniciados cortam as pontas dos cabelos dos membros da classe de idade que passará a ocupar a casa dos solteiros.
8. Rapazes dançam diante das casas da aldeia.
9. O conselho dos homens maduros de São Domingos reúne-se ao amanhecer.
10. a) Apōwē, chefe de São Domingos, unta o corpo dos meninos antes de uma cerimônia;
b) Apōwē ao amanhecer, reúne-se com sua "corte".
11. Os Pi'u dançam agressivamente, "contra" os rapazes, no climax do wai'á.

ÍNDICE DOS MAPAS:

1. Localização das principais tribos mencionadas no texto 19
2. Localização das comunidades Xavante 38
3. As migrações dos Xavante 100

ÍNDICE DAS FIGURAS:

1. Sênões Lopes (1962) 55
2. São Marcos (1964) 59

3. Areões (1962) 63
- 3a. Genealogia esquemática de Areões (1962) 64
4. São Domingos (1958) 71
5. OTS (1962) 73
6. O grupo doméstico 146
7. Terminologia de parentesco empregada pelos homens em relação aos membros de seu grupo doméstico afim 286

ÍNDICE DOS QUADROS:

1. As Comunidades Xavante 52
2. Algumas das raízes que constituem a base da dieta Xavante 88
3. Atividades sazonais 90
4. Casamentos poliginicos de homens proeminentes 123
5. Poliginia 125
6. Poliginia sororal 138
7. O sistema de classes de idade 154
8. Iniciação 165
9. Categorias de idade 202
10. Relações entre as classes de idade 204
11. Classificações Xavante 226
12. CUs e linkagens 228
13. As fações de São Domingos em 1958 230
14. Flutuações na composição das comunidades Xavante 267
15. Categoria de parentesco 277

GRAFIA DAS PALAVRAS XAVANTE

Na transcrição das palavras Xavante, foram utilizadas as seguintes convenções: *

- * *N. da T.* - Na presente edição brasileira, as palavras Xavante foram grafadas de acordo com uma proposta de uniformização elaborada por salesianos e membros do Summer Institute of Linguistics, reunidos para esse fim por iniciativa da FUNAI, em 1977. Trata-se da ortografia "oficial", utilizada por grande parte dos próprios Xavante e empregada nas obras mais recentemente publicadas a seu respeito (vide bibliografia). Em relação à grafia originalmente utilizada por Maybury-Lewis, notem-se as seguintes equivalências:

(^h) = (ō): pronuncia-se como o e não acentuado da palavra inglesa *the*.

(s) = (ts): tem som sibilante e se assemelha a um x muito suave.

- (~) sobre uma vogal, torna-a nasalizada
 - (ʔ) indica oclusão glotal
 - (w) é pronunciado como no inglês
 - (ɬ) tem som sibilante e se assemelha a um x muito suave
 - (h) é aspirado, como no inglês
 - (th) é pronunciado como em português
 - (r) é sempre brando
 - (ö) pronuncia-se como o e não acentuado na palavra inglesa *the*
- As vogais e demais consoantes aqui não especificadas são pronunciadas como em português.



Homens cantando na mata durante o wald.

10. *Marãiwatsede* – Até 1962 ainda não se tinha contato com esta comunidade. A informação de que disponho a seu respeito me foi fornecida por alguns Xavante que se mudaram para São Domingos e que eram, originalmente, membros do grupo de Marãiwatsede. Disseram-me que se localizava a pelo menos três dias de caminhada (cerca de 160 quilômetros) ao norte e que lutavam com brancos e, ocasionalmente, com outros índios (não-Xavante). Suas relações com São Domingos também não eram boas. São estes Xavante que, segundo informações, aceitaram a paz em 1964.

Em 1958, tentei visitar os Xavante de Marãiwatsede – na época, ainda isolados – mas acabei por desistir devido à falta de guias, de transporte e de tempo. Os homens que poderiam ter-me levado até lá eram todos refugiados, ex-membros daquela comunidade. Compreende-se, portanto, porque estavam relutantes em voltar para lá. De qualquer forma, eu teria que levar uma grande quantidade de presentes e não havia mulas de carga disponíveis que estivessem em condições de fazer a viagem. Além disso, eu sabia, por experiência própria, que uma viagem com tais animais na região do Roncador seria incômoda e extremamente lenta; eu levaria várias semanas na viagem de ida e volta.

Certa vez, consegui interessar um jornal influente de São Paulo a me fornecer transporte aéreo para a visita. Em troca, eu oferecia a possibilidade de uma reportagem exclusiva. Soube-se, porém, que não havia condições de pouso para aviões comuns e que não se podia voar de helicóptero no Centro-Oeste sem que se estabelecesse uma cadeia especial de depósitos temporários de combustível. De qualquer modo, os únicos helicópteros disponíveis eram os do Serviço de Busca e Salvamento da Força Aérea Brasileira, que não estavam disponíveis para esta finalidade. Fui, então, a contragosto, obrigado a abandonar o projeto da viagem.

É bem possível que esta lista não esgote todas as comunidades Xavante. Os próprios Xavante dizem que há "mais aldeias" entre o rio das Mortes e o Xingu, mas não as conhecem com detalhes e precisão. Além disso, a localização das aldeias varia muito devido à sua grande mobilidade.

CAPÍTULO II

Ecologia

I. HABITAT

O TERRITÓRIO Xavante constitui uma parte da porção ocidental do Planalto Brasileiro. É uma região de campos cerrados, a cerca de 600 metros acima do nível do mar, o que a protege de índices extremados de calor e de umidade. Há uma estação seca, bem marcada, que vai de maio a setembro, quando até mesmo uma garoa é acontecimento raro e quando os viajantes cujas rotas se distanciam dos rios maiores estão seriamente expostos à sede. Durante este período, os lagos que se formam na estação chuvosa recobrem-se de tufos esparsos de capim que surgem no meio de "poças" de lama ressecada, que se quebram sob o pé como gelatina. Nesses "lagos", por mais que se cave, só é possível encontrar uma quantidade mínima de água muito barrenta. As chuvas chegam em outubro e, em geral, são fortes. Em janeiro e fevereiro, a terra costuma ficar encharcada, inundada mesmo, de modo que caçadores e índios andam sempre com a água quase pelos joelhos. O viajante tem, então, dificuldade para encontrar um lugar seco onde possa acampar para passar a noite ou, simplesmente, onde possa se deitar para dormir.

O solo é de arenito, conglomerado e xisto (Sauer, 1950: 323) e é geralmente conhecido por sua má qualidade. A ampla porção ocidental

do Planalto Brasileiro é, às vezes, tida como rica em jazidas minerais mas, além disso, boa apenas para a pecuária. As minas do Estado de Minas Gerais foram, a seu tempo, a base de toda a riqueza brasileira; ouro era extraído em Goiás; na região de Cuiabá, no Mato Grosso do Norte, ainda se explora ouro e diamantes; a extração de quartzo vem crescendo em importância na região. Há, de fato, rumores da existência de riquezas fabulosas nas regiões intermediárias menos conhecidas, tais como a Serra do Roncador, embora não tenham sido descobertas ainda, em território Xavante, jazidas minerais de muito valor. Diz-se que o rio das Mortes deve seu nome a um grupo de desbravadores que garimpavam ouro em suas margens no começo do século XVIII e que acabaram matando-se uns aos outros na hora de dividir o produto do garimpo. A partir dessa época, esses veios não foram mais encontrados. Sua existência - aceita como real por sertanejos otimistas, do Mato Grosso e de Goiás - tornou-se parte do folclore regional. O último visitante que levou a lenda a sério foi, provavelmente, o Coronel Fawcett, que perdeu sua vida ao tentar provar que ela tinha algum fundamento.

Dadas as circunstâncias, compreende-se porque os Xavante foram deixados relativamente em paz e puderam perambular em suas terras durante tanto tempo. Quando se diz que o território Xavante é constituído por "campos", é preciso ressaltar que não se trata de "campos limpos", muito valorizados como pastagens e sim de "campos cerrados". Um geógrafo descreveu estes "campos cerrados" como sendo "uma savana com moitas esparsas de mata mirrada e temporária" (James, 1941: 505). Podem, às vezes, ser produtivos, mas geralmente (e este é o caso do território Xavante), são solos pobres e constituem algumas das regiões menos densamente povoadas em todo o Brasil.

Os Xavante gostam do cerrado por sua amplitude, por ser aberto em comparação à floresta tropical, encontrada em todo o seu território nas matas-galeria que se formam ao longo de todos os cursos d'água. Até mesmo os menores riachos correm num túnel formado por mata densa. Os Xavante apreciam as matas ciliares porque nelas sempre encontram água e muita abundância de raízes e frutas, que são a base de sua alimentação. As palmeiras de buriti (*Mauritia* sp.), cujas folhas fornecem a fibra para seus ornamentos cerimoniais, são frequentemente encontradas nas matas-galeria (embora não apenas aí), bem como as árvores cuja madeira é utilizada na manufatura de vários artefatos. É aí, também, que se encontra o melhor solo para o cultivo de suas culturas

escassas. Além disso, estes lugares são geralmente bons para caçar, pois os animais sentem-se atraídos pela sombra fresca e úmida destas matas.

Os Xavante consideram a mata, no entanto, como uma comodidade e nada mais. A atividade que os interessa mais que qualquer outra é a caça, na qual despendem mais energia e a respeito da qual falam sem cessar. Conversam longamente a respeito de onde determinado animal foi visto e todos os detalhes do rastreamento e da morte do animal, do ponto exato onde penetrou a flecha fatal, em que ângulo e com que efeito. No seu cerrado monótono, onde eu não conseguia distinguir um arbusto ou uma moita e onde eu quase sempre tinha a impressão de ter passado por um determinado capão de mata apenas alguns momentos antes, os Xavante se lembram o lugar exato em que há vários meses ou estações um animal fora morto e narram detalhadamente todas as circunstâncias da caçada. Além disso, as caçadas podem ser realizadas com muito sucesso tanto no campo aberto quanto na mata-galeria. Há, no cerrado, caça suficiente para suprir as necessidades dos Xavante, de modo que não lhes é preciso caçar na mata quando querem carne. Por outro lado, a emoção de aproximar-se sorrateiramente e principalmente a emoção de perseguir o animal é maior, para os Xavante, quando eles estão num espaço aberto. Nem mesmo o índio mais forte e rijo pode bater-se contra moitas de espinhos da mesma maneira que uma anta. Por isso, os desvios que tem que fazer e o cuidado constante para evitar que seu arco e suas flechas entosquem-se nos cipós colocam-no em desvantagem quando ele caça na mata. O emaranhado indóspito da vegetação mais rasteira e os espinhos onipresentes chegam, algumas vezes, a desencorajar mesmo os Xavante que estão à procura de frutas para a coleta. Ouvi, muitas vezes, homens que voltavam destas excursões de mãos vazias dizerem, à guisa de explicação, que *ropipãdi* (literalmente: "fiquei com medo do lugar"). Não há razão, portanto, para os Xavante associarem o cerrado com escassez e a mata com abundância. Eles precisam da mata para fazer suas roças mas o que plantam não constitui uma parte vital de sua dieta, como veremos adiante.

Por outro lado, os Xavante não escondem seu profundo desagrado pelos espaços fechados. Chamam-nos *rowstédi* (*ro* = lugar, espaço; *sté* = ruim, uma expressão de desgosto que é sempre dita com um toque pejorativo, acentuando a última sílaba). Referem-se ao cerrado como sendo *ropetsédi* ou *rowédi* (*pete* = bom; *wé* = bonito, lindo) e é no cerrado que realmente vivem. Constroem suas aldeias sempre em campo aberto, sobre o solo limpo, de onde removeram meticulosamente

até mesmo a mais rala vegetação. Quando viajam, fazem-no pelo meio do cerrado, evitando a mata-galeria tanto quanto possível, ainda que isso signifique, na estação seca, ficar quase sem água. Durante suas viagens, ateam fogo a capões de mata muito fechada simplesmente para, segundo dizem, "limpar a área" (*rowēda*). Em resumo: pensam na mata como sendo estranha e feia e desdenham os povos que fazem da mata o seu lar. Esta atitude é compartilhada plenamente pelos Xerente que usam, inclusive, as mesmas palavras (*rópetsēdi* e *rōwastēdi*) para se referir à mata e ao cerrado. Nimuendajú relata algo semelhante entre os Timbira (1946:1): "A maior parte do território dos Timbira consiste de campos cerrados, ou seja, áreas extensas de capim com manchas de árvores e arbustos mais ou menos densas. Campos absolutamente limpos, vi apenas na região do Alto Pindari e, assim mesmo, sua extensão era pouca. As duas tribos Timbira desta região — Krikati e Pukóbye — são, por isso, designados pelos outros membros de seu grupo como Pópéy Kateye¹ (habitantes dos verdadeiros — ou belos — *pey*, campos, *pó*)".

2. ATIVIDADES DE SUBSISTÊNCIA

Nesta seção, descreverei o padrão Xavante de exploração do meio ambiente anterior ao contato das últimas décadas com os brancos. As informações foram colhidas durante a realização de um estudo da comunidade de São Domingos, em 1958, numa época em que modificações substanciais ainda não tinham ocorrido. Estas alterações e suas influências sobre a cultura Xavante serão tratadas posteriormente, num trabalho específico.

Caça

Pensou-se, com frequência, que as tribos que habitam os campos cerrados do Planalto Central subsistiam principalmente (senão exclusivamente) graças à caça e à coleta. As tribos Jê eram, portanto, consideradas como sociedades de caçadores por excelência: sua agricultura era

¹ Jean Carter, que trabalhou entre os Krikati, informou-me que essa designação estava mais corretamente grafada na forma usada por Nimuendajú, a página 18: Pópéykateye.

tida como extremamente rudimentar ou mesmo inexistente. As pesquisas de Nimuendajú (1946: 57) e Lowie (1946: 480) muito contribuíram para corrigir esta visão pois mostraram que todas as tribos Jê até então conhecidas haviam sempre praticado uma agricultura módica mas significativa, que tinha, entre os Timbira, pelo menos, uma importância considerável. Os Xavante também praticavam a agricultura mas dedicavam tão pouco tempo, energia e pensamento às suas roças que o estereótipo de "caçadores e coletores" se aplicava a eles mais adequadamente que às outras tribos Jê já estudadas.

Por outro lado, a carne não era a base da dieta Xavante, como se supunha frequentemente e como pensavam, inclusive, pessoas que os conheciam bastante bem. Esse mal-entendido decorria do interesse que os Xavante têm pela caça e de sua paixão pela carne, que é o seu prato predileto. É plenamente justificável que se pense que os "Xavante vivem de carne" se se viveu a experiência de ter um grupo de Xavante pedindo insistentemente que se abatesse uma rês para eles ou se se presenciou estes índios voltando de uma caçada, cada um trazendo quase 50 quilos de carne em sua cesta e se se assistiu à "orgia carnívora" subsequente! Na verdade, porém, sua subsistência era garantida, acima de tudo, por raízes, cocos e frutas que coletavam em suas andanças. Se escolhi, pois, falar sobre a caça antes de discutir a coleta — atividade econômica muitíssimo mais importante — é porque apresento estas atividades na ordem em que os Xavante as distribuem.

A seus olhos, não há dúvida quanto a qual delas é a mais "importante". Aos alimentos, em geral, os Xavante dedicam muito do seu interesse e das suas conversas mas a carne supera — e muito — qualquer outro item de sua dieta em sua escala de preferência. Enquanto que qualquer pequena novidade ou assunto para mexericos é fielmente relatado nas reuniões dos homens e comentado longamente (e, com frequência, em várias tardes seguidas, durante semanas), os dois assuntos de que mais se ocupam os homens são a comida que há na aldeia (e onde, ou seja, em casa de quem pode ser encontrada) e detalhes das caçadas, inclusive proezas passadas e projetos futuros. Os planos de uma caçada comunitária são geralmente discutidos durante vários dias e com antecedência, enquanto que as decisões relativas às expedições de coleta são tomadas quando os homens já estão se levantando para acabar a reunião, quando estão tirando a poeira dos couros de veado sobre os quais estiveram sentados. Este interesse pela carne e pela sua aquisição não é, tampouco, exclusivo dos homens: as mulheres Xavante conver-

sam muito sobre os planos de caçadas e mandam suas crianças espiarem as outras casas (se elas ainda não tiverem ido por livre e espontânea vontade) para saber que casa está recebendo que tipo e que quantidade de carne. Embora não tenham interesse ou conhecimento das técnicas de caça — tópicos sempre presentes nas conversas de seus homens — elas têm sempre um grande interesse no produto final: recebem um caçador mal-sucedido com uma frieza declarada, mesmo quando há quantidade satisfatória de outros alimentos na casa. Um caçador bem-sucedido ao contrário, atira sua caça ao chão, para que as mulheres a preparem e se deita em sua esteira de dormir, com uma aparência de indiferença estudada que mascara seu sentimento de auto-estima e importância.

Caçar é o meio mais comum de expressão de virilidade. Os homens Xavante, quando são bons caçadores, apreciam as caçadas em si e se deliciam com elas porque elas oferecem sempre a oportunidade de fazer uma exibição pública de sua masculinidade. Os Xavante, como veremos adiante, prezam a resistência física, a rapidez, a agilidade, vivacidade e astúcia são também qualidades de que os homens se orgulham. Uma caçada bem-sucedida demonstra que eles são dotados, em certa medida, de todas essas qualidades.

Durante minha estadia, notei que um homem (ou um grupo de homens) geralmente decidia ir caçar sem nenhuma formalidade e permanecia fora da aldeia o tempo necessário para conseguir uma quantidade razoável de carne ou até o cansaço chegar. Nestas ocasiões, os caçadores saíam da aldeia antes do sol nascer, munidos das melhores armas de longo alcance que possuíam, geralmente arcos e flechas. Por volta de 1958, a maior parte das aldeias Xavante dispunha de algumas espingardas. São Domingos, por exemplo, possuía três rifles .22 e os caçadores sempre os preferiam aos seus arcos, quando conseguiam munição. Por volta de 1962, raramente os Xavante saíam para caçar sem uma espingarda. Nunca levavam bordunas, nem cachorros² nestas caçadas informais.

² Os Xavante parecem possuir muito poucos cachorros. Com toda a certeza, não havia mais do que cinco ou seis em São Domingos, em 1958. São animais de estimação que guardam as casas da aldeia. Nunca são usados nas caçadas — nem mesmo quando se trata de pegar uma onça, que os sertanejos do Mato Grosso não enfrentam sem a ajuda de cães bem treinados. É interessante comparar essa atitude dos Xavante com relação aos cachorros com a dos Xerente, que dependem dos cães para rastrear, iniciar a caçada e frequentemente para acuar a caça. Os Xerente, geralmente, atribuíam a falta de sorte numa caçada à má qualidade dos cães. Talvez por isso os cachorros dos Xerente fossem mantidos meio mortos de fome e tratados aos chutes nas casas, onde estavam sempre roubando comida. Os cachorros costumavam ser bem tratados e alimentados pelos seus donos quando estes são Xavante.

Os próprios Xavante rastreavam e acuavam a caça que queriam.

Nestas atividades, os Xavante são astutos e ágeis. Às vezes, perseguem e capturam filhotes de caititu ou de veado quando caçam animais adultos. Levam os filhotes consigo para casa, para criá-los como animais de estimação. Eventualmente, porém, alimentam-se deles, principalmente no caso do caititu, cuja carne os Xavante apreciam particularmente³.

Durante as caçadas, os homens emitem vários gritos diferentes, que indicam as espécies que estão perseguindo; quando, na aldeia, ouve-se o grito que indica o caititu, os homens invariavelmente saltam rapidamente à procura de seus arcos e correm a juntar-se ao grupo de caçadores. Os Xavante classificam a anta e o caititu numa mesma categoria, como se vê no seguinte quadro de equivalências:

| Xavante | Português |
|---------|---|
| nhodo | anta |
| nho | porco do mato (<i>Tayassu tajacu</i>) |
| nhore | caititu (<i>Tayassu pecari</i>) |
| nhobo | porco doméstico |

As antas são especialmente apreciadas por serem os maiores animais de caça das terras Xavante. Os veados são também caçados sistematicamente.

O termo genérico para o que chamamos "veado" é *po* e os Xavante usam frequentemente a expressão *po da* ("procurar veado") como sinônimo para as caçadas em geral. Entre as espécies de veado, fazem as seguintes discriminações:

| Xavante | Português |
|---------------------------|--|
| poné | veado-mateiro (<i>Mazama americana</i>) |
| ponfê | veado-catingueiro (<i>Mazama simplicicornis</i>) |
| podzé | veado (<i>Ozotocercus bezoarcicus</i>) |
| podzé wasté/podzé watsede | gado bovino |

³ Os Xavante disseram-me que seriam comidos embora eu nunca tenha visto, de fato, um animal de estimação servir de alimento a seus donos. Parece, porém, que pelo menos os caititus eram criados para serem comidos, não apenas porque os Xavante acham deliciosos a sua carne, como também porque são animais irritadiços e prigosos para se ter às voltas consigo, em casa.

É interessante notar que os Xavante incorporam o gado bovino à categoria do veado e veado com má formação pois *watsede* = ruim. Por outro lado, a palavra Xerente que designa o gado o incorpora à outra classe maior de animais de caça: os Xerente chamam o boi de *Ktöku* (onde *Ktö* = anta), assimilando-o, assim, à categoria dos suínos essencialmente. Por outro lado, a maior espécie de veado das terras Xavante (o "cervo" ou "veado galheiro" *Doreclaphus bezoarcticus*) é, por razões que não pude descobrir, classificado não como uma variedade de *pi* mas referido como *aiho*.

Quando os homens planejam o rumo que a comunidade como um todo deve tomar durante uma expedição de caça e coleta, suas deliberações são influenciadas principalmente pela possibilidade de encontrarem veados ou caítilus em regiões determinadas, segundo os relatos mais recentes de que dispõem. Qualquer caça, no entanto, é perseguida e transformada em alimento. Além dos caítilus e veados, são bastante comuns o tamandua-bandeira e o mirim. Vi também os Xavante comerem ratos do campo e várias espécies de macacos e tatus. Alimentam-se da maior parte das aves, com exceção das aves de rapina mas caçam apenas certas espécies: a ema e a seriema, já que ambas fornecem grande quantidade de carne; papagaios, pelas suas penas e araras, pelas longas penas do rabo, que são usadas nos ornamentos cerimoniais. O aparecimento de uma arara causa grande excitação pois todos que podem tentam pegá-la, com o arco ou com a borduna.

Por outro lado, nunca vi os Xavante comerem répteis. De qualquer forma, eles não são muito abundantes no cerrado e os Xavante não vão à sua procura à beira d'água. No fim da estação seca, no entanto, caçam tartarugas, de que se alimentam. Isto, porém, é feito *en passant*. Seu interesse real é a coleta dos ovos da tartaruga pois um único ninho fornece grande quantidade destes ovos que são extremamente nutritivos e ricos em gordura. Um coletor experiente é capaz de encontrar vários ninhos numa mesma praia ribeirinha, na estação apropriada.

Quando saem, assim, para caçar, os homens Xavante não levam nada além de suas armas. Às vezes levam consigo uma pequena cesta contendo alguns coquinhos para comer no caminho e, hoje em dia, os fósforos, imprescindíveis. Movem-se rapidamente, arrastando os pés, num passo ao qual um estrangeiro só se acostuma com extrema dificuldade. É mais rápido que o andar mas sem chegar a ser uma corrida acelerada. Os Xavante conseguem manter esse passo durante todo o dia se

necessário, alternadamente com disparadas ou corridas atrás de alguma caça com que se deparam. Quando querem descansar, geralmente sobem numa árvore. Obtêm, assim, uma excelente posição, de onde podem observar a região, entre os arbustos e as árvores mirradas do cerrado. Além disso, as árvores oferecem um bom lugar de descanso — porque seco — na época das chuvas.

Quando estão à procura de caça, os Xavante comem o que encontram em seu caminho: frutas, cocos e raízes. Guardam, porém, uma preferência especial pelo mel, que procuram constantemente. No cerrado são encontradas muitas variedades de abelhas. Os Xavante identificam um grande número de variedades, cujas peculiaridades são todas bem conhecidas, especialmente com relação à quantidade e qualidade do mel que propiciam. Enumero aqui algumas destas variedades:

| | |
|----------------------|-----------------------|
| putédi | sem mel |
| puteté wawé | sem mel |
| utotororiné | mel ruim |
| datomnöre-bumoröf'wa | bom mel |
| nonore | bom mel |
| wannonorirópré | bom mel |
| pató | |
| tsipiri | bom mel |
| andzo | bom mel |
| u'nra | bom mel |
| u'nra dzópré | bom mel |
| mrómörtóri | mel ruim |
| pi ü | vespão (veja cp. VII) |
| m'honére | cupim |

Incluí o termo que designa cupim na lista porque os Xavante também se referem à secreção pegajosa que envolve esse inseto como *ipni*, o termo geral para aquilo que chamamos de "mel" e também porque eles se alimentam desta secreção sempre que a obtêm. Uma vez que a maior parte destas abelhas não tem ferrão, os Xavante, assim que avistam uma colméia, sobem imediatamente na árvore onde ela está, abrem-na e comem o seu conteúdo, com abelhas e tudo. O mesmo fazem, às vezes, com cascas de cupim, mesmo sentindo muita dor pois uma picada de cupim pode até tirar sangue. Um dos meus companhei-

ros, numa expedição de caça, viu-se coberto por cupins zangados — inclusive em seus órgãos genitais — ao cavar um "ninho" de cupins especialmente resistentes. Nem assim, porém, correu para se livrar deles, enquanto não acabou de "limpar" o ninho. Há uma desvantagem em comer uma grande quantidade de mel durante uma caçada: quase sempre não se encontra água nas proximidades para aplacar a sede intensa que se sente a seguir. Os Xavante estão bem cientes do problema e algumas, se bem que raras, vezes eles abrem mão do mel de abelhas devido à falta d'água nas imediações. Geralmente, no entanto, comem o mel e suportam a sede até encontrarem água; ou, como solução alternativa, tentam obter um pouco de água no solo quando a estação seca ainda não está tão avançada a ponto de tornar tal expediente impossível.

Cava-se um buraco no solo, à procura de água, cuja profundidade não ultrapassa a do alcance de um homem; ou, em circunstâncias mais favoráveis, encontram-se gramíneas que crescem à sombra e que são, então, arrancadas do solo, com suas raízes. Cava-se um buraco de cerca de meio metro de profundidade e neste "barro limpo", a água logo se junta. Esta água é rapidamente ingerida antes que se suje. Na minha opinião, seu gosto era horrível mas era, aparentemente, bastante inofensiva.

Quando um animal é morto, ele é assado no próprio local (caso os caçadores não tenham regressado em seguida) ou, então, ele é levado de volta para ser preparado pelas mulheres. Os homens Xavante sabem fazer pequenas cestas para carregar pedaços de carne, trançando rapidamente duas folhas de palmeira. Geralmente, porém, não se preocupam em providenciar receptáculo algum para a caça; amarram, simplesmente, os pés do animal com uma tira de entrecasca de árvore que apóiam em sua própria frente, carregando a caça em suas costas de volta à aldeia ou ao acampamento. O animal pode ou não ser limpo previamente, dependendo da distância a ser percorrida pelo caçador e do seu cansaço. Ele pode decidir, por exemplo, que é menos trabalhoso esvaziar o conteúdo do estômago de uma anta do que carregar um peso extra durante todo o caminho de volta.

Quando querem que a carne se conserve por um tempo mais longo, os Xavante assam-na diretamente sobre a brasa. Ela fica bastante tempo no fogo, até assar bem, já que está protegida por uma camada de cinzas e de terra. Quando assada deste modo, a carne dura uma semana ou mais, mantendo-se em condições de ser ingerida. Ao fim de alguns

dias depois de assada, porém, começam a aparecer larvas no meio da carne. Nem isso, nem o mau cheiro que as acompanha parecem incomodar os Xavante. Eles simplesmente cortam a porção apodrecida da carne e comem a parte que ainda se conserva. Quando consegui superar a repugnância inicial, descobri que eu também podia comer desta carne sem que houvesse consequências nefastas.

Este tipo de caçada, à qual os Xavante se dedicam durante todo o ano, é levado a efeito por iniciativa de qualquer indivíduo e é designado por *aba* ou *ai'wa*. Se vão em grupo, este é composto por amigos que juntam suas forças para atingir seu objetivo. A distribuição da caça no momento do retorno à aldeia ou acampamento é descrita no Capítulo V.

Há, porém, um outro tipo de caçada definido pelo seu caráter de empresa coletiva, ordenada e dirigida pelos homens maduros⁴ em benefício da comunidade como um todo. Estas caçadas, conhecidas como *hômoro*, estão sempre ligadas a cerimônias das quais toda a comunidade participa e que terminam com uma distribuição formal da carne feita por encarregados oficiais. Caçadas coletivas, relacionadas com cerimônias importantes, são características das tribos Jê; é importante lembrar, também, que os Xerente tinham dois distribuidores permanentes de carne que atuavam nestas ocasiões, sendo um de cada metade (Nimuendajú, 1942: 18). Não há tal cargo entre os Xavante, mas certos homens da linhagem dominante de cada comunidade são, de certo modo, reconhecidos como líderes e árbitros. São eles os que invariavelmente se encarregam da distribuição da carne (e de outros bens) em ocasiões formais.

Uma caçada coletiva difere das demais por ser planejada no conselho dos homens e por durar vários dias. Algumas vezes, decide-se no conselho que um determinado grupo — geralmente o dos jovens iniciados — deve caçar para a comunidade e ordens são dadas nesse sentido. Este procedimento não deve ser confundido com uma caçada formal. Os membros da classe de idade que recebeu a ordem para ir caçar podem ou não aceitá-la e geralmente acompanham-nos outros caçadores que por ventura desejem incorporar-se ao grupo. Além disso, não há distribuição formal da caça quando da sua volta: a carne é rapidamente

⁴ Os homens Xavante passam por quatro categorias de idade: crianças, meninos (no *ho* ou casa dos solteiros), rapazes (iniciados mas não tidos como maduros) e homens maduros (todas as classes de idade *senior*). São homens maduros que tomam todas as decisões que afetam a vida da comunidade e sempre que eu usar o termo "conselho dos homens" eu estarei me referindo ao seu fórum, a menos que eu afirme especificamente o contrário.

distribuída entre os parentes consanguíneos, segundo um procedimento que será descrito adiante. Por outro lado, das caçadas coletivas participam todos os homens da comunidade aptos a fazê-lo. Saem todos mais ou menos juntos e caçam sob a orientação dos mais velhos. Voltam juntos e entregam a sua caça na aldeia, para ser distribuída.

Estas caçadas sempre propiciavam enorme quantidade de carne: suficiente para alimentar os homens enquanto estavam fora da aldeia e suficiente para alimentar toda a comunidade durante três ou quatro dias depois de sua chegada⁵. A razão econômica para que tais caçadas sejam realizadas em conexão com grandes rituais, quando as pessoas estão ocupadas demais para poderem obter alimentos torna-se, então, óbvia. As razões, no entanto, não são apenas econômicas pois os Xavante, assim como outras tribos Jê, consideram a carne e o milho como a base de todas as prestações cerimoniais. Teoricamente, não podem ser substituídos por nenhum outro alimento de que possa, por ventura, haver excedente. Assim também, outras tribos Jê, diante do desaparecimento da caça devido à intrusão da pecuária em seus territórios de caça, vasculhavam a região durante semanas a fio até obter a carne necessária para a realização de suas cerimônias (veja, por exemplo, Nimuendajú, 1946: 64).

Um dos métodos até hoje utilizados pelos Xavante para garantir o sucesso destas caçadas coletivas é o ateamento de fogo a uma área circular do cerrado, na estação seca; os caçadores, muito numerosos, colocam-se na abertura do círculo de fogo, por onde os animais aterrorizados pelas labaredas e atordoados pela fumaça tentam, em vão, fugir: são alvo fácil das bordunas e dos arcos.

As caçadas cerimoniais não são precedidas ou acompanhadas por ritos propiciatórios de sucesso ou abundância. Apenas uma vez deparei-me com um caso de magia deste tipo. Um homem espremeu uma raiz tuberosa sobre seus braços e disse-me que o fazia como garantia de que seria capaz de matar muitos veados. Pode muito bem não ter sido uma prática "mágica" e eu nunca consegui uma explicação satisfatória para este fato. Além deste caso duvidoso, ouvi dizer que os Xavante realizam ritos especiais e usam batoques auriculares⁶ também especiais para a

⁵ Isso já não se aplica mais aos Xavante do alto rio das Mortes.

⁶ O que seria coerente com o significado simbólico que os Xavante atribuem aos batoques auriculares, que discuto no Capítulo VII. A informação, no entanto, foi-me dada pelos missionários alemães que tinham pouca experiência com os costumes Xavante. Foi-me impossível confirmá-la com a ajuda de informantes.

caça da onça. Na única vez em que participei com eles de uma caçada deste tipo, tratava-se de uma expedição informal e os Xavante tiveram exatamente o mesmo procedimento que teriam tido se se tivessem depurado com outra caça; estavam, apenas, mais excitados. Talvez cause surpresa o fato de caçadas que têm um caráter cerimonial tão marcado não se façam acompanhar por nenhum tipo de rito, principalmente quando se trata de um povo para quem a caça significa tanto⁷. Só posso sugerir que os ritos, ao contrário, são realizados no momento da manufatura das flechas para a caça. Há um tipo especial de *wai'i* (veja o Capítulo VII), celebrado no local em que os Xavante coletam as taquaras para as flechas que, segundo se diz, é feito "para as flechas". Não me foi possível, infelizmente, assistir a esta modalidade específica de *wai'i*, embora tenha estado presente quando da realização de outros.

Coleta

Sem a caça, a cultura Xavante seria muito diferente; mas sem a coleta, os Xavante não seriam jamais capazes sequer de existir. Em 1958, os Xavante de São Domingos não comiam carne todos os dias e chagavam a ficar sem carne durante vários dias seguidos quando estavam muito ocupados para ir caçar. Nunca se passava um dia, porém, sem que os produtos naturais da região estivessem à mão.

Estes produtos eram, basicamente, de três tipos: raízes, cocos e frutas. Esboços das raízes são encontrados no Quadro 2. Só consigo identificá-los por seus nomes Xavante pois os regionais não as comem nem — que eu saiba — têm designações especiais para elas. Também não me foi possível obter uma identificação satisfatória das espécies que levei comigo a um laboratório de São Paulo.

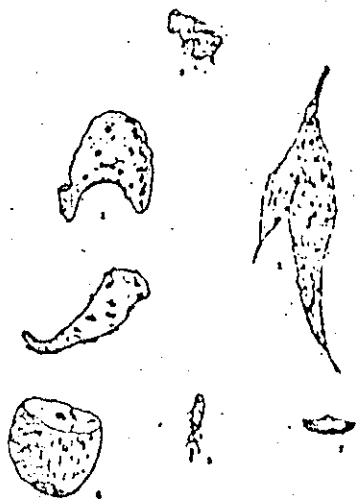
São coletadas em grandes quantidades em certas regiões do cerrado e fornecem uma dieta nutritiva embora composta quase exclusivamente de amido. Geralmente são trazidas à aldeia no fim da tarde ou no anoitecer: as fogueiras são acesas (ou reavivadas) e metade das raízes são cozidas em panelas enquanto que as demais são assadas diretamente na brasa. As assadas ficam prontas primeiro e podem ser ingeridas na própria casca ou são descascadas, de acordo com a vontade do indivíduo.

⁷ Sabe-se, no entanto, que nem sempre as sociedades de caçadores têm "ritos de caça" específicos (veja-se em Lévi-Strauss, 1962, maiores informações sobre o assunto).

QUADRO 2

Algumas das raízes que constituem a base da dieta Xavante

- nº 1: — *Tomôtu*: é, geralmente, do mesmo peso e tamanho que uma batata.
- nº 2: — *Ponêri*: tem uma casca dura e acinzentada recoberta por pequenos "olhos". Tem a consistência de uma batata com alto teor de amido.
- nº 3: — *Udeá*: tubérculo comprido recoberto por uma áspera pele. Faz lembrar o aipim (*Manihot aipi*).
- nº 4: — *Isô*: recoberta por uma pele lisa e acinzentada. Quando descascada, sua consistência é macia e amilácea.
- nº 5: — *Udzapoto*: raiz arredondada e cuja forma faz lembrar uma beterraba. Sua polpa é quebradiça. Chega a alcançar o tamanho de uma abóbora pequena.
- nº 6: — *Manihôirere*: pequenina raiz, coletada em grandes quantidades. Quando assada na brasa, fica com um gosto e uma consistência semelhante aos da castanha assada.
- nº 7: — *Tomôtsuhoirere*: pequeno bulbo. Atualmente só é ingerido depois de fermentado.



Tirar a pele ou deixá-la ficar parece depender da quantidade de terra e de matéria carbonizada que contém. Em geral, os Xavante gostam de um pouco de casca e tendem a ingerir uma quantidade bastante grande de terra e de cinzas incidentalmente, junto com o alimento. As raízes cozidas, assim que ficam prontas, são comidas de modo semelhante.

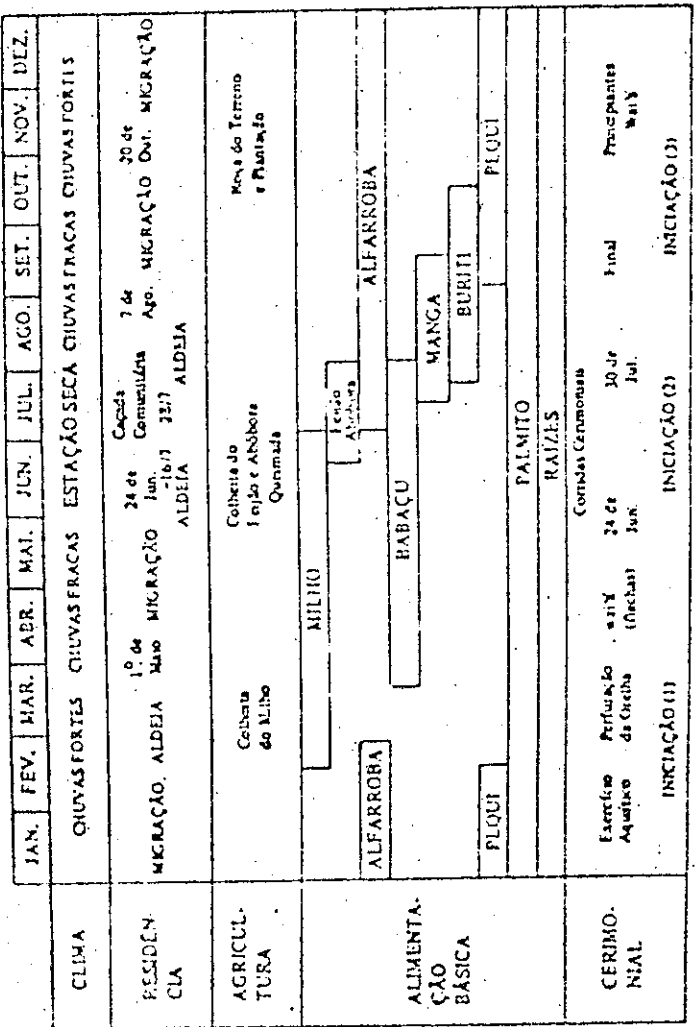
Os Xavante comem quantidades imensas dessas raízes durante a maior parte do ano. Essa base de sua dieta, rica em amido, talvez explique o fato das crianças Xavante serem barrigudinhas, embora sejam bastante raros os casos de subnutrição. Da mesma forma, os Xavante julgam necessário dar vazão aos gases incessantemente, depois dessas refeições. As discussões no conselho dos homens são pontuadas por esses ruídos, que não são considerados indecorosos. Por outro lado, chamar a atenção para eles é visto como indelicadeza.

As raízes são encontradas durante todo o ano mas são especialmente importantes na dieta Xavante de abril a junho, ou seja, na primeira metade da estação seca. Em abril de 1958, os Xavante estavam guardando o que restava da colheita do milho para consumir durante as cerimônias de iniciação, previstas para o meio da estação seca. Por isso já não comiam mais milho no fim das chuvas e dependiam quase que exclusivamente de raízes e de palmito. Nessa época, o feijão começou a dar nas roças e me foi dito que esse era um sinal para que o grupo organizasse uma expedição de caça e coleta. Desse modo, os impacientes e os imaturos seriam impedidos de comer os feijões verdes e de estragar a colheita. Só quando voltaram à aldeia, no fim de junho, é que os Xavante comeram o resto do seu milho, junto com o feijão e as abóboras que colheram então (veja Quadro 3).

Nesse meio tempo, além das raízes, os cocos e o palmito constituíram a base de sua dieta; são alimentos disponíveis durante o ano todo. O palmito (*Chamacrops* sp.) é encontrado em todo o interior do Brasil e os Xavante o comem cru, quando são tenros. Eles também apanham palmitos de uns dez centímetros de diâmetro e os assam no forno de terra. Esse é um processo muito demorado, de modo que os palmitos podem às vezes ser colocados no forno à noite e retirados na manhã seguinte. Os Xavante costumam, também, levantar-se depois de pouco tempo de sono para comer palmito assado.

Entre os Xavante, o forno de terra é feito sobre uma superfície plana coberta com cinza quente, que se obtém esmigalhando as brasas. Algumas pedras são colocadas sobre a cinza e cobertas com folhas⁶. A

⁶ Pode-se prescindir das pedras e das folhas se o alimento (ou um bolo de milho, por exemplo) puder ser facilmente retirado e limpo depois de assado.



comida que se quer assar é espalhada sobre o leito de folhas e recoberta com terra. O fogo é novamente aceso, dessa vez sobre o monte de terra. Arde lentamente, sem chama e com muita fumaça, enquanto a comida vai assando. Raramente se colocam folhas sobre a comida, como costumam fazer os Timbira. Os Xavante, ao contrário, removem as brasas, simplesmente, e cavam a terra para retirar seu alimento já assado. Na maior parte das vezes em que esse forno é usado, os Xavante preparam palmito; mas ele é usado também para assar grandes porções de carne que não ficariam bem assadas se fossem simplesmente postas sobre as brasas e, ainda, para preparar os bolos de milho que, às vezes, fazem.

Os cocos são uma fonte perene de alimento. Há muitas variedades no território Xavante mas, sem dúvida alguma, a mais importante é o coco da palmeira de babaçu (*Orbignya sp.*). Essas palmeiras dão em grupos em toda a área tropical dos cerrados no Brasil e se constituem em importante fonte de extração de óleo.

Os Xavante coletam o babaçu regularmente, como parte de suas atividades cotidianas. Às vezes, saem em grupos para poder trazer grandes quantidades. Certa vez, durante minha estadia, as mulheres organizaram um grupo e saíram para coletar babaçu para um ritual enquanto que os homens participavam de uma caçada, com a mesma finalidade.

Cocos, principalmente os de babaçu, são os petiscos mais comuns. Quando acordam de manhã cedo, os Xavante comem alguma coisa que tenha sobrado da refeição da noite anterior. Quando não há muita coisa, eles vão às suas cestas pessoais e pegam alguns coquinhos do seu estoque. Durante o dia, sempre que ficam com fome, servem-se de mais cocos. Por isso, todos tomam o cuidado de guardar uma boa quantidade de cocos à mão para garantir a sua alimentação entre as "refeições" maiores, que têm lugar quando uma quantidade grande de alimentos chega aos grupos domésticos. Além disso, os coquinhos são o único alimento tido como um bem "privado". Um Xavante pode servir-se deles, retirando-os da cesta que carregam sem oferecê-los aos parentes presentes, um gesto que ele nem pensaria em fazer se se tratasse de qualquer outro alimento. Os homens procuram sempre ter um bom suprimento desses coquinhos porque o seu suco leitoso, misturado à saliva, é um dos cosméticos favoritos dos Xavante e os homens têm mais cuidado com a sua aparência que as mulheres. Eles untam seu cabelo e seus corpos assim, pelo menos uma vez por dia. Os que pertencem à categoria de idade a que chamei de "rapazes" passam grande parte do dia

embelezando-se, quando estão no acampamento. Os cocos maiores são mais apreciados ainda que os coquinhos de babaçu por causa de sua polpa tenra e seu leite abundante mas são bem mais raros no território e os Xavante só os obtêm de vez em quando.

Finalmente, cabe dizer que os Xavante coletam grandes quantidades de frutas nativas tanto antes quanto durante a estação das chuvas. A alfarrobeira (*Ceretona* sp.), cujas sementes são conhecidas vulgarmente como contas de São João, produz em julho. Daí, até o fim do ano, a alfarroba ocupa um lugar central na sua dieta. Em agosto, começa a haver abundância de outras frutas, principalmente a da palmeira de buriti (*Mauritia* sp.), considerada o produto de maior teor de vitamina C do mundo. Em outubro, quando começam as chuvas, há uma grande colheita de pequi (*Carijocar* sp.). Alfarroba, buriti e pequi são as frutas mais importantes da dieta Xavante e constituem o suprimento alimentar básico durante a estação das águas. Outras frutas como a manga, o jenipapo (*Genipa americana*) e várias outras espécies que não pude identificar são também coletadas para suplementar essa dieta. Quando os Xavante acabam de consumir todas as frutas das regiões que percorrem, em fevereiro e março, está na hora de dar início à colheita do milho.

O território Xavante é, portanto, naturalmente bem dotado para a manutenção de uma pequena população de caçadores e coletores nômades. Um coletor eficiente consegue alimentar várias bocas sem dificuldades excessivas. Como coleta é basicamente uma atividade feminina, deduz-se que as mulheres constituem componentes economicamente ativos no âmbito do grupo doméstico. Os homens, às vezes, também saem para coletar, já que não consideram que essa atividade os diminua. Acontece simplesmente que a maior parte do seu tempo é despendido na caça, na vida social e cerimonial da comunidade, da qual as mulheres participam pouco. As excursões de coleta com outras mulheres representam, aliás, uma das poucas oportunidades oferecidas a uma mulher de relacionamento social fora de casa. O resultado é que as mulheres gostam de ir coletar e geralmente procuram voltar mais cedo para tomarem juntas um banho gostoso no rio próximo ao acampamento. Os homens só saem para coletar quando não têm nada melhor para fazer. Conseqüentemente, embora a contribuição das mulheres no fornecimento de alimentos ao grupo doméstico seja não apenas suficiente como essencial para a sobrevivência do grupo, ela não é tão valorizada quanto a dos homens. Nessas circunstâncias, entende-se porque os Xavante acham conveniente praticar a poligamia a qual leva, como vere-

mos, a uma situação em que os homens mais velhos têm várias esposas enquanto os mais jovens ficam esperando impacientemente que as meninas imaturas cheguem à idade de casar.

Agricultura

Os Xavante não são lavradores muito eficientes porque consideram o trabalho agrícola enfadonho e também porque não são pressionados pela necessidade de complementar sua dieta abundante com produtos cultivados. Antes do contato, plantavam milho (*Zea mays*), feijão (*Phaseolus* sp.) e abóbora (*Cucurbita* sp.), que são plantas resistentes que praticamente não exigem cuidados. A mais importante era o milho. Os Xavante distinguem diversas variedades diferentes de milho:

nodzö
nodzöpré
nodzöb'á
nodzö wawé
nodzöpmrári
nônmö'ubuti
nônmöhöby

Estas variedades são consideradas milho propriamente Xavante, usadas na preparação dos bolos, que ocupam lugar proeminente nas trocas cerimoniais. Há um mito de origem que explica como eles obtiveram o milho, a única cultura a receber tal distinção, até onde me foi dado conhecer. Os Xavante se referem desdenhosamente ao fato dos brancos conhecerem apenas uma variedade de milho, que designam por *wawé*.

Sua vida nômade dificultava a prática de uma agricultura mais intensiva. Eles costumavam dedicar às suas roças apenas três semanas ou, no máximo, um mês por ano: aproximadamente uma semana para limpar o terreno e plantar, uma semana para colher o milho e mais uma semana para a colheita do feijão e da abóbora. No intervalo dessas visitas, ou ficavam na aldeia (situada em geral a um dia de caminhada das roças) ou partiam em expedições de caça e coleta. De vez em quando,

alguém ia até as roças para verificar se já era o momento da colheita. Fora isso, as roças não recebiam nenhum cuidado especial.

Para os Xavante, o produto das colheitas era pensado mais como alimento para ser usado nas celebrações do que como fonte essencial para a sobrevivência da comunidade. Muitos dos rituais Xavante requerem o preparo cerimonial de bolos de milho. Uma consulta ao Quadro 3 demonstrará que os dois estágios mais importantes da cerimônia da iniciação, em 1958, aconteceram na época da colheita do milho e na época da colheita do feijão e da abóbora, respectivamente. As plantas que os Xavantes cultivavam em seu estilo fortuito eram adequadas a estes fins. Da mesma forma, o algodão de que necessitavam para a confecção dos ornamentos cerimoniais é planta nativa da região. Havia, portanto, pouco incentivo para a adoção de novas culturas.

O Serviço de Proteção aos Índios tentou insistentemente persuadir os Xavante a cultivar outras plantas, especialmente o aipim (macaxeira), arroz e bananas. As razões para esse procedimento são facilmente identificáveis: enquanto os Xavante continuassem sua existência nômada eles não explorariam satisfatoriamente, do ponto de vista econômico, seu território. Eles ocupavam uma extensão de terra que poderia sustentar um número bem maior de agricultores. Estava claro que, com o passar do tempo, essa região do Mato Grosso seria aberta à colonização e que os Xavante teriam que enfrentar o problema de sobreviver numa fração de seu território original. Se pudessem ser induzidos a incorporar a agricultura, teriam a vantagem de poder se adaptar, aos poucos, a uma situação inevitável; além disso, a tarefa de administrá-los seria bem mais fácil. Com esse objetivo em mente, os funcionários do SPI limparam e formaram roças em São Domingos, às quais deveriam suprir o Posto durante o período de "atração" dos Xavante; seriam, depois, passadas aos índios para que assumissem as atividades agrícolas. Quando os Xavante foram contatados e se descobriu que eram apaixonados por farinha de mandioca, pensou-se que seria fácil convencê-los a plantar mandioca, o que daria início às mudanças que os administradores esperavam provocar na cultura Xavante.

Os Xavante, no entanto, perceberam que se dessem ouvidos ao encarregado do Posto teriam que modificar ou até mesmo desistir de seu nomadismo. Por isso, eles aceitaram as plantações mas não as mantiveram a contento; plantavam apenas o que, por tradição, estavam acostumados. Esforçavam-se muitíssimo para descobrir quem, entre os sertanejos da região, dispunha de farinha de mandioca e organizavam

expedições especiais para mendigá-la, obtê-la à força ou roubá-la. Mesmo assim, recusavam-se obstinadamente a plantar mandioca e até as bananeiras que receberam acabaram sendo destruídas: eles eram muito pouco cuidadosos, queimavam o mato das roças e acabavam queimando-as também. Nenhuma muda foi salva, de modo que a comunidade não dispunha de bananas em 1958.

Segundo seus próprios depoimentos, os Xavante, antes do contato, costumavam preparar o terreno para suas roças queimando uma faixa da mata-galeria. Esse é o método usado ainda hoje pelos sertanejos em todo o cerrado. Fazem uma queimada no local escolhido e retiram o que o fogo não destruiu. A clareira pode, então, ser semeada assim que as primeiras chuvas caem e amaciam o solo. As roças ficam cheias de tocos e de troncos de árvores; galhos entrelaçados, que escaparam da queimada, surgem aqui e acolá, de modo que é preciso abrir caminho na "clareira", na época do plantio. As plantações dos Xavante são — como se poderia esperar — ainda menos ordenadas e o terreno menos limpo que as dos sertanejos, embora hoje em dia os índios disponham dos mesmos instrumentos — enxadas e facões — para retirar o que sobra e o mato que brota depois da queimada. Antes, quando não tinham outra opção para abrir clareiras além de queimadas sucessivas e nenhum outro instrumento agrícola além do pau cavador, os Xavante cultivavam suas plantas entremeadas de vegetação nativa.

Faziam a queimada das roças velhas logo depois da colheita do feijão e da abóbora (em 1958, isso aconteceu em julho). Voltavam quando das primeiras chuvas, aí pelo fim de outubro, para tirar o mato mais crescido e fazer o plantio. No fim da estação das águas, por volta de fevereiro, colhiam o milho. Era essa toda a sua atividade agrícola.

A unidade econômica entre os Xavante é o grupo doméstico e eram portanto os membros de cada casa que limpavam uma porção de terreno, plantavam e colhiam os produtos de uma roça comum. Cada grupo doméstico devia tomar a responsabilidade de guardar seu próprio estoque de milho para semente, numa pequena cesta de trama bem fechada, seu estoque de sementes de abóboras numa cabaça bem fechada e seu próprio estoque de feijão em um recipiente similar. Essas sementes eram guardadas cuidadosamente pelos membros de cada grupo doméstico para o plantio da estação chuvosa no ano seguinte. Quando chegava a hora do trabalho nas roças ser feito, o conselho dos homens decidia que a comunidade devia, por exemplo, fazer o plantio nos próximos dias. Com base nisso, os moradores de cada casa decidiam

quando deveriam ir para a roça; geralmente iam todos juntos. Quando lá chegavam, porém, não se dedicavam exclusivamente a essa tarefa. A queimada e a limpeza do terreno cabia aos homens e o plantio era feito conjuntamente por homens e mulheres. Os homens faziam as covas e as mulheres saíam para coletar ou então deixavam-se ficar, preguiçosamente, em suas cabanas. Os homens também deixavam suas atividades na roça por um momento para coletar ou para caçar, o que acontecia com mais frequência.

Embora cada um dos passos no processo do cultivo fosse dado simultaneamente por toda a comunidade, não havia formalidades na empresa. Os membros dos diferentes grupos domésticos e mesmo certos indivíduos iam e voltavam das roças em dias diferentes, de modo que durante uma semana inteira houve um enxame de pessoas indo e vindo entre as roças e a aldeia. Nas próprias roças ou durante as reuniões do conselho dos homens nas roças, os que tinham o *status* de *moio* ou *wa* ou *idzi* faziam longas arengas que não tinham, no entanto, nenhuma importância ritual nem continham diretrizes para o trabalho. Tratam-se, simplesmente, de incentivos e conselhos. Os Xavante precisam, de fato, de exortações que os encoragem em tarefas que consideram tão desgastantes. Quando voltam das roças, depois de fazer um mínimo de trabalho agrícola, os mesmos homens que são capazes de incríveis façanhas de resistência física nas caçadas reclamam dizendo que seus músculos estão retesados e que sentem dores em todo o corpo. É grande o seu assédio aos postos indígenas, onde solicitam injeções paliativas⁹. Além disso, sangram-se frequentemente, também buscando curar-se pelo sistema Xavante tradicional.

⁹ Os médicos e as companhias farmacêuticas no Brasil convenceram os leigos que a injeção é o meio mais eficiente de se tomar um medicamento. Um corolário dessa visão é a atitude — agora característica até mesmo dos sertanejos das regiões mais remotas — de conceber as injeções como o único remédio verdadeiro. Conseqüentemente, comerciantes de povoados muito distantes de centros médicos mantêm estoques de ampolas e seringas para aliviar as dores de seus fregueses e a maior parte das pessoas aplicam-nas em si mesmas. O SPI fez muito uso de injeções nos tratamentos corriqueiros dos índios, além das vacinações periódicas e das inoculações que conseguem para os grupos indígenas que as aceitam. O resultado é que os índios que não reagem violentamente contra esse tipo de tratamento, como os Xavante até recentemente, passam a considerá-lo como particularmente eficaz.

Pesca

A pesca provavelmente não era importante para os Xavante antes de seu reencontro com os brancos. Sua preferência pelas viagens por terra e pelo campo aberto significa que não passavam muito de seu tempo nos rios. De qualquer forma, não são muito hábeis em flechar os peixes na água e não dispõem de flechas pontiagudas que atravessam as escamas dos peixes ao invés de simplesmente ricochetear. Eles não usavam armadilhas para pegar peixes e creio que só recentemente, através do contato com os sertanejos, é que aprenderam a drogar e capturar os peixes com a seiva de uma trepadeira conhecida por *tingui* (*Jacquinia* sp.). Ainda não sabem fazer canoas embora tenham aprendido — e mal — a manejá-las, seja com os sertanejos, seja com o pessoal do SPI. Antes do contato, usavam balsas para cruzar os rios mais largos (Szaffka, 1942) ou atravessavam-nos nadando ou apoiados num tronco flutuante. Hoje em dia, tratam de conseguir uma canoa emprestada para poder atravessá-los; quando não a conseguem, dão longas caminhadas até encontrar um lugar onde possam passar a vau. São, em geral, barqueiros sofríveis e não se interessam pelas potencialidades dos rios, os quais tendem a ver como obstáculos que barram o seu caminho. Pode-se, portanto, supor que eles partilhavam a falta de interesse pela pesca e pelos peixes encontrada entre as tribos Jê suas vizinhas (Nimwendajá, 1939:93; 1942:33; 1946:71).

Atualmente, porém, a introdução dos anzóis de metal e da linha de nylon transformou-os em pescadores apaixonados. O incentivo mais eficaz que se lhes pode oferecer para a execução de qualquer tarefa é a promessa de anzóis e linha. Da mesma forma, a sanção mais grave que um chefe de posto pode aplicar para fazê-los respeitar seus desejos é a ameaça de suspender o fornecimento destes bens.

Não há dúvida de que o interesse dos Xavante pela pesca foi despertado pela introdução da técnica do anzol e da linha. É utilizada hoje com exclusividade e os Xavante deixam de pescar quando não dispõem desse material. Há uma outra circunstância, no entanto, que serviu para convencê-los a adotarem a pesca. Logo que começaram a valorizar os bens que podiam obter junto aos brancos, os Xavante tenderam a construir suas aldeias-base a pouca distância de seus patronos. Isso significa que suas aldeias passaram a se localizar em áreas escolhidas pelos brancos pela facilidade de acesso por via fluvial e por serem relativamente próximas de áreas propícias à lavoura. Esses locais não eram os que

os Xavante teriam escolhido para si, de modo que o campo contíguo nem sempre podia prover os alimentos para a comunidade, a não ser por pouco tempo.

Normalmente, se tivessem de enfrentar uma situação como essa, os Xavante, simplesmente, seguiriam em frente. Nos tempos que correm, porém, ficam ansiosos para ficar um pouco mais na sua aldeia de modo a poder tirar o máximo de seus patronos. São especialistas na técnica de importunar e descobriram que, com tempo, eles acabam conseguindo o que querem se estiver disponível. Para ganhar tempo, voltaram-se para a pesca e descobriram que, gastando pouco tempo e com pouco trabalho, um homem com anzol e linha pode pescar o suficiente para alimentar todo um grupo doméstico.

A pesca é, portanto, uma atividade importante apenas durante os períodos em que os Xavante se fixam temporariamente em algum lugar. Caso contrário, alguns homens entregam-se a pescarias ocasionais seja porque não estão com vontade de caçar; seja porque os rios das redondezas são especialmente piscosos. A pesca só é praticada com certa regularidade pelos meninos. As mulheres nunca pescam, a não ser quando usam uma panela ou uma peneira para pegar grandes porções de piabinha. Estes peixinhos são apreciados como iguarias especiais mas têm pouca importância na dieta Xavante.

3. EXCURSÕES DE CAÇA E COLETA

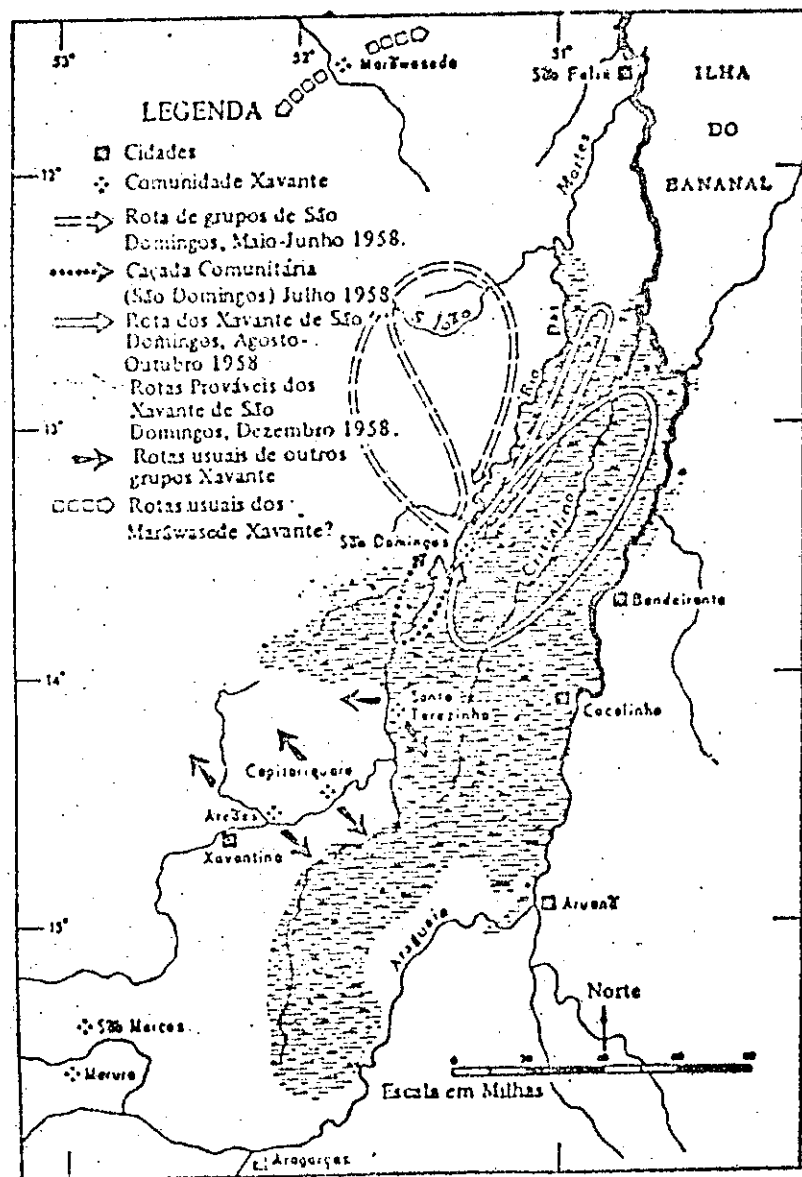
Havia pouca variação sazonal na vida dos Xavante. Tanto nas águas quanto na seca era possível caçar e fazer a coleta, o que lhes assegurava uma provisão de alimentos constante e farta. Havia apenas uma condição: era preciso estar sempre com o "pé na estrada"!

Eram nômades mas isso não significava que considerassem como lar o lugar onde porventura estivessem num dado momento. Tinham suas aldeias, que concebiam como acampamentos semipermanentes. Tais acampamentos podiam ser abandonados sem muita dificuldade e casas dispostas em semicírculos semelhantes às da aldeia-base poderiam, então, ser construídas em um novo local. Os Xavante, porém, não abandonavam suas aldeias a menos que tivessem uma boa razão e faziam-no, aliás, com a menor frequência possível, resguardando-se da tarefa árdua de construir novas casas. Passavam, no entanto, pouco tempo nessas aldeias-base. Durante a maior parte do ano ficavam fora, participando de expedições de caça e coleta.

Uma expedição como essa tem na aldeia-base o seu ponto de partida e chega a durar de seis semanas a três ou quatro meses. São planejadas pelos velhos nas reuniões do conselho dos homens, de tal forma que a comunidade possa, deliberadamente, percorrer uma certa região com vistas a explorar determinados recursos. Não raro a comunidade divide-se em grupos que tomam inicialmente direções diferentes mas que voltam a se reunir depois de um pequeno intervalo. Ao que tudo indica, cada expedição dessas percorre uma região ainda não visitada no mesmo ano, de modo que o ritmo da vida Xavante era quase anual, e não sazonal. De modo geral, é possível dizer que o território de uma determinada comunidade era a área que ela conseguia explorar nas suas andanças, durante o espaço de um ano.

Cada aldeia Xavante mantinha direitos de propriedade coletiva sobre uma certa área e sobre seus produtos mas não reconhecia fronteiras específicas entre o seu próprio território e o de outros grupos. A composição demográfica de cada aldeia também não era constante, já que não era determinada por descendência ou por algum outro princípio equivalente. Os Xavante sentiam-se livres para vagar fora de "seu próprio" território se estavam preparados para se arriscar, havendo a possibilidade de choques com outros grupos Xavante que podiam ressentir-se da intrusão. Assim também, cada indivíduo tinha liberdade para transferir sua lealdade de uma comunidade para outra.

O mapa 3 mostra como os Xavante de São Domingos exploravam o território à sua volta, em 1958. Em março e junho, a comunidade se dividiu em três bandos. Dois deles viajaram para o oeste e depois para noroeste, partindo de São Domingos; eles juntaram suas forças, novamente, no rio São João. Dali, voltaram a São Domingos, completando assim um círculo perfeito. Esses bandos saíram basicamente em busca de seda de buriti, a ser utilizada na confecção de ornamentos para as cerimônias de iniciação já programadas. Buscavam também sementes para o mesmo fim e taquaras para fazer flechas. Durante a viagem, sobreviveram principalmente à base de raízes e frutos que coletavam, ainda que os homens ocasionalmente caçassem alguns caititus. O outro bando, que viajou na direção nordeste, ao longo da margem direita do rio das Mortes, estava também coletando seda de buriti mas nessa região não havia nem sementes nem taquaras. Por outro lado, a caça era mais abundante — havia principalmente veados — e foi isso que os atraiu para lá.



Cada bando Xavante acompanha o percurso dos demais graças à fumaça que sobe quando eles queimam o cerrado. Viajantes também "fazem fumaça" no caminho, para que os seus possam acompanhar seus movimentos e também para que outros grupos possam perceber suas intenções pacíficas. Os Xavante veem com suspeita qualquer pessoa que se aproximasse sem dar sinal de fumaça, pois interpretaria n essa atitude como uma mostra de hostilidade.

Na segunda metade de julho foi organizada uma caçada coletiva. Desta vez, os homens tomaram a direção sudoeste, ao longo do rio das Mortes, e voltaram pela direção oposta, depois de atravessarem o rio. As mulheres fizeram uma pequena viagem para oeste, em busca de cocos de babaçu.

De meados de agosto até o fim de outubro, a comunidade toda viajou para o nordeste e voltou, cobrindo substancialmente a mesma região que antes tinha sido visitada pelo último dos três grupos, durante os meses de maio e junho.

Estava sendo planejada uma outra expedição na estação das chuvas. Esta provavelmente tomaria o rumo do rio Araguaia, a sudeste ou, então, iria para o sudoeste, em direção ao rio Curus e os afluentes do Xingu. Foi-me impossível obter informações precisas sobre a rota desta expedição, já que os próprios Xavante não tinham ainda um itinerário definido; só o saberiam com certeza depois que o assunto fosse discutido no conselho dos homens, onde seria tomada a decisão final. As minhas tentativas de interessar meus informantes por uma discussão das probabilidades não tiveram êxito. Disseram-me, por outro lado, que a expedição do período das chuvas do ano anterior, que terminara pouco antes de minha chegada em fevereiro de 1958, tinha "tomado o rumo do Araguaia".

Convém salientar que os Xavante de Santa Therezinha geralmente iam para o sul, viajando tanto pela margem esquerda quanto pela direita do rio das Mortes, ao invés de viajar rumo ao norte. Suas relações com os Xavante de São Domingos não eram boas e eles estavam temerosos. Foram, por isso, forçados a celebrar seus rituais de iniciação sem os colares de sementes de capim navalha, parte essencial da ornamentação do corpo. Quando os visitei, eu estava usando um colar feito com essas sementes, feito para mim por um Xavante de São Domingos. Ele o colocara tão rente ao pescoço que eu não conseguia tirá-lo a não ser cortando o fio. Os Xavante de Santa Therezinha pediram-me insistentemente e freneticamente, explicando que não dispunham dessas contas na região

em que se encontravam e sentiam intensamente a sua falta. Dali, eles teriam apenas que viajar para o noroeste, rumo à cabeceira do rio São João para chegar a uma região rica em sementes como essas mas isso os levaria perto demais dos Xavante de São Domingos.

Em 1962, a comunidade de Areões — que, como convém lembrar, incluía um grupo de Santa Therezinha — vivia um clima de nervosismo diante da possibilidade de um ataque dos Xavante de São Domingos. Por isso, viajavam para o noroeste, mantendo uma boa distância de seus inimigos, que habitavam o nordeste.

Algo semelhante ocorria com os Xavante de São Domingos: eles faziam seus arcos de uma madeira que só se encontra em grandes quantidades um pouco ao norte do rio São João. Eles haviam obtido uma certa quantidade de madeira para a confecção dos arcos quando de sua última visita a essa região. Na época de minha estadia entre eles, no entanto, muitos haviam quebrado e outros haviam sido trocados com funcionários do órgão oficial de proteção aos índios¹⁰. Quando tentei obter arcos para a coleção etnográfica que eu estava montando, quase não consegui. A explicação que recebi foi que a distância era longa até a região onde se encontrava a madeira apropriada à confecção dos arcos e que eles estavam com medo de ir até lá por causa dos Xavante de Marãwatse. Quando eu acompanhei esses mesmos Xavante até perto do alto São João, notei que quando um caçador encontrava pegadas humanas ao norte e nordeste, mesmo que fossem antigas, o fato suscitava longas discussões e interpretações no círculo dos homens.

Os Xavante não mudam seu acampamento todos os dias quando fazem estas excursões. Podem ficar até duas semanas se encontram um local apropriado para acampar, ou seja, onde haja um riacho que os supra de água e onde possam banhar-se e cujos arredores ofereçam caça ou outros recursos naturais em abundância. Se o acampamento não é considerado satisfatório e, principalmente, se há insetos demais, pode ser que os Xavante passem ali apenas uma noite.

Toma-se a decisão de seguir viagem no conselho dos homens, que se reúne ao entardecer. Antes do nascer do dia, os rapazes partem no rumo do próximo acampamento, levando apenas as suas armas. Quando o sol se levanta, no acampamento todos já estão em atividade e os homens casados ajudam suas esposas a acomodar todos os pertences domésticos nas grandes cestas usadas para transportá-los. Os membros

¹⁰ Que os vendem a qualquer pessoa que deseje um souvenir dos Xavante.

de cada grupo doméstico partem juntos. As mulheres levam as grandes cestas nas costas, sustentadas por alças apoiadas em suas frentes. Tudo o que não coube dentro das cestas, todos os extras, são empilhados sobre elas ou de alguma forma presos ou dependurados nas cestas. Os nenês e crianças que apenas engatinham (e que, portanto, não poderiam caminhar até o próximo acampamento) são também transportados nas cestas das mulheres. As cestas transformam-se, então, em berços para os nenês; os maiorzinhos, no entanto, empoleiram-se lá em cima, junto com pequenos animais de estimação — aves, geralmente — que porventura estejam acompanhando o grupo doméstico em sua viagem. As meninas ajudam as mulheres a carregar os utensílios domésticos e até mesmo as meninas bem pequeninas, de três ou quatro anos de idade, levam cestinhas em miniatura contendo uma coisinha ou outra. Os homens e os meninos estão liberados dessa tarefa: carregam apenas as suas armas embora um homem casado possa, por vezes, levar algo para sua esposa. Os meninos pequenos, enquanto isso, entram e saem dessa pesada procissão, pulando, festejando e ostentando sua liberdade de movimentos.

Anda-se num ritmo extremamente lento. As distâncias entre os acampamentos nunca são muito grandes. Os Xavante procuram estar com suas cabanas prontas antes do meio-dia de modo a ter proteção contra o calor do sol. Isso significa que a distância entre dois acampamentos equivale a uma caminhada de duas horas. Certa vez, quando fui me encontrar com um grupo de Xavante que estava fazendo uma dessas excursões, meu guia e eu passamos por cerca de quatro acampamentos durante cada dia de jornada.

O novo acampamento geralmente se localiza numa clareira, que os Xavante abrem no campo por meio de uma queimada. Isso é feito com antecedência de um dia, geralmente pelos rapazes encarregados da escolha de um novo local para acampar. O grupo constrói seu semicírculo de abrigos sobre essa clareira recoberta de cinzas. A posição relativa desses abrigos é constante e correspondente exatamente à ordem das casas na aldeia-base. Não há, porém, uma relação fixa preestabelecida entre o semicírculo da aldeia e os pontos cardiais. O semicírculo pode até estar do "avesso", contanto que cada grupo doméstico mantenha sempre os mesmos vizinhos.

Logo que chegam no novo sítio, as mulheres põem-se imediatamente a construir os abrigos. Quando necessário, os homens ajudam a limpar o pedaço de chão sobre o qual serão construídas as cabanas e a

encontrar as árvores para a construção da armação dos abrigos. Se há árvores novas próximas ao local, eles deixam essa tarefa para as mulheres e descansam junto de suas coisas ou vão para o conselho dos homens. Os rapazes formam, invariavelmente, o seu próprio círculo, onde ficam conversando até que os abrigos fiquem prontos. Se não há um riacho por perto, são os homens que, nesta altura, furam um poço.

Os abrigos são versões em miniatura das casas da aldeia-base. Um círculo de troncos flexíveis de árvores novas era fixado ao chão com firmeza e suas pontas eram, todas juntas, amarradas com faixas de entrecasca. Essa estrutura era então recoberta com folhas de palmeira e galhos. Um abrigo como esse não costuma ultrapassar um metro de altura e dois de diâmetro. Não pode, é claro, acomodar todos os membros de um grupo doméstico, cuja casa na aldeia pode chegar a ter 4,50 metros no ápice e 7,50 metros de diâmetro. Nas excursões, portanto, os abrigos dos Xavante são agrupados ao redor de fogueiras comuns, de modo que os membros de um mesmo grupo doméstico ocupam abrigos distintos mas continuam a fazer juntos as suas refeições.

Viver nesses abrigos é o mesmo que viver numa chaminé pois eles são amados sobre uma camada de cinzas. Seus moradores estão logo inevitavelmente cobertos de pó pois, nos locais onde a água é obtida num poço, nenhuma gota pode ser desperdiçada na limpeza do corpo.

Quando não podem banhar-se, os Xavante contentam-se em encher a boca d'água e esguichá-la nas mãos — e isso só acontece se elas estão meladas ou cobertas por alguma substância viscosa. As entradas dos abrigos logo ficam cheias de restos e de vísceras dos animais abatidos. As meninas que se sentam ao redor do fogo, onde cozinham, atiram para o lado os bocados indesejados: pedaços de intestinos, peles de animais, cascas de vegetais e coisas do tipo, o que significa que tudo isso vai se alojar nas entradas dos abrigos. Enquanto isso, de dentro dessas cabanas provisórias, os homens também atiram o que não lhes serve mais pelas portas afora e o acúmulo toma-se, bem depressa, algo capaz de provocar náuseas. Era-me especialmente desagradável que porções de alimento fossem casualmente atiradas desde a fogueira onde eram preparadas até os homens, nos abrigos: invariavelmente aterrissavam no canto de dejetos logo adiante dos nossos pés, de onde deviam ser coletadas, espenadas e comidas. Era sempre um grande alívio para mim toda vez que mudávamos de acampamento.

4. A EXPLORAÇÃO DO AMBIENTE

Os Xavante tinham uma tecnologia extremamente simples que era, até recentemente, adequada para satisfazer todas as suas necessidades. Usavam muito o fogo: para queimar o cerrado; para abrir clareiras na mata para fazer suas roças; para derrubar árvores; para acuar a caça; até mesmo para dar forma e para endurecer suas bordunas. Obtinham o fogo por fricção, girando entre as palmas de suas mãos um graveto fino inserido na superfície de um mais grosso até que se produzissem faíscas que punham fogo em gravetos secos, num demorado processo. Sua agricultura rudimentar não requeria outro implemento que o pau de cavar, com uma das extremidades cuidadosamente trabalhada na forma de uma ponta e a outra, arredondada e toska, de modo a poder ser manuseado com mais conforto e poder funcionar também como uma borduna.

A superfície de seus paus de cavar, bordunas de guerra e arcos era alisada com a ajuda de instrumentos que consistiam de uma pedra lisa com uma extremidade pontiaguda e afiada. A pedra era fixada, por meio de faixas de entrecasca ou cordões de fibras vegetais, a um cabo de madeira de modo a encaixar comodamente na palma da mão. O cordão era confeccionado com fibra de *meum*, com o qual os Xavante fazem uma espécie de barbante, resistente e durável. Os únicos outros instrumentos de que dispunham eram os dentes, ossos e garras dos animais que matavam. Eles afiam pequenos ossos de modo a transformá-los em eficientes agulhas, usadas em tarefas tais como: a perfuração das sementes de capim navalha com que fazem colares, a perfuração dos lóbulos das orelhas dos jovens na iniciação, a costura de algo como uma "bainha" nas peles de veado sobre as quais os homens se sentam. Usam os dentes de piranha como um instrumento cortante e alguns Xavante preferem-nos às tesouras, até hoje. Usam as garras do tatu quando precisam de uma ferramenta afiada e, ainda, usam-nas como se fossem régua para alinhar os cabelos quando aparam suas franjas.

A delicada tarefa de confecção de uma flecha é feita rápida e perfeitamente com apenas esses instrumentos. As taquaras são cortadas e entalhadas com uma raspadeira feita de pedra. As penas são coladas com cera de abelha e presas com fios de algodão nativo. Ao fim do processo, as penas são aparadas com ajuda do fogo e de uma taquara zquecida.

A manufatura dos utensílios e móveis domésticos se fazia sem nenhum tipo de instrumento. Tudo numa casa é guardado em cestas penduradas na cobertura de palha e em uma vara com uma forquilha na ponta, que é fincada no chão. Essas cestas são feitas pelas mulheres com três pares de folhas de palmeira que, superpostas, são trançadas simultaneamente. Do lado de dentro da casa, colocadas sobre o chão junto às "paredes", há esteiras de dormir feitas pelos homens com brotos de buriti. A preparação dos alimentos não exigia necessariamente panelas, como vimos. Ao que parece, os Xavante, antigamente, costumavam fazer panelas de cerâmica mas elas foram, no entanto, suplantadas totalmente pelas de metal nos grupos em contato com os brancos. Guardam a água e outras coisas preciosas, tais como sementes e pós mágicos, em cabaças que podem ficar fechadas com cera de abelha quando não estão em uso constante.

Por fim, cabe mencionar a esteira feita pelas mulheres com folhas de palmeira e usada para múltiplos fins: para sentar-se, como abano para o fogo ou, ainda, como uma bandeja na qual são colocados os alimentos quentes, assim que retirados do fogo, para serem entregues aos homens. Os homens nunca se sentam sobre esteiras deste tipo: ou eles se deitam nas suas esteiras de dormir, quando estão em casa, ou se sentam em peles de veado, quando estão fora.

A maneira pela qual os Xavante fazem uso de um ambiente aparentemente tão pobre, tirando seu sustento e satisfazendo suas necessidades, é um dos aspectos de sua vida que impressiona forçosamente qualquer observador. Chumaços de capim do cerrado são usados para limpeza: para tirar o suor do corpo, para limpar-se depois de evacuar, para limpar a língua ao acordar, e assim por diante. Com folhas de capim navalha os Xavante cortam os pelos do rosto e do corpo quando se arrumam e se fazem belos. Um Xavante, no cerrado, sabe fazer uma tira para amarrar e carregar o que precisar; se, por exemplo, fere o pé, sabe fazer uma bandagem com um pedaço de entrecasca de árvore que ele corta com os dentes; sabe fazer uma cesta em poucos minutos, com folhas verdes de palmeira; nunca passa fome e geralmente consegue encontrar água logo ou passar sem ela; em menos de uma hora sabe fazer uma cabana que lhe dá abrigo, com materiais que são facilmente encontrados em todo o cerrado. Em resumo, a vida dos Xavante era tão bem adaptada a seu ambiente que, mesmo já em 1958, um visitante ficava com uma impressão de abundância e eficiência em suas aldeias que contrastava intensamente com a sensação de pobreza e inadequação transmitida pelos vilarejos da população não-índia do Brasil Central.

CAPÍTULO III

O Grupo Doméstico

I. INTRODUÇÃO

A TÉ aqui forneci informações básicas suficientes a respeito dos Xavante, as quais me possibilitam passar a uma descrição de suas instituições sociais. É sempre difícil saber por onde começar um relato deste tipo. Uma discussão completa de qualquer aspecto da vida de um povo pressupõe conhecimento de outros aspectos que estão ainda por ser descritos. Optei por começar com a discussão do grupo doméstico por uma questão de conveniência. Não considero este aspecto como uma "situação inicial" no sentido de Malinowski; tampouco começo por aqui porque eu sinto que as instituições Xavante sejam determinadas por suas práticas relativas à socialização das crianças. Desejo, simplesmente, apresentar uma tese que dependerá de uma análise estrutural da sociedade Xavante. Sua base etnográfica será traçada a partir, especialmente, de minha interpretação dos dados referentes ao faccionalismo, à terminologia de parentesco e ao ritual. Direi que um certo código, comum a estes domínios, fornece um modelo que leva a um determinado tipo de compreensão dos Xavante e que pode ser útil para fins comparativos. Mostrarei, etnograficamente, da melhor maneira que me for possível, em que sentido este modelo pode ser considerado como "explicativo" das instituições Xavante e em que sentido ele é inadequado para este fim. Para fazê-lo, porém, é necessário apresentar

ANEXO 2



Editorial Dom Bosco

Sao Paulo - Brasil

B. GIACCARIA - A. NEIDE - XAVANTE: POVO AUTÊNTICO

XAVANTE

O grande rio
e Paulo

povo autêntico



Maria Inez Lopes da Silva

Tradução italiana deste livro:
AUWĒ UPTABI: uomini veri (vita xavante),
apresentação de CLAUDE LÉVI-STRAUSS
Collège de France, Paris.
Edição da SEI, Torino, Itália.

BARTOLOMEU GIACCARIA
ADALBERTO HEIDE

FEDERAÇÃO UNIVERSITÁRIA CATÓLICA DE MATO GROSSO
FACULDADE "DOM AQUINO" DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

XAVANTE

(AUWĒ UPTABI: POVO AUTÊNTICO)

PESQUISA HISTÓRICO ETNOGRÁFICA

HOMENAGEM DA MISSÃO SALESIANA DE MATO GROSSO
AO
SESQUICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

DADOS HISTÓRICOS

"Antigamente os xavantes habitavam em U'ERE e os brancos vieram morar entre os xavantes e no início pareciam bons. Davam-lhes presentes. Depois os brancos falaram entre si: — Maltratemos os xavantes, e roubemos as suas mulheres. E os xavantes perceberam que os brancos queriam fazer-lhes mal e disseram: — Façamos também nós mal a eles; matemos os seus porcos. Os dois chefes Xavantes contaram aos brancos que os Xavantes matavam os porcos e assim os brancos atacaram e prenderam os Xavantes. Assim os Xavantes foram expulsos de U'ERE. Então os Xavantes disseram: — Matemos os dois chefes, que estão sempre conosco e não nos defendem. O grupo fica aqui em casa, enquanto nós vamos esconder-nos na mata onde passam os dois chefes.

Quando os dois chefes passaram lá, foram presos e mortos e, junto com eles, também os seus amigos e uma mulher que queria defendê-los. Depois os Xavantes foram mais para frente e construíram outro acampamento. Um outro grupo de brancos seguiu-os. Os Xavantes estavam cobrindo as choças com palha seca e os brancos alcançaram-nos onde estavam. E aqui os brancos, disparando, mataram muitos Xavantes. O grupo de Xavantes que vivia com os brancos, ajudava a matar e quase todos foram massacrados. Dois Xavantes homens escaparam, enquanto as mulheres foram levadas pelos brancos. Esses dois homens foram para outros lugares e encontraram outras tribos, até encontrarem os Xavantes".

Assim os velhos Xavantes sintetizam os últimos séculos da sua história. Quando se pede para contar de que lugar proveio a tribo, respondem sem hesitação: "HÖYWANA'RADA, ÖPÔSÊ", que significa: do Oriente, do mar". As primeiras noti-

(1) Os Xavantes têm uma lembrança muito viva do mar que se encontra em algumas de suas lendas.

cias históricas que dizem respeito a eles são mais ou menos da primeira metade do século dezoito, quando já se encontravam no Estado de Goiás, distantes mais de mil quilômetros do mar. Com os dados históricos à nossa disposição⁽²⁾, localizamos a tribo entre o 48.º e 51.º meridiano e 12.º e 16.º paralelo. Isso, no início da segunda metade do século dezoito. Os primeiros brancos que atingiram essas zonas inexploradas pertenciam às bandeiras.

Seguramente, os primeiríssimos contatos dos índios com os brancos foram pacíficos, porque o índio é de caráter hospitaleiro. Mas, dadas as provocações armadas dos brancos, para defender-se, o índio passou ao contra-ataque. A defesa do sacrossanto direito à liberdade e à vida, passou, por evidentes motivos de interesse, como um sinal de crueldade e nasceu, assim, a imagem distorcida do índio como um saltador beduíno.⁽³⁾

Em seguida, visto que os sistemas das expedições armadas apresentavam não poucos inconvenientes, preferiu-se adotar uma outra técnica de conquista, que garantisse contatos pacíficos; recorreu-se aos aldeamentos, consistindo em agrupar, numa zona limitada, um número excessivo de índios tirando-lhes a maior quantidade possível de terra, para que os colonos pudessem misturar-se com eles, sem serem perturbados. A tarefa de aproximar os índios, pacificá-los e agrupá-los, era confiada às guarnições militares; que, para atingir o escopo, usavam a técnica de criar capitães dentro da mesma tribo, com a concessão de privilégios particulares, para obter a colaboração deles e, por meio deles, dominar a aldeia. O sistema foi eficaz. O homem branco conseguiu fomentar, entre as diversas tribos e mesmo entre os vários grupos de uma mesma tribo, discórdias e lutas exterminadoras. E talvez se explique assim, ao menos em grande parte, a rivalidade que, em tempos mais recentes, dividiu entre si as várias tribos e separou os diversos grupos de uma mesma tribo.

Algumas citações são suficientes para ilustrar quanto dissemos:

(2) JOSÉ PEREIRA ALANCASTRE, *Annaes da Privilincia de Golaz*, vol. 27 parte II.

(3) *Rev. do Inst. e Geog. Bras.*, t. 06, vol. 150, 1924; *Rev. do Inst. Cunha Matos em Goiás 1823* — 26.

"Um cabo de pedestres, de nome Victor Antonio, criatura da confiança do governador, teve ordem de seguir com uns 60 homens ao encontro dos barbaros.

Um cronista, referindo-se ao successo d'esta bandeira, diz, falando do chefe que a dirigiu, que Victor Antonio mostrou-se tão valente quanto barbaro. Atacando duas grandes aldeas, n'ellas fez a mais feia carnagem, sem mesmo perdoar aos que se rendiam, implorando a vida.

Esta expedição, que custou aos povos 8:000\$, não produziu outro fructo senão, diz o mesmo cronista, de alguns prisioneiros, que foram vendidos em proveito dos empregados da bandeira.

Foi, porém, a última vez que em Goyaz se viu violada a lei que garantia a liberdade dos índios, sendo entretanto para admirar que no governo do severo João Manoel de Mello se visse em Villa Boa aberto um mercado de índios!⁽⁴⁾

"Ficam ao Sul d'estas povoações *Camellas* as dos *Timbires* denominados os *Mateiros*... Naturalmente cruel ainda mais do que quaes quer de seus compatriotas, nunca até ha pouco tempo quiz ouvir proposições de paz, como vaticinando talvez o que tinha de succeder-lhe em Junho ou Julho de 1815, que sendo encontrados por um sufficiente numero da nossa gente dirigida debaixo das ordens da villa de Caxias, e auxiliada por outros índios tendo-se elles feito inacessiveis nas suas montanhas, sem esperanza alguma de se deixarem reduzir por força, ouviram pela vez primeira, em nome d'El-Rei nosso senhor, as nossas protestações de amizade e os promettimentos de um bom agasalho para as suas familias, de ferramentas para as suas culturas, de serem honrados e tidos como homens livres por uma igual sociedade entre nós, e finalmente de uma inviolável aliança, ainda mesmo contra os outros índios comarcãos que fossem seus perseguidores: à vista de cujos protestos desceram d'ellas uma boa parte d'elles, com os braços abertos e desarmados, a receber dos seus novos pretendidos amigos aquellas tão reiteradamente prometidas vantagens, que o seu soberano já reconhecido por elles, e debaixo de cuja real protecção se consideravam desde aquele momento, lhes facultava pela voz dos seus emissários nas suas repetidas cartas regias promulgadas a favor da redução de todos os seus vassallos índios do Brasil. Mas, oh maldade! de todas as maldades a mais execrável! Quão diffe-

(4) J. P. ALANCASTRE, op. cit., pp. 160-161.

rente não foi d'este acolhimento protestado aquelle acolhimento por elles encontrado nos ferros que immediata e traidoramente se lhes lançaram! Nas vidas que ainda a sangue frio se lhes tiraram sem causa! Na partilha que dos seus filhos, das suas familias e d'elles proprios se faz em tom de escravos perpetuos, chegando a serem vendidos ou arrematados em hasta publica na mesma villa de Caxias! E levados aos escaçoadores dos algodões d'aquelles fazendeiros do districto, aonde, amarrados como galés ao banco e ao remo, foram asperamente seus corpos fustigados para adiantar as tarefas do serviço que se lhes consignava, padecendo no em tanto insupportaveis fomes! Foi, em uma palavra, este o passo em que os escandalizados índios, acabaram de conhecer o quanto lhes não convinha a nossa alliança, e em o qual talvez elles nos esperavam para lançar-nos em rosto, como lançaram, o extravagante da nossa hospitalidade, dizendo talvez entre si o resto que se salvou; que foi a maior parte: "Eis alli os illustrados mais do que nós, que se propunham a dar-nos lições de civilização e de humanidade! Eis alli o seu modo de pensar, a sua boa fé, a sua moral! E chamam-nos a nós barbaros selvagens." Com effeito, nada mais houve que os seduzisse desde então a cahir segunda vez nas cadéas, por mais diligencias que para esse fim se lhe tem feito; pois nos juraram para sempre um irreconciliavel ódio, levado tanto ao infinito que assassinavam qualquer dos seus parentes que escapando dos nossos ferros tornavam aos seus lugares: não os queriam mais consentir ao pé de si para que lhes não contaminassem, diziam elles, a pureza da sua nação com a perfidia contagiosa de que estes, por haverem vivido esses mesmos poucos dias entre nós, deviam infallivelmente ir empestados: procedimento este que fez com que d'alli em diante aquelles que fugiram fossem abrigar-se à outra nação vizinha denominada *Ponecra*".⁽⁵⁾

"Em sua epistola ao ministro do Imperio, João Gomes da Silveira Mendonça desenvolveu largamente o momentoso assumpto. Eu conheço, dizia o governador das armas, tres meios para civilizar os índios: 1.º attrahi-los à força de donativos e em espectaculos pomposos e fascinantes; 2.º catechizalos à força de resignação religiosa; 3.º sujeita-los por terror e

(5) FRANCISCO DE PAULA RIBEIRO, de Roteiro da viagem que faz o capitão F. de Paula Ribeyro ás fronteiras da capitania de Maranhão e da de Goyaz (1815), vol. 10, pp. 41; 42.

superioridade das armas de fogo. Em nenhuma provincia do Imperio se praticou o primeiro meio em tão grande escala como na de Goiaz. As aldeias denominadas Maria, São José de Mossamedes, poucas legoas ao sudoeste da cidade de Goiaz, habitadas originariamente por um número immenso de índios da tribo Caiapó e a aldeia do Carretão, vinte legoas ao norte daquela cidade e povoado ao tempo de seu estabelecimento por cinco mil índios Xavantes e alguns Xerentes, importaram à Fazenda Nacional reais de um milhão e meio de cruzados, baldadas despesas porque os índios por sua natural indolencia nunca se applicavam ao trabalho e esse pouco que faziam redundava quase sempre em beneficio de seus directores".⁽⁶⁾

A primeira grande pacificação dos Xavantes foi entre 1784 e 1788, por obra de Tristão da Cunha, que confiou ao tenente dos dragões José Rodrigues Freire esta primeira expedição. Este último, por sua vez, por causa de uma queda de cavalo, deixou o comando ao alferes Miguel de Arruda e Sá. O corpo da expedição constava de 98 soldados, de vários intérpretes e de um grupo de Caiapós, da aldeia de São José de Moçamedes. Os Xavantes não quiseram submeter-se porque temiam uma traição.

"Vendo o alferes Sá que nada conseguia da indocilidade dos selvagens não quiz voltar à capital, sem cumprir à risca as instruções de Tristão da Cunha.

Os Caiapós, que voluntariamente acompanharam a força, pelo desejo de se baterem com os Chavantes, de quem eram inimigos irreconciliaves, tiveram ordem de fazer prisioneiros um certo numero d'estes, que o comandante, na forma das suas instruções, devia conduzir à capital.

Os Caiapós mostraram n'esta diligencia a maior destreza, aprisionando aos seus inimigos um homem de guerra, quatro índias e algumas crianças.

Com estes prisioneiros regressou a Villa Boa a expedição, afim de dar conta o seu encarregado do procedimento havido.

As índias foram postas em liberdade, e ao guerreiro chavante deu o governador o nome de Tristão da Cunha "acção que (diz o cronista a que acima nos referimos) grandemente encheu de vaidade o amor proprio d'aquelle barbaro, que,

(6) Cfr. nota 3, p. 198.

apesar da sua grosseira e brutal educação, sabia conhecer os obsequios, e não era insensível às atenções com que o tratava o grande cacique dos brancos.

Tempos felizes passou o novo Tristão em Villa Boa, de convivência com os brancos, que se esmeraram em enchê-lo de obsequios e aos da sua nação, ou porque viram o interesse que n'isto ia, ou por parecerem bem ao governador, em cuja companhia moravam os chavantes.

Mezes depois prometeu o novo Tristão da Cunha ao governador chamar ao gremio da christandade os indios da sua nação: era sincera esta promessa, e mais tarde veio a cumpri-la.

Escoltado pelo tenente de dragões José Manoel de Almeida, seguiu para o arraial de Amaro Leite: ahi, deixando o commandante com a sua força, partiu em demanda das aldeas, promettendo de voltar no espaço de tres luas.

Como é de prever, a sua presença entre os chavantes, que já o suppunham morto, produziu extraordinaria sensação, sendo, de vê-lo, grande a alegria dos seus parentes e amigos; entretanto o commissario tratava de cumprir a promessa que houvera feito ao cacique dos brancos, já persuadindo os da sua nação a entrarem de paz, já procurando n'elles desvanecer qualquer desconfiança e receio contra os brancos, pintando-lhes a vida que entre elles passára e os obsequios que recebera, informando-os das promessas de que era portador, nas quaes podiam acreditar, porque eram feitas de boa fé, e que d'ellas dava arrhas, voltando para a companhia dos brancos e do capitão grande, de quem se confessava amigo e a quem devia, além de tudo, o nome por que o conheciam, que era o do proprio capitão.

Com estes e outros discursos ia o commissario de Tristão da Cunha produzindo extraordinarias impressões entre os seus; depois de alguns dias teve palavra de que entrariam de paz, e com esta boa nova voltou o commissario e o tenente José Manoel de Almeida à Capital.

Corria o anno de 1785.

Desde então pensou Tristão da Cunha na escolha da localidade, que melhores proporções offerecesse para fundação de um novo aldeamento. Bem informado, escolheu para este fim no proprio sertão de Amaro Leite as margens do S. Patricio.

Tinham os chavantes promettido que no verão seguinte viriam ter a Amaro Leite, onde os esperaria o commissario de Tristão da Cunha com toda a gente da sua comitiva. E por esta razão voltou de novo ao sertão o tenente José Manoel de Almeida com uma escolta de pedestres e um reforço de indios Caiapós.

Chegados ao ponto designados do encontro, ahi foram esperados os chavantes por alguns dias; vindo, porém, o commandante que elles não chegavam, mandou o indio Tristão com algumas praças explorar a campanha.

O emissario n'esta diligencia encontrou um grupo de guerreiros da sua nação, que andavam em montaria, segundo declararam. Depois de conversarem foram convidados a irem à barraca do tenente Almeida, o qual recebeu-os com manifestações de prazer, dando-lhes todas as provas de amizade, que sobretudo consistiram em presentes de brindes.

Os indios, mostrando-se satisfeitos, prometteram voltar d'ahi a dias; effectivamente cumpriram a promessa, vindo em grande numero: a maneira, porém, por que se approximaram do acampamento da força revelou intenção deprehendê-la, e destrui-la. Era, pois, claro que os barbaros não estavam de todo convencidos da boa fé das propostas que lhes tinham sido feitas.

Quando, porém, suppuzeram encontrar a força desacautelada acharam-se com mais de cem homens armados e promptos para recebê-los como inimigos, se o quizessem ser.

Uma scena das mais interessantes deu-se n'essa occasião. O cacique caiapó, que já estava desgostoso das protelações com que os chavantes adiavam o tratado de paz, sahiu-lhes ao encontro, e intimou-os para que se rendessem sob pena de serem todos mortos a ferro e fogo; e que já estava persuadido de que este seria o procedimento melhor, á vista da traição com que acabavam de proceder. A energia d'esta ameaça, o appello que fez, já para o seu proprio testemunho, já para a conquista pacifica dos acoroás, xacriabás, carajás e javazes, produziu um resultado inesperado. E quando concluiu o seu discurso protestando que os caiapós iriam auxiliados pelos portuguezes debellal-os nas suas ultimas guaridas, se não fizessem a paz, se não viessem viver sob a protecção dos brancos como amigos, formando todos uma mesma familia, os chavantes depuzeram os seus arcos, e o maiorial, que se achava presente, declarou em termos peremptorios

que aceitava a paz em nome de toda a sua nação, e que partia logo para as aldeias, a fim de trazer consigo todos quantos lhe obedeciam. Em fé d'esta promessa deixava em companhia de Tristão 38 guerreiros, que o acompanhariam a Villa Boa.

Quanto o tenente Almeida chegava á capital com tão boa noticia, recebia o governador do capitão de dragões José de Mello Castro, que tinha ido ao Tocantins fundar um registro nas vizinhanças do arraial do Pontal, uma carta, na qual lhe declarava que por aquellas paragens se achavam mais de dois mil chavantes, ainda recelosos; porém, que seus recelos se tinham desvanecido, fingindo-se elle commissario do governo, alli mandado para chamal-os á paz; e que, d'isto convencidos, se tinham posto a caminho da capital.

Se por um lado esta nova era bem vinda por outro collocava o governador em cruel embarço, por não saber como havia de accommodar na capital tão grande numero de hospedes, além dos que devia esperar de Amaro Leite, reduzidos pelas diligencias de Tristão e do cacique calapó...

Depois de seis mezes de marcha, entraram no novo aldeamento mais de tres mil aborigenes com o seu maioral á frente, no meio de aclamações de alegria, e ao som dos seus maracás, trombetas e caixas de guerra; ahi os esperava o vigario de Crixá, o sargento mor Alvaro José Xavier, e o sargento mor Bento José Marques, e muitas outras pessoas grandes.

O dia 13 de Janeiro de 1788, em que á frente dos seus subditos entrou em Pedro III *Arientomó-Iaxé-qui*, foi um dia de festa, e o prazer que se sentiu por este acontecimento foi geral em toda a capitania.

Fonseca, já pratico nos cerimoniaes d'essas festas indigenas, dirigiu ao cacique, no acto de dar-lhe posse da aldeia, a seguinte allocução:

"O nosso capitão grande, a quem os brancos, os negros, e as nações da vossa côr, xacriabás, carajás, javazes e calapós, obedecem, aquelle mesmo que, compadecido das vossas misérias, nos enviou a convidar-vos nas vossas proprias terras, a fim de delxardes a vida errante, em que viveis como indomaveis feras, e virdes entre nós gozar dos commodos que vos offerece a sociedade civil, debaixo da muito alta, poderosa e maternal protecção da nossa augusta soberana, a Senhora Dona Maria I, rainha de Portugal, que habita além do grande lago oceano, me envia aqui a receber-vos, e compri-

mentar-vos de sua parte, e segurar-vos as suas boas intenções, offerecendo-vos estes presentes, signaes de uma eterna alliança, com que deseja firmar a paz, união e perfeita amizade, com que reciprocamente nos devemos tratar.

"Ao mesmo tempo, em nome do nosso capitão grande, vos faço real entrega d'esta aldeia, que para vosso domicilio tem destinado, a qual pertencendo-vos de hoje em diante como propria, também sereis perpetuos possuidores d'estes dilatados campos, rios e bosques, até onde as vossas vistas possam alcançar.

"E, para que o nosso capitão grande fique assas persuadido de vossa resolução, sabendo de sciencia certa a fé, obediencia e inteira sujeição que á sua pessoa tributais, e á nossa invicta e amabilissima rainha, se faz preciso que firmeis a vossa fidelidade com o juramento de uma perpetua, inalteravel, e eterna alliança".

Declarada a instalação e posse da aldeia de Pedro III, seguiu-se o acto de juramento, que foi lavrado pelo sargento mór Alvaro José Xavier, e é do seguinte teor:

"Aos 13 dias do mez de Janeiro de 1788, perante as pessoas abaixo assignadas, se apresentou o maioral da nação chavante de Quá, e á testa das mesmas prestou o seguinte juramento de fidelidade:

"*Arientomó-Iaxé-qui*, maioral da nação chavante de Quá, em nome de toda a minha nação, juro e prometto a Deus de ser, como já sou de hoje em diante, vassallo fiel da rainha de Portugal, Maria I, a quem reconheço por minha soberana senhora, mãe e protectora; e de ter perpetua paz, união, e eterna alliança com os brancos; o que assim me obrigo a cumprir e guardar para sempre. Aldeia de Pedro III, 13 de Janeiro de 1788. — *Arientomó-Iaxé-qui*. — O vigario de Crixá, *João Baptista Gervazio Pitaluga*. — O sargento mór, *Alvaro José Xavier*. — O sargento mór, *Bento José Marques*. — O capitão de dragões, *José Pinto da Fonseca*. — O alleres de pedestres, *Miguel de Arruda e Sá*. — O capitão, *Manoel José de Almeida*..."

"... o novo aldeamento, o qual em poucos annos chegou a contar em seu seio um numero de indigenas superior a cinco mil almas. Pedro III foi o ultimo aldeamento que se extinguiu á força da maior incuria e criminoso abandono".⁽⁷⁾

(7) Cfr. nota 2, pp. 328-336.

Notícias exatas sobre os Xavantes, encontramos-las em 1851, em base ao recenseamento dos Padres Capuchinhos da aldeia de Teresa Cristina do Rio Tocantins⁽⁸⁾.

Em seguida, por causa das doenças e maus tratos recebidos, eles se afastaram dos brancos e foram morar às margens do rio Araguaia. E, deste ponto, inicia o conto particularizado dos Xavantes mesmos sobre suas atividades.

Junto ao rio Araguaia (ÖPRÈ) fundaram a aldeia de DUNARI (casas cobertas com capim); mas os brancos voltaram a incomodar e assim atravessaram o rio e fundaram uma nova aldeia, de cujo nome não se lembram. Mas nem esta nova posição apresentava segurança. Por isso passaram o rio Cristalino, fundando a aldeia de MARATÔBRE, sob a guia de TSE'ERURÊMÊ, DUPTÖÖDI e PARATSÊ, a quem estava confiado o comando da empresa. Quando, porém, chegou o tempo da caça da estação da seca, e uma parte da aldeia foi caçar junto com os três chefes, eles procuraram convencê-los a voltar para Goiás, induzidos a isso pelos brancos.

Não o conseguiram, porém, antes irritaram a comunidade, que procurou eliminá-los. Enquanto os três eram entretidos a comer o mel de um favo muito grande, os outros os assaltaram a golpes de cacete. Dois foram mortos. DUPTÖÖDI salvou-se, porque lhe veio em auxílio sua irmã WAUTÔMDWAWÊ. A caçada prosseguiu, mas todos vigiavam os dois irmãos que procuravam uma ocasião propícia para fugirem. Um dia o conseguiram por uma distração das sentinelas e foram contar aos brancos o que lhes havia acontecido.

Os brancos então se armaram e, durante a noite, junto com os índios Xavantes seus amigos, circundaram o acampamento de caça e mataram todos os homens menos TSEREDZADAZUTÊRE e PARIUPTSÊ, que conseguiram fugir.

(8) RAFAEL TUGGIA, *Mapa dos índios xavantes e cherentes, na nova povoação de Theresa Christina, no rio Tocantins*, Rev. do Inst. Hist. e Geog. Bras., t. 19, p. 119, 1856.

Parece-nos oportuno mostrar a estatística de 1851:

| POPULAÇÃO — INDIOS | | | | |
|----------------------|--------|-----|--------------|-----------|
| de 4 anos para baixo | Homens | 157 | Mulheres 222 | Total 379 |
| de 4 anos a | " | 122 | " 204 | " 326 |
| de 8 " a | " | 180 | " 219 | " 399 |
| de 16 " " | " | 172 | " 193 | " 370 |
| de 24 " " | " | 104 | " 153 | " 257 |
| de 40 " acima | " | 209 | " 199 | " 408 |
| | Total: | 944 | 1.195 | 2.139 |

Os Xavantes vencedores levaram as mulheres e as crianças para a aldeia, enquanto os brancos voltaram para pedir reforços, a fim de exterminar todos os Xavantes, inclusive os que tinham sido seus aliados. Mas os Xavantes perceberam a traição e mandaram uma com um cabrito que servisse para atrair a atenção dos brancos, a fim de descobrirem onde se reuniam. Descoberto o lugar, alguns índios que conheciam o português se vestiram como civilizados para penetrar no acampamento dos brancos. Os Xavantes descobriram o que já suspeitavam: os brancos tinham a intenção de matá-los. Aproveitando, pois, da noite e de uma chuva imprevista, que certamente contivera os brancos no acampamento e apagara suas fogueiras, fugiram daquela aldeia e atingiram o rio das Mortes. O único grupo que então atravessou o rio, à altura da atual São Domingo (WEDEDEZE), foi o de BURSÊ; os outros ficaram ao longo do rio, apavorados, por causa de grandes cetáceos chamados PEDZAYÚ (boto, SOTALIA BRASILIENSIS).

Sabe-se, porém, que outro grupo, antes deste, atravessara o rio, mas desse, como do que não ousou atravessá-lo, não se teve mais notícias. Estamos por volta de 1860-1870.

A primeira aldeia que se constituiu foi a de WEDE'U (zona 1). Mas, por causa de uma epidemia que exterminou todos os velhos, ela foi abandonada e os Xavantes passaram para a aldeia de BURUÔTÔRÔ, chamada também DZUB'ADZE ou TSÖREPRÊ. Nesta aldeia foi celebrada sucessivamente a perfuração das orelhas dos HÖTÖRÄ, dos ABAREU, dos NODZÖU, dos ANARDWA, dos TSADA'RÔ e os AY'RERE e disso podemos deduzir que os Xavantes ficaram aí uns trinta anos.⁽⁹⁾ Após a morte de um deles, o grupo de RAPA foi fundar uma outra aldeia, a de ÊTÊRAURÄWAWÊ (zona 2), onde, em dois anos, houve a perfuração de orelhas dos HÖTÖRÄ e dos TIRÖWA. Sucessivamente a este grupo juntou-se o de TSIA. Durante uma caçada o grupo de TSÖREPRÊ foi atacado no seu acampamento (U'RE'RE) pelo de ÊTÊRAURÄ que queria vingar alguns homens mortos por um raio e na luta, morreram dois velhos. Depois disso o grupo dos atacantes foi fundar a aldeia de WABDZÊRÉWAPRÊ, onde permaneceu dois anos (zona 3), para ir sucessivamente a

(9) Nesta aldeia nasceu Jerônimo, o nosso principal informador. Conforme os dados a sua idade é de 70-75 anos; é certamente o Xavante mais velho que vive hoje; a sua autoridade é reconhecida por todos os membros das várias aldeias.

WEDETEDE, onde receberam a perfuração de orelhas, no espaço de três anos, os ÈTÈPA e os ABAREU. Neste período, por causa de uma epidemia, o grupo abandonou temporariamente a aldeia e permaneceu um ano sem morada fixa. Depois, enquanto o grupo de TSI'RUPI voltou para essa aldeia, o de PARIÔWA se transferiu para a aldeia de ÔNIUDU (zona 4) onde permaneceu durante o período da seca, para depois voltar, por causa de brigas, ao WEDETEDE, enquanto se fazia a festa WAMŊORO dos ABAREU.

Na seca seguinte, durante a caçada, um Xavante de nome UYRÈ foi mordido por uma cobra e, porque o WAHITEDE'WA de nome BUTSÈ não conseguiu curá-lo e morreu, os parentes mataram o irmão WAWÈ'RU. Esta dúplice morte dá origem a uma outra divisão: o grupo de TSIHÖRIRÄ, PARIÔWA e os parentes de UYRÈ vão para a aldeia de ÔNIUDU (zona 4), enquanto o grupo de 'RÄYWIA com os parentes de WAHITEDE'WA se fixam em PARABUBU (zona 3) onde são iniciados no WAYA os ABAREU. No fim da iniciação, após um ano, o grupo de TSMIRIHU, parente de UYRÈ, volta a ITSÖRÖPRÈ (zona 3) para obter reforços e atacar PARABUBU. Na luta que se segue morreram dois homens. Neste tempo, voltou a PARABUBU também o grupo que estava em ÔNIUDU. Após o assalto e o incêndio da aldeia de PARABUBU, a família de TSIHÖRIRÄ volta à aldeia de ITSÖRÖPRÈ, mas, não se encontrando bem, retorna e une-se aos que haviam fundado a aldeia de PARAWÄDZA'RADZÈ (zona 3).

Nas aldeias de PARABUBU e de ÔNIUDU, não mora mais ninguém. Em PARAWÄDZA'RADZÈ, houve a perfuração de orelhas dos ANARÖWA, que eram só cinco, e aí o grupo ficou três anos. Depois, por causa de um feitiço, TSMHÖRÖPUPU (que hoje vive em São Marcos com o nome de Melreles), brigou com o grupo de TSIWA'RU e, na luta, perderam a vida cinco homens. Por isso se transferiram todos para a aldeia de U'RATA WA'RUTURE (zona 4), onde permaneceram um ano fazendo os PAHÖRI'WA do grupo dos TSADA'RÖ, e desta aldeia, não se afastaram até 1953, quando, por causa de uma epidemia, foram constrangidos a se transferir para BATÖVI. Em ÔNIUDU, permaneceram 15 anos e houve aí a perfuração das orelhas dos grupos TSADA'RÖ, AY'RERE, HÖTÖRÄ, TIRÖWA. Em Batövi, houve a perfuração simples dos ÈTÈPA.

No entanto, por causa da escolha dos PAHÖRI'WA do grupo dos AY'RERE, o grupo de APTSI'RÈ dividiu-se da aldeia 'RITUWAWÈ do de TSIHÖRIRÄ; o 1.º foi para a aldeia de TSIWAWÈNI'RADZÈ (zona 5); o segundo, para a aldeia de ÖWA-

RARE (Coiuene, zona 5). E ambos celebraram a perfuração de orelhas dos AY'RERE. Após um ano da perfuração das orelhas, os dois grupos se juntaram na aldeia de TSIWAWÈNI'RADZÈ e daí foram para RÖDREDZADZÈ, onde fundaram a grande aldeia de 'RITUWAWÈ (zona 6), e perfuraram a orelha dos HÖTÖRÄ. O grupo permaneceu aí cinco anos. Nesta aldeia, um 'RITEY'WA de nome PARAUDZA, que fora PAHÖRI'WA do grupo dos AY'RERE, adoeceu e os pais, atribuindo a doença a um feitiço, levaram-no à aldeia de ÔNIUDU, onde morreu. Então os da aldeia de ÔNIUDU organizaram uma expedição punitiva contra os de 'RITUWAWÈ e a luta acabou sem vítimas. Feita a paz, o grupo dos atacantes voltou a ÔNIUDU, enquanto os de 'RITUWAWÈ voltavam a WEDETEDE (zona 3) onde perfuraram as orelhas dos TIRÖWA. Permaneceram aí, cinco anos. Com a morte de APTSI'RÈ, pai de APÖWE (que vive em São Marcos) e de TSMHÖRÖPUPU, APÖWE matou TSERÈNÖBÖ e o irmão deste, considerando a ambos como responsáveis pela morte do pai. Logo após, o grupo de APÖWE foi para a aldeia de PARA WÄDZA'RADZÈ, enquanto o grupo de TSMIRIHU foi para a aldeia de PARABUBU. O grupo de PARABUBU, ficou 4 anos aí, e, por causa de um ataque dos brancos (junho de 1951 ou 52), juntou-se aos de PARAWÄDZA'RADZÈ. O ataque foi feito, ao romper da madrugada por um pequeno grupo de brancos armados de piri-pipi, que mataram muitos Xavantes. Eis o balanço da agressão:

Mortos: TSIWARI, homem inválido por causa de mordida de cobra; RÖDWAZÈ, mulher de TSIWARI; RÖDARE, mãe de TSIWARI; Cinco filhos 'WATÈRÈMI; Cinco filhas BAONO; a irmã de TSIWARI, com a filha e uma criança.

Feridos: DSUTSI'WA (Batica) — atualmente vive em Sangradouro, foi ferida por um projétil; RÖDHÄ (Gerald) — vive em Sangradouro — estava grávida no tempo da agressão,⁽¹⁰⁾ foi atingida por cinco projéteis: três no ventre, um na coxa e outro no braço; TSIHÖRSÈCÜTÖ (Pedrosa) — morreu em Sangradouro, — foi atingida por um projétil na perna direita; WANÖDRA (Henrique) — vive em Sangradouro — teve os dentes arrancados por um projétil na boca; TEWATÈ

(10) O menino nasceu um mês após tal excídio; vive atualmente em Sangradouro chama-se Pedro e é PAHÖRI'WA do grupo dos ANARÖWA. Ainda hoje se distinguem claramente, no ventre da mãe, as cicatrizes das feridas.

(José) — vive em Sangradouro — foi atingido por um projétil no quadril; OMORE (Sebastião) — morreu em 1968 — foi atingido por um projétil no ombro direito; era AY'REPUDU; RÓDWAU (mãe de Tibúrcio) — ferida na perna direita.

Além disso, os assaltantes queimaram toda a provisão e todas as cabanas e deixaram, no centro da aldeia, uma grande quantidade de carne envenenada.

TSIWARI foi o único homem que conseguiu matar e crucificaram o seu cadáver no meio da aldeia e dispuseram todos os outros ao redor. Esse grupo, depois de um ano de permanência em PARAWÁDZA'RADZÊ, se transfere para a aldeia de ÊTÊ'RÁURÁ (zona 3) junto ao rio PEIÖYREPA, onde se celebra a perfuração das orelhas dos ÊTÊPA. Eles ficam quatro anos nesta aldeia (1952-56); deixam-na em abril de 56, por causa de uma epidemia contraída usando roupas que receberam dos brancos em Xavantina.

O grupo dos PARABUBU vai para além do rio Noidore, perto de Manoel Gomes, donde, por terem matado algumas vacas de um fazendeiro, foram obrigados a se afastar e a construir uma aldeia provisória, pouco distante. Nesse acampamento eles são visitados muitas vezes pelos missionários de Meruri. Em outubro de 1956, cinco Xavantes do grupo que residia perto de Manoel Gomes, foram a Cuiabá pedir a ajuda ao governador, chamado por eles de "papai grande". Mas foi inútil a sua iniciativa. São colocados em um caminhão e mandados de volta a Sangradouro de onde, a pé, retornam à fazenda de Manoel Gomes. Logo após, o grupo se divide em dois: o grupo de DURSÁ que vai a Meruri e daí a Sangradouro, (onde chega a 24 de fevereiro de 1957, domingo), enquanto o de ÖREBEWÊ fica ainda com Manoel Gomes. Entretanto, com medo de ser exterminado pelo grupo de APÖWÊ, também eles chegam às vizinhanças de Meruri, para seguirem enfim, sempre por pressão de APÖWÊ, para Sangradouro (agosto de '57).

Causa da divisão do grupo originário nos dois grupos de DURSÁ e de ÖREBEWÊ, foi a morte de TSEREWATAWÊ atribuída a um feitiço de uma mulher WAUTOMOHÖYBEBE, que por isso foi morta.

O grupo de APÖWÊ (o de São Marcos), depois de ter deixado PARAWÁDZA'RADZÊ, (1952?), chegou à aldeia de ARIWEDE'RÁPA (zona 8), onde ficou 2 anos. Nesta aldeia,

APÖWÊ matou TSEREMRÊ e o filho⁽¹¹⁾; ou melhor, pensou ter matado também o filho. Na verdade, o menino foi enterrado vivo, e a mãe, quando à tarde foi à sepultura, escutou-lhe os lamentos, desenterrou-o e fugiu com ele e um outro filho, em busca de proteção, e refúgio, na aldeia de NORÖWEDE-NA'RADA.

ÖREBEWÊ, irmão de APÖWÊ, percebendo a fuga da senhora, seguiu-a juntamente com PARATSÊ, TSERENIBÖRÖDI e TSEREDZABÊ e a alcançou na aldeia de NORÖWEDENA'RADA, onde exigiu a restituição da senhora e dos meninos. Durante a conversa, WA'RÄYRÖ (que hoje vive em Sangradouro com o nome de Sebastião) feriu ÖREBEWÊ com um tiro de pistola, este tentou fugir, mas foi morto a pauladas. Foi morto também TSERENIBÖRÖDI, enquanto os outros dois conseguiram escapar.

Após a morte do irmão, APÖWÊ, com o seu grupo retorna a PARAWÁDZA'RADZÊ e um ano depois se dirige para Meruri. O grupo da WA'RÄYRÖ, depois do ocorrido, muda-se de NORÖWEDENA'RADA para a aldeia de WEDEDEZE, mas pára em Capitariquara (agosto — 1956), fundando a aldeia de ÖAA (zona 9).

Em NORÖWEDENA'RADA, fica o grupo de DUPTÖÖDI. Construída a aldeia de ÖAA, ÖREBEWÊ, irmão de WA'RÄYRÖ, volta a NOWEDENA'RADA sozinho, para convencer os outros companheiros a se reunirem. Mas foi morto a pauladas por TSERENONIWÊ, TSERENÖA, OMORE. Depois desta morte, o grupo deixa a aldeia e se refugia na de Santa Teresinha (ÊTÊDZUTSERENI), junto aos salesianos. O grupo de WA'RAYRÖ deixa Capitariquara e vai para São Domingos, para pedir auxílio e organizar a vingança contra DUPTÖÖDI. Feito o acordo com o grupo de APÖWÊ (o que vive atualmente em São Domingos), WA'RAYRÖ ataca Santa Teresinha provocando a morte de um Xavante e ferindo onze (14.4.1959). Depois deste ataque, WA'RAYRÖ se retira do grupo de São Domingos e vai para São Marcos, onde já se constituíra a aldeia do grupo de APÖWÊ desde 1958. Durante o trajeto de São Domingos a São Marcos alguns do grupo decidem fazer DABATSA (cfr. pág. 210) e a fumaça adverte os de Santa Teresinha de que os de

(11) Durante a viagem que nos levou a visitar as sete aldeias xavantes, passando por Xavantina, encontramos este rapaz, hoje com quase trinta anos, que vive longe da aldeia e se tornou autônomo, trabalhando como mecânico em uma oficina do lugar. É sua ideia fixa: vingar a morte do pai, ainda que viva completamente afastado da tribo.

WA'RĀYRÒ estavam por aquelas bandas. Um homem dos WA'RĀYRÒ é ferido por um projétil no pulso e os companheiros respondem ao fogo, matando três inimigos e depois fogem. Mas os de Santa Teresinha os enganam: gritam por eles como se fossem parentes e conseguem fazê-los voltar atrás assim matam sete e os outros fogem para Garapu (zona 2).

WA'RĀYRÒ, sozinho, atinge Xavantina, onde encontra um grupo de Xavantes do grupo de Santa Teresinha, que se haviam estabelecido em Areões.

É bom notar que este grupo, antes de deixar a missão, havia matado o filho de APŌWĒ, de São Domingos. WA'RĀYRÒ, por causa do encontro de Xavantina, volta, imediatamente a Garápu, donde o seu grupo parte para São Marcos. São mandados na frente, para preparar o terreno a WA'RĀYRÒ, aqueles que têm parentes em São Marcos; isto é feito porque APŌWĒ, de São Marcos, está decidido a matar WA'RĀYRÒ, que neste interim acha-se acampado a uns 40 quilómetros daquela aldeia, junto à cachoeira da Fumaça. Depois de várias embaixadas, os dois chegam a um acordo e WA'RĀYRÒ alcança São Marcos com o seu grupo, reduzido a umas sessenta pessoas. Em 1966, enfim, WA'RĀYRÒ deixa o seu grupo e vai para a aldeia de Sangradouro, onde ainda vive.

Depois de dois anos da formação da aldeia de ÈTĒ'RA'URĀ, por causa da queda de um raio no WARĀ que matou muitos homens, o grupo de 'RĀPA retornou à aldeia de Irsōrō-prê onde se celebrou a perfuração das orelhas dos HŌTŌRĀ, dos TIŌŌWA, dos ÈTĒPA, e dos ABAREU. Cumprido o rito, também para estes últimos, o grupo de PARAHIPA se transferiu para a aldeia de ARŌBŌŌNIPŌ (zona 1) enquanto o grupo de TSERĒNŌ'RA foi para a aldeia de MARĀWATSĒDĒ (zona 7).

Aos 6 de novembro de 1941, os Xavantes da aldeia de ARŌBŌŌNIPŌ exterminaram junto à aldeia mesmo, a expedição do doutor Pimentel Barbosa: seis mortos e um só sobrevivente, que conseguiu salvar-se fugindo. O chefe do grupo era APŌWĒ atualmente chefe de São Domingos que sucedeu a PARAHIPA. A 1.º de novembro de 1934, o grupo de MARĀWATSĒDĒ matou os dois padres salesianos Fuchs e Sacillotti. Os ANARŌWA eram então WAPTĒ. Quinze anos após tal acontecimento — os HŌTŌRĀ eram WAPTĒ — por causa de um litígio, o grupo se dividiu: TSEREDZABDI alcança a aldeia de HUUSHI, enquanto o grupo de TSERĒ'RURĒME ficou em MARĀWATSĒDĒ.

Os dois grupos se uniram novamente em 1946, na aldeia de UM'RĒ'RURE, no Sulamissu, para alcançar São Marcos em 1966.

Os da aldeia de ARŌBŌŌNIPŌ, quando os TIŌŌWA eram 'RITEY'WA (1946), tiveram os primeiros contactos com Chico Meireles. Em 1951, por causa de lutas internas, queimaram a aldeia e se dividiram: o grupo de APŌWĒ foi para a aldeia de São Domingos (WEDEDE) — em contacto com os funcionários do Posto do S.P.I.; o grupo de UYĒ foi para a aldeia de NORŌWEDENA'RADA (Areões em 1951-52).

APŌWĒ de São Domingos ameaçou atacar esta aldeia e isso fez com que o grupo fugisse para a missão de Santa Teresinha.

Enfim, o grupo de Jerônimo chegou a Sangradouro, da aldeia de Eatovi, aos 11 de janeiro de 1964, enquanto o de Paulo proveniente da mesma aldeia chegou aos 24 de maio do mesmo ano.

Encerramos este capítulo com uma estória de uma caçada que se concluiu com o encontro de um grupo inimigo, assim como nos foi contada por um Xavante.

Pode parecer que esta seja uma conclusão estranha completamente fora do tema. Na verdade, parece-nos que a estória do índio assume, quando se faz uma leitura atenta, um profundo valor documentário, porque deixa transparecer alguns traços fundamentais da índole desta gente e ilumina de reflexo a condição dramática do índio de frente à agressão branca.

"APŌWĒ foi caçar com um grupo de HŌMŌNO e um velho, que abatia muitos animais; e também APŌWĒ e o grupo matavam muitos animais.

Quando o velho — era WAMARĪTEDE'WA — dormia de noite, sonhava, sonhava muito; depois sonhou que o grupo de Xavantes de MARĀWATSĒDĒ vinha ali pra apanhar coco.

O velho acordou com o sonho, se lembrava de todo o sonho, e acordou os outros: — Acorda, minha gente! Sonhei que uma pessoa me contou que os Xavantes de MARĀWATSĒDĒ chegam para recolher coco e vêm dispostos a lutar; estão com os arcos prontos.

O velho levava um pedaço de WAMARĪ e aquele pedaço de madeira lhe falava em sonho: — "Meu velho, não vás adiante, porque, se fores adiante, encontrarás os Xavantes, são muitos, se te encontrares com aqueles Xavantes morrerás".

E o velho dizia ao grupo: — Se formos lá contra o grupo de MARĀWATSĒDĒ, que é muito numeroso, ele nos fará mal; assim uma voz me falou; portanto pintemo-nos e esperemos prontos a chegada dos Xavantes.

Foram mais adiante, APŌWĒ viu as pegadas dos Xavantes de MARĀWATSĒDĒ, seguiu um pouco, viu uma árvore cortada para levar as cascas e mais adiante encontrou os sinais de que tinham pegado uma anta: havia pedaços de pau queimados pelo fogo e os ramos que haviam usado para assar a carne da anta.

Então APŌWĒ voltou atrás assobiando para encontrar a anta; a anta assobiou; APŌWĒ assobiava e a anta respondia. APŌWĒ chegou onde a anta estava deitada, atirou uma flecha, uma outra e a anta morreu. Então APŌWĒ subiu em uma árvore e gritou; os companheiros chegaram e retalharam a anta; voltando ao acampamento, assaram a anta e o velho repetia: — Esperai; uma voz em sonho me disse...

Foram mais para frente, enquanto dois sempre seguiam as pegadas dos Xavantes; foram para a frente observando e chegaram onde estava o acampamento; depois voltaram aos companheiros e contaram: — Penso que são brancos porque cortam as árvores com facões, corta muito bem, têm um jirau para assar a carne.

— Penso que são Xavantes porque arrancam raízes selvagens. — Não são outros índios que caçam e assam a carne assim. — Penso que são brancos, porque cortam os ramos com facões.

Assim discutiam.

— Voltemos agora, porque estamos muito longe.

Mas não voltaram e foram mais adiante, foram longe e e os velhos (eram três) estavam cansados; os mais jovens foram adiante. — Esperemos os velhos, estão muito cansados e muitos carregados. APŌWĒ disse: — Cada um pegue um pouco de carne dos velhos.

Enfim os velhos chegaram e os outros descarregaram-lhes os cestos e cada um levava um pouco para eles.

Quando os velhos se atrasavam, os outros os esperavam e assim o grupo dos caçadores chegou perto da aldeia de ARIWEDE'RAPA, e os velhos disseram: — Os Xavantes antigamente quando encontravam as pegadas de outros cantavam assim para avisar os da aldeia.

Um começou a cantar batendo as flechas nos arcos; os outros gritavam e, assim, chegaram à aldeia.

Todos se ajuntaram no WARĀ, os da aldeia, e respondiam com gritos e tocavam a UPAWĀ.

Os caçadores depositaram os cestos por terra e os anciãos da aldeia perguntaram: "Que encontrastes?" "Encontramos as pegadas dos Xavantes de MARĀWATSĒDĒ que foram recolher cocos". "Amanhã voltaremos para segui-los".

O velho disse: — Não! agora repousemos; só daqui a três dias.

Passou um dia, passaram três dias e prepararam os cordéis e o algodão, e o velho disse: — Agora podemos ir até encontrar as pegadas e segui-las. Partiram todos os homens e os velhos. Encontraram as pegadas e as seguiram; dois WAPTSAY foram à frente para ver para onde foram os Xavantes: subiram em uma colina e viram a fumaça de um acampamento e voltaram.

— Vistes algo? Estão perto? — Vimos a fumaça. — Em que lugar? — Lá onde há muitos babaçus, onde há muitos cocos. — Quantas fumaças vistes? — Parece-nos que eram muitas.

O velho disse: — Basta só espantá-los para tomarmos os seus instrumentos de ferro; penso que eles têm muitos, porque moram perto dos brancos; não é preciso matar a ninguém do contrário se enfurecem e virão atacar a nossa aldeia. Amanhã vamos lá perto e vos pintareis, cercareis o acampamento, tocareis a UPAWĀ e dareis um grito; e assim eles se espantarão, não pegarão nada, mas fugirão e, assim, nós pegaremos os seus instrumentos.

Foram, pois, e chegaram perto, quando viram um favo de mel; tiraram e comeram, encontraram outros; porque estavam com fome, procuravam e encontravam. Encontraram também um tatu grande, que estava no caminho dos MARĀWATSĒDĒ; estava num buraco raso e, por isso, o mataram.

Os velhos perguntaram: — O tatu é velho? — Não, é novo. — Então vamos matar aqueles Xavantes jovens, como mataram este tatu". Os jovens replicaram: — Assim pensais vós, estais dizendo bobagens".

Depois acenderam fogo para queimar as abelhas.

Um Xavante de MARĀWATSĒDĒ viu o fogo e avisou os companheiros: — Atenção, que vi uma coluna de fumaça. Mas os outros não acreditaram. — Nós não acreditamos que viste fogo; quando tempo durou? — Subiu uma coluna de fumaça e logo sumiu; penso que são Xavantes que estão nos seguindo.

Entretanto os Xavantes do outro grupo continuavam a procurar favos de mel, mas não davam a um deles; e ele, cansado, porque nenhum lhe dava mel, foi procurar sozinho. Encontrando um favo, colocou-o por terra, mas não o comeu. Chamou os outros; quando estes chegaram para comer o mel, pegou um pau e esmagou a favo, dizendo: — Podeis comer vós; é assim que eu pegarei e esmagarei os Xavantes; podeis servir-vos. E ria deles. — Por que fizeste isso? — Porque vós não me dáveis e fiquei com raiva e destruí este mel.

Todos riram com ele.

Este era meu pai.

No outro dia, chegaram perto do acampamento inimigo e se pintaram todos; os velhos disseram "Não se podem atirar flechas contra os Xavantes; basta gritar. Espantá-los, correr e fazer muito barulho; e eles fugirão, porque são muito medrosos".

Ao amanhecer, cercaram o acampamento. Um Xavante de MARĀWATSĒDĒ foi cedo ao mato para as suas necessidades, viu um Xavante dos que atacavam e correu gritando: Os Xavantes vêm atacar-nos, acordai, acordai, que estamos para morrer todos por suas mãos. Então todos começaram a correr apavorados gritando: Não nos mateis, somos vossos amigos, vossos parentes. E gritavam com medo: Onde está o meu parente, o meu amigo? não veio convosco? — Não veio também o meu amigo? Ei, meu amigo, vem cá! E gritavam o nome. Muitos escaparam por medo, outros ficaram presos pelo medo. Cada prisioneiro começou a dizer: — Espera-me aqui, ontem esqueci a esteira e vou buscá-la. Era uma mentira. Os Xavantes o sabiam, mas os deixavam ir assim mesmo.

— Vou chamar meu filho que foi cortar palmito para comer, vou chamá-lo esperem-me aqui. E saía gritando: — Filho, filho! E sumia. São todos assim aqueles de MARĀWATSĒDĒ! ... — Vou acompanhar aquele velho, senão se perde e uma onça o devora. E foi gritando — kai, kai! — E desapareceu. Assim todos desapareceram. Só um velho TSATSE ficou e falou duramente a APŌWĒ:

Por que viestes aqui? Sois desobedientes e maus. Não vedes os velhos que estão convosco? Sois jovens e não obedecis aos velhos nem aos vossos pais.

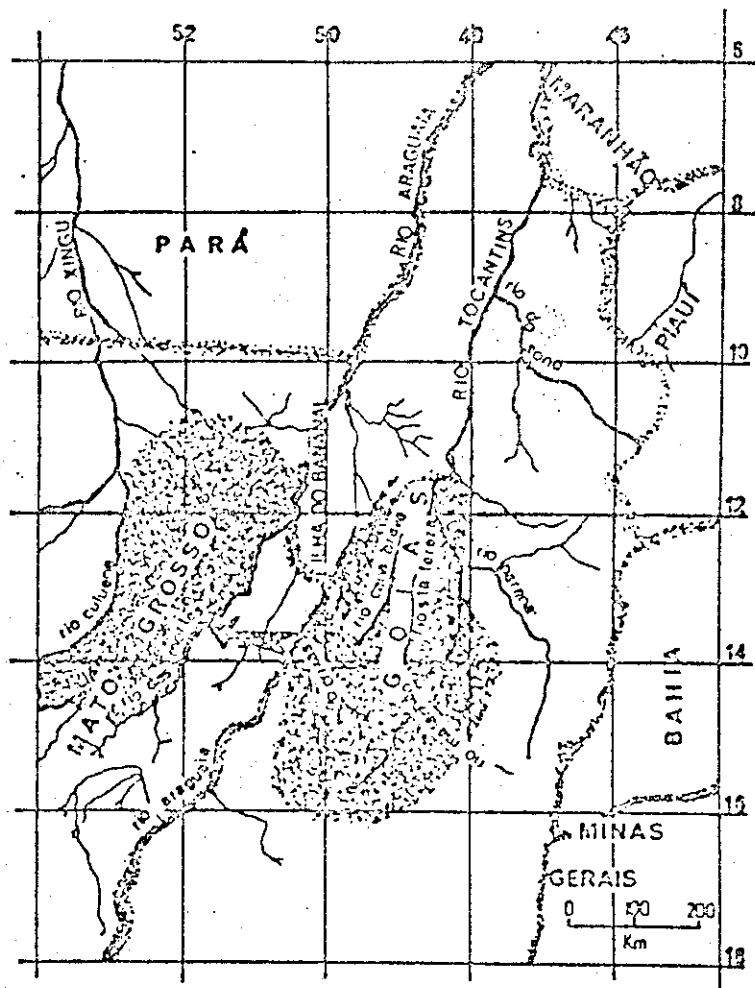
Sei que os velhos vos dizem para não atirar flechas em nós, vos falam de nós para não nos fazer mal.

O nosso velho disse: — Tenha paciência, eu não mandei nada, não dei ordem para vos fazer mal, são eles que o estão fazendo; eu não deixei matar nenhum, escaparam todos, porque eu quero bem a todos vós, porque sois meus parentes; este é meu filho, é meu parente.

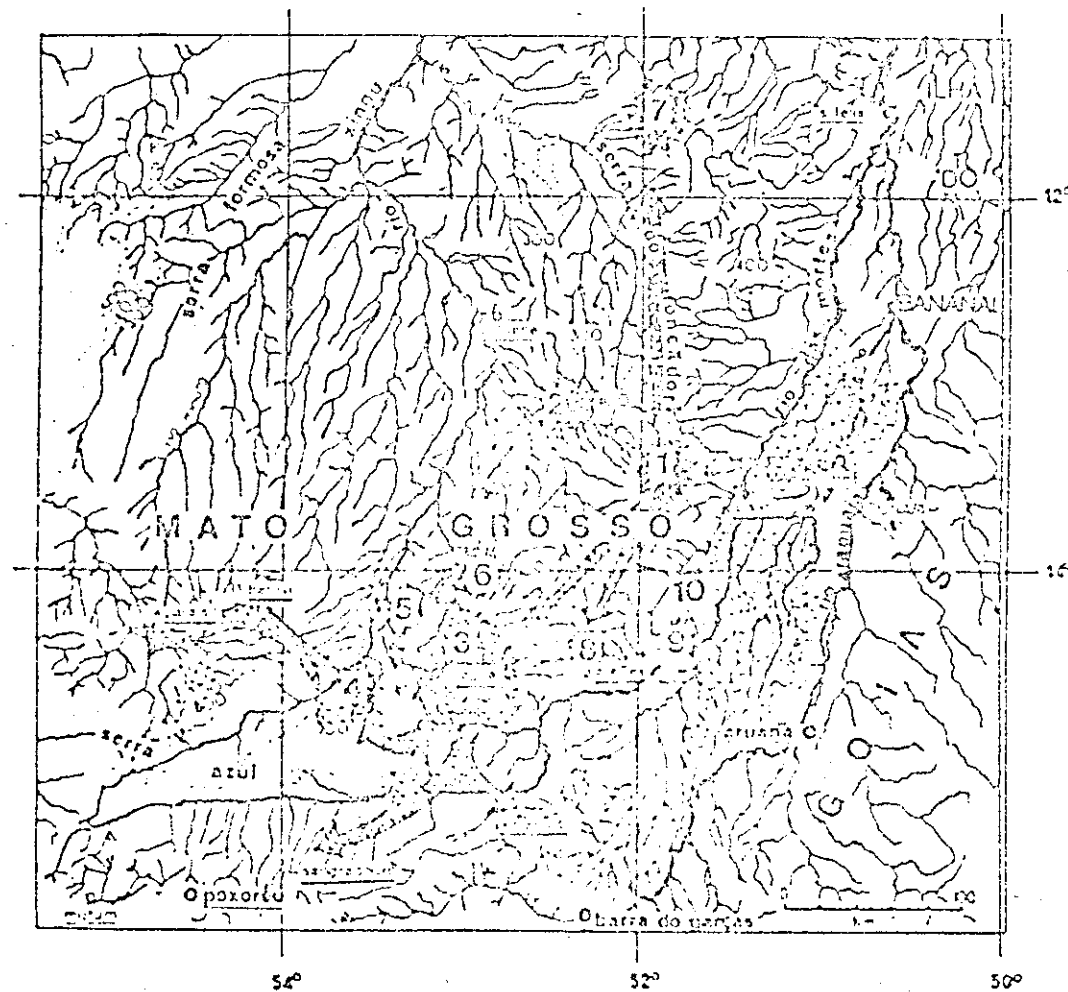
TSERĒNIPĒ disse, então, ao velho de MARĀWATSĒDĒ — Fica quieto, senão morrerás. — Podeis matar-me, eu não tenho medo de vós; podeis matar-me. Volto para MARĀWATSĒDĒ, ajunto minha gente e vos ataco na vossa aldeia e vos mato a todos". — Podes matar-nos, não temos medo. — Não vos matarei com flechas, mas com fuzis". Vem tu por primeiro para enfrentar as nossas flechas e por primeiro morrer".

Trocou, então, o medo de falar, acalmou-se e disse: — Não vos zangueis com minhas palavras; falei duro, porque sempre atacais a nossa gente e eu não fico satisfeito nem contente com isso.

Nós também não estamos bravos contigo com tuas palavras; falaste com pressa e disseste que todos os xavantes tem fuzis e pistolas mas percebo que isso são bobagens. — Certo que aqueles Xavantes que afugentastes vos atacarão e eu irei com aquele grupo atacar-vos, mas eu não farei mal, ficarei de longe.



TERRITÓRIOS DOS XAVANTE



MIGRAÇÕES DOS XAVANTE